

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Renata Lerina Ferreira Rios**

***QUANDO A UNIVERSIDADE É UMA FESTA:***

***TROTE E FORMATURA***

Porto Alegre, março de 2010.

RENATA LERINA FERREIRA RIOS

***QUANDO A UNIVERSIDADE É UMA FESTA:***

***TROTE E FORMATURA***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: Dra. MARIA HELENA CAMARA BASTOS

Porto Alegre, março de 2010.

RENATA LERINA FERREIRA RIOS

***QUANDO A UNIVERSIDADE É UMA FESTA:***

***TROTE E FORMATURA***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora:

Doutora Maria Helena Camara Bastos (PUCRS)

Doutor Marcos Villela Pereira (PUCRS)

Doutora Flávia Obino Corrêa Werle (UNISINOS)

---

Orientadora: Maria Helena Camara Bastos





*“A História, como se sabe, é efetivamente a região mais erudita, mais atravancada talvez de nossa memória; mas é igualmente a base a partir da qual todos os seres ganham existência e chegam a sua cintilação precária. Modo de ser de tudo o que nos é dado na experiência, a História tronou-se assim o incontornável do nosso pensamento.”*

Michel Foucault, 1999, p. 300

## Agradecimentos:

Faz parte de grande parte das culturas do mundo, em distintos períodos da história, agradecer um favor, um convite ou um presente recebidos. Agradecer não é somente dizer *obrigado*, mas acima de tudo é reconhecer a distinção prestada a partir do uso deste mesmo *obrigado*.

Nos dias de hoje, pouco se ouve agradecimentos corriqueiros como para alguém que oferece um assento no ônibus ou abre a porta do elevador. Em se tratando de eventos mais marcantes, como casamentos, os nubentes já não mais expressam suas gratificações individualmente, elas vêm na forma de lembranças padronizadas ao final da festa.

Ainda assim, ou melhor, por isso mesmo, aqueles que recebem o reconhecimento por suas atitudes ou ofertas, sentem-se regozijados com a consideração observada.

Nem sempre é possível que o agradecimento oferecido tenha em si o valor mensurado pelo obséquio recebido, mas isso não anula o valor emocional agregado ao simples, estimado e poderoso ato de agradecer.

Agradeço, então, à orientação constante e direta de minha orientadora que fez possível transformar a interminável coleta e análise de fontes nesta dissertação. Diria não só um *muito obrigada*, mas um **OBRIGADOOO**, daqueles ditos em shows, aos gritos.

Agradeço aos homens que, apaixonados pelo saber, uniram-se, há mais de oitocentos anos, e construíram um espaço (físico e espiritual) onde pessoas com suas infinitas diferenças podiam compartilhar dos saberes, até então, dispersos pelo mundo. A eles tenho que dizer *gratias ago vos*<sup>1</sup>.

Aos funcionários, professores e administradores da PUCRS que ofereceram suas experiências nas questões levantadas pela pesquisa para que esta pudesse ser realizada. *Obrigada* pela disposição sincera e pela abertura de portas e de memórias, que não só enriqueceram a pesquisa como também o meu próprio conhecimento.

---

<sup>1</sup> Muito obrigada, em latim, língua padrão das universidades medievais.

Não poderia deixar de dizer *obrigada* à PUCRS, instituição que me recebeu como pesquisadora e abrigou o principal cenário da minha pesquisa e ao CNPq, por possibilitar que a minha dedicação à instigante vida de pesquisador pudesse ser *full time*.

É claro, digo também *obrigada* aos universitários que, por serem calouros, veteranos ou formandos, fizeram ser possível a construção desta pesquisa.

Um sincero *muito obrigada* à minha família, que me ajudou com palavras e ações, mas também com silêncio, quando dele eu precisei.

Agradeço às sugestões esporádicas ou indiretas de professores, colegas e amigos, do Brasil e da Argentina, contribuindo com seus diferentes olhares, possibilitando um toque mais dinâmico ao texto final, *obrigada* a vocês por isso.

Agradeço à deliciosa oportunidade de ter vivido em La Plata, Argentina, para assim ter enriquecido ainda mais meu conhecimento para esta pesquisa, não se limitando tão somente a ela, desvendando possibilidades em leituras, culturas e vida mesmo. Assim, *muito obrigada* ao CAPES, entidade que financiou o intercâmbio PUCRS/UNLP<sup>2</sup>, garantindo esse enriquecimento.

Às funcionárias da secretaria da Faculdade de Educação, da PRAC, do setor de Diplomados, da biblioteca, do LAMI e de mais onde eu possa ter recorrido, em busca de informação ou ajuda, *muitíssimo obrigada*.

Há sempre mais a agradecer. Então a esses, *muito obrigada* também.

---

<sup>2</sup> Universidad Nacional de La Plata.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa os rituais festivos, que marcam o ingresso e a conclusão dos estudos universitários, no mundo acadêmico do Brasil: o *trote* e a *formatura*. Nestes rituais se realizam, no caso do trote, a passagem de aluno regular para estudante universitário, e no caso da formatura, de universitário à profissional. Para esta pesquisa são utilizados determinados conceitos (rito, ritual, tempo, limite, símbolo, simbologia, simbolismos, identidade, festa, mito, imagem e imaginário) que são, ao mesmo tempo, a base e a moldura em que esta dissertação se apóia e se limita. Os métodos em que se desenvolve a investigação são a análise bibliográfica, as entrevistas e questionários realizados com alunos, professores e funcionários da universidade e observações *in locus*. Os dados foram coletados em sua maioria na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A pesquisa compreende o aspecto histórico em que surgiram os dois eventos durante a Idade Média, junto à própria formação das universidades. Ainda que a investigação tenha seu núcleo no mundo acadêmico, também abrange os meios de comunicação e mídias, as relações entre a sociedade e a vida acadêmica, e as formas em que esses ritos vêm sendo distorcidos desde suas origens na Idade Média até a sociedade atual, impregnada pelo consumo e pela violência. O trote e a formatura são analisados como reflexos dos processos que a sociedade vai passando. As considerações finais se centram nas alterações que ocorreram entre a simbologia original destes ritos e a idéia da sociedade atual que confunde trote com violência e formatura com espetacularidade.

Palavras-Chave: Trote, Formatura, Universidade, Rito, Ritual, Cerimônia, Festa.

## RESUMEN

Esta investigación analiza los rituales festivos, que marcan el ingreso y la finalización de los estudios universitarios, en el mundo académico de Brasil: el *trote* y la *formatura*. En estos rituales se realizan, en el caso del *trote*, el pasaje de alumno regular a estudiante universitario, y en el caso de la *formatura*, el de universitario a profesional. Para esta investigación son utilizados determinados conceptos (rito, ritual, tiempo, límite, símbolo, simbología, simbolismo, identidad, fiesta, mito, imagen e imaginario) que son, al mismo tiempo, la base y la moldura en que este trabajo se apoya y limita. Los métodos en que se desarrolla esta investigación son el análisis bibliográfico, las entrevistas y cuestionarios realizados con alumnos, profesores y trabajadores de la universidad, y observaciones hechas *in locus*. Los datos fueron recolectados en la Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. La investigación comprende el aspecto histórico en que surgieron los dos eventos durante la Edad Media, junto a la propia formación de las universidades. Si bien la investigación tiene su núcleo en el mundo académico, también abarca los medios de comunicación, las relaciones entre la sociedad y la vida académica, y las formas en que estos ritos se han distorsionado desde su origen en la Edad Media a la sociedad actual, impregnada por el consumo y la violencia. El *trote* y la *formatura* son analizados como reflejos de los procesos que la sociedad va sufriendo. Las consideraciones finales se centran en las alteraciones que ocurrieron entre la simbología original de estos ritos y la idea de la sociedad actual que confunde *trote* con violencia y *formatura* con espectacularidad.

Palabras-Claves: Trote, Formatura, Universidad, Rito, Ritual, Ceremonia, Fiestas.

## ABSTRACT

This research analyzes the student festive rituals of admission into and graduation from university, from Brazil's academic world: the *trote* and the *formatura*. These rituals have the purpose to accomplish the passage from secondary to university studies in the case of the *trote* and the passage from university to the professional world in the case of the *formatura*. This research uses specific concepts (rite, ritual, time, limit, symbol, symbology, symbolism, identity, festival, image and imagery) which are, at the same time, the basis and shape that limit and support this work. Bibliographic analyses, interviews and questionnaires to university students, teachers and workers, and observations *in locus* are the methods to perform this research. The data were gathered at the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. The research covers the historical background in which these two rituals were originated back in the Middle Ages, together with the development of university itself. Whereas the research has its basis in the academic world, it also includes the media, the relations between academic life and society, and the ways these rituals have been distorted since their origin in the Middle Ages to present day society, imbued with consumerism and violence. The *trote* and the *formatura* are analyzed as reflections of the processes that society undergoes. The final considerations are centered around the mutations between the original symbology of these rituals and the current idea in society in which *trote* is mistaken for violence and *formatura* for pretentiousness.

Key words: Trote, Formatura, University, Rite, Ritual, Ceremony, Festivals.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa matéria publicitária.....	19
Figura 2: Site do 1º Encontro de formandos do RS.....	22
Figura 3: Propaganda POA Produções.....	23
Figura 4: Reprodução de matéria jornalística.....	25
Figura 5: Reprodução de matéria jornalística .....	27
Figura 6: Eu, realizando o meu papel no ritual de formatura .....	30
Figura 7: Desfile de calouros pelas ruas do Rio, 1966 .....	37
Figura 8: Site do Stand de Calouros .....	39
Figura 9: Página da internet para vestibulandos.....	40
Figura 10: Atividade de confraternização no Stand de Calouros 2009 .....	41
Figura 11: Apresentação de cartaz para o Stand de Calouros 2009 .....	41
Figura 12: Reprodução de convite para o Momento Formandos, 2009/1 .....	42
Figura 13: Momento formandos, 2009/1 .....	43
Figura 14 e 15: Cenas de universitários durante o Momento Formandos .....	45
Figura 16: Capa do livreto explicativo do processo de cerimônia da formatura..	46
Figura 17: Propaganda de anéis e pingentes de formatura .....	47
Figura 18, 19 e 20: Imagens digitalizadas de camisetas de formatura por curso.	48
Figura 21: Reprodução de blog de formandos .....	49
Figura 22: Egressa do curso de direito UNLP 2009/2 .....	67
Figura 23: Egressa do curso de comunicação UNLP 2007/2 .....	68
Figura 24: Formandos em Direito .....	69
Figura 25: Reportagem central de material de divulgação .....	77



Figura 26: Matéria jornalística .....	79
Figura 27: Nota em revista sobre a violência no trote .....	81
Figura 28: Reprodução da capa de reportagem .....	82
Figura 29: Revista da PUCRS, em destaque o título “Ritos de passagem” .....	100
Figura 30: Gravura representando ato solene do corte de cabelos em um calouro.....	105
Figura 31: Depoimentos controversos sobre a aplicação do trote .....	108
Figura 32: <i>Bichos</i> em 1966 .....	109
Figura 33: Os bichos da Medicina, no Rio. Cabelos raspados e corpos pintados	109
Figura 34: Calouros fazem festa pelas ruas da cidade .....	110
Figura 35: Site com notícia de trote solidário da PUCRS .....	112
Figura 36: Página de jornal inteiramente dedicada ao tema do trote .....	113
Figura 37: Divulgação em rede de trote cultural .....	114
Figura 38: Representação de colação de grau na Idade Moderna .....	118
Figura 39: Colação de grau em 2007, na PUCRS .....	118
Figura 40: Formandos do curso de Pedagogia, PUCRS, 2007 .....	121
Figura 41: Imagem de salão preparado luxuosamente para a festa de formatura	122
Figura 42: Imagem de um baile de formatura .....	123
Figura 43: Calouros em dia de trote .....	142
Figura 44: Um dos atuais anúncios de participação de formatura .....	146
Figura 45: Coluna jornalística especializada em formaturas .....	147
Figura 46: Cartaz de divulgação de evento para formatura .....	148
Figura 47: Matéria de moda voltada exclusivamente para a formatura .....	149
Figura 48: A superprodução em que se transformou a formatura .....	154

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: .....	127
------------------	-----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atividade(s) com a(s) qual(is) imagina será recepcionado pela universidade.....	129
Tabela 2: Primeira idéia que vem à cabeça quando “trote” é referido.....	130
Tabela 3: Palavras que melhor traduzem os sentimentos sobre o “trote”. (induzida).....	132
Tabela 4: Atitudes consideradas essenciais no ‘trote’. (induzida).....	133
Tabela 5: Atitudes consideradas inadmissíveis no trote. (induzida).....	135
Tabela 6: Tipo de trote que gostaria de receber.....	137
Tabela 7: Tabulação do questionário com formandos em Arquitetura.....	138
Tabela 8: Tabulação do questionário com formandos em Direito.....	139
Tabela 9: Tabulação de questionário com formandos em Pedagogia.....	141

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	17
O ENREDO.....	29
OS CENÁRIOS.....	36
<b>1 – ENSAIO GERAL: UM ESTUDO SOBRE CONCEITOS CHAVE.....</b>	52
1.1 – RITO E RITUAL.....	54
1.1.1 – TEMPO E LIMITE.....	59
1.1.2 – SÍMBOLOS, SIMBOLOGIAS E SIMBOLISMOS.....	65
1.2 – IDENTIDADE.....	70
1.3 – FESTA.....	74
1.4 – MITO.....	87
1.5 – IMAGEM E IMAGINÁRIO.....	89
<b>2 – A UNIVERSIDADE: UMA ANCIÃ/APRENDIZ DE QUASE MIL ANOS.....</b>	92
2.1 – AS ORIGENS.....	93
2.2 – OS RITUAIS DE PASSAGEM NO MUNDO ACADÊMICO.....	100
<b>2.2.1 – 1º ATO: O TROTE.....</b>	102
2.2.1.1 – A ESTREIA NA IDADE MÉDIA (SUAS ORIGENS).....	103
2.2.1.2 – SÉCULO XXI E AINDA EM CARTAZ (ATUALMENTE).....	106
<b>2.2.2 – 2º ATO: A FORMATURA.....</b>	115
2.2.2.1 – A ESTREIA NA IDADE MÉDIA (SUAS ORIGENS).....	116

2.2.2.2 – SÉCULO XXI E AINDA EM CARTAZ (ATUALMENTE).....	119
2.2.3 – AS REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES SOCIAIS NO TROTE E NA FORMATURA.....	126
<b>GRAND FINALE: O FECHAR DAS CORTINAS NÃO ENCERRA A ATUAÇÃO.....</b>	<b>151</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>170</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>173</b>

## INTRODUÇÃO

*...Ter na ponta da língua as palavras que porão fim às interrogações e à dúvida é ter ainda uma garantia, mesmo que mínima, da nossa própria existência, e também da existência do outro diante de nós, saber que estamos realmente ali, de uma ou de outra forma, face a alguém, que nos testemunha e nos dá provas do nosso existir, para além da nossa imaginação, vivos. E presentes, tão presentes agora como imaginávamos estar antes, de alguma forma iguais a nós mesmos, e assim capazes de nos reconhecer, donos de um passado, como, imaginamos, donos de um futuro.*  
Eduardo Cunha Leal (2009, p. 15)

Que compromisso o de escolher o título de uma dissertação! É ele que primeiro será pronunciado quando nos referirmos ao texto dissertado, às páginas e mais páginas escritas, frutos de um árduo trabalho de pesquisa, análise e narrativa. O título de uma obra é muito de sua identidade, é com ele que convidamos o leitor, técnico ou leigo, a folhar as páginas e apreciar a leitura. Ao eleger *Quando a Universidade é uma festa – Trote e Formatura*, o fiz, junto ao constante e indispensável auxílio de minha orientadora, numa inspiração em uma obra citada nesta pesquisa. *Paris é uma festa* (Ernest Hemingway), é um livro capaz de nos transportar no tempo e espaço, nos pondo numa Paris que não existe mais. Assim, quanto a esta dissertação, a intenção é associar este processo mágico que a literatura bem feita é capaz de fazer em nossas mentes, com os processos ritualísticos trabalhados ao longo do texto. São festas que não existiriam sem a universidade e que, como veremos, evoluem e modificam-se como a própria instituição que as filia. E eles tendem a fazer esta viagem virtual, nos descolando ao tempo ido do medievo, de quando já se praticavam estes rituais.

A fim de realizar uma análise dos rituais de ingresso e conclusão aos estudos universitários, esta dissertação investiga os aspectos históricos que contribuíram para a formação destes e as abordagens conceituais a partir de estudos histórico-sociais. A pesquisa envolve os processos e a representação que o trote e a formatura vêm tendo diante da sociedade, por meio de calouros, formandos, mídia e profissionais envolvidos em tais eventos.

A escolha deste tema para o desenvolvimento da pesquisa não ocorreu intempestivamente, foi sendo forjado a partir de leituras e orientações. Foi, como toda pesquisa deveria ser, uma escolha pessoal. A partir da minha própria experiência, como caloura, universitária e formanda, percebi, com o discernimento que só o tempo permite-nos ter, que havia muito que pesquisar do que estava arraigado nesta trajetória vivida por inumeráveis jovens ao longo de quase mil anos.

A definição inicial foi o ambiente da pesquisa: a universidade. Instituição quase milenar, onde diferentes grupos estruturam e são estruturados pela pequena parcela de jovens acadêmicos que usufruem da prática docente de mestres e intelectuais, caracterizando este universo. Estas relações não se dão de forma aleatória ou improvisada, são construções históricas, estabelecidas a partir de hábitos criados e introjetados ao longo do tempo, desenvolvendo ritos, os quais passam a compor o ritmo e o perfil do mundo acadêmico.

Vários elementos caracterizam a vida universitária e quando citados, rapidamente nos levam a esta instituição. Vestibular, trote, estágio, intercâmbio, exames, pesquisa, práticas, orientação, TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), monografia, dissertação, tese, formatura. Cada um tem sua história, seu lugar no tempo e espaço acadêmicos, contribuindo para a estruturação da Universidade e dos cursos específicos que nela são desenvolvidos. Todos esses elementos são relevantes, passíveis de investigação e análise. Mas há dois, que atuam como marcos físico/temporais<sup>3</sup> e que desenham o contorno no qual a graduação é realizada. O trote, que marca o ingresso à universidade, e a formatura, encerrando a formação profissional do graduando.

A graduação é limitada, em seus dois extremos, por estes rituais que servem como portas, onde passam aqueles que irão começar seus estudos e aqueles que já o concluíram, que devem agora voltar à sociedade e gerar os frutos atribuídos aos anos de estudo. As representações destes limites dão-se por meio de dois rituais de passagem já que em ambos os casos os eventos servem como “aberturas” entre os mundos em transição: adolescente/universitário; universitário/profissional.

---

<sup>3</sup> Físico, pois implicam em encenação presencial, envolvendo agentes pertinentes ao mundo acadêmico; e temporais, pois são realizados a partir de um tempo existente entre eles e que, mesmo partindo de uma referência, não é fixo.



A necessidade constante de deter sob controle, tanto por parte da sociedade como da própria universidade, associados a elementos de mídia e de uma crise da universidade mesma, os meios pelos quais os processos interpessoais se dão em âmbito público, fez com que a imagem e o evento ritualístico em si, neste caso o trote e a formatura, fossem transformados, reordenados na escala de valor social, o que implica num deslocamento de elementos inerentes ao processo, como símbolos, mito e imagem. Esta situação compromete o rito, deixando-o num lugar de mero produto especulativo. (figura 1)



Figura1: Capa de material publicitário  
Fonte: Informe Comercial, 9 e setembro de 2009.

O que dizer desta imagem? Os elementos que indicam se tratar de um formando são muitos e bem visíveis, como a toga que o jovem músico veste e o barrete que sustenta na cabeça. Porém outros fogem por completo da cerimônia e do ritual. A guitarra e a postura servem bem para o propósito de divulgação de um evento que se transformou em show! Longe da imagem de um formando em cerimônia formal, a foto sugere muito mais se tratar de um *astro de rock* em alguma performance espetacular. “*O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens*” (DEBORD, 1997, p. 14).

Contudo, estes rituais de passagem, ainda são característicos do mundo acadêmico e remontam para quase um milênio. A história da educação, e mais especificamente a história das universidades, mostra como alguns processos referentes à graduação e titulação permanecem vivos, atrelados a valores medievais, mas que ocupam espaço importante em nossa sociedade contemporânea.

Não se pode, com isso, acreditar que nada mudou, que houve uma simples cristalização de determinados processos sociais, já vimos que isso seria uma falsidade “...o rito é a respiração da sociedade(...) cada terra tem seu uso, cada tempo seus costumes. Os ritos variam de acordo com a época e o lugar” (MOTTA, 1997, p. 23). Para isso, procuramos compreender melhor alguns significados como o de rito e símbolos, os quais serão precisamente considerados nos devidos capítulos.

Para um melhor entendimento do leitor, esta dissertação se estrutura numa divisão de capítulos que leva em consideração não só aspectos espaços-temporais mas também epistemológicos. Com a idéia de clarear de quando, de onde e como se está sendo desenvolvida a análise de dados e fontes, após a apresentação da idéia inicial e dos elementos que a compõe, o capítulo 1 apresenta um estudo direcionado sobre os conceitos que formam a massa básica para depois então ganhar forma nos capítulos seguintes.

Definir como a pesquisa entende e usa conceitos como rito, festa ou símbolos é fundamental para que a leitura da dissertação não se transforme em uma caminhada sem sentido, perdidos em um labirinto de interpretações. Como sabemos, conceitos são relativos, podendo variar de significação conforme autor, linha de análise ou ainda período histórico. Assim, o esclarecimento ao sentido utilizado por esta dissertação é, no mínimo, uma bússola para que possamos seguir sem maiores perigos.

Compreendidos os conceitos, passamos à forma. No capítulo 2, ao qual o título joga com o caráter de continua inovação da universidade, sabendo de sua longa história junto à sociedade ocidental, se faz uma rápida apresentação desta instituição, concentrando atenção maior à prática do trote e da formatura ao longo de sua história. Observar como esses dois rituais se assemelham visualmente por todos os aproximados 800 anos em são praticados, mas que se distanciaram nos significados aplicados, e ainda entender como hoje a sociedade observa esses eventos, através da análise de depoimentos e questionários, é em si a alma deste pesquisa.

Por fim, o fim. Aqui entendemos que *fim*, como algo definitivo e determinante, não existe. É apenas uma conclusão momentânea de uma pesquisa que pode ainda seguir, desdobrar-se, ampliar-se ou inspirar outras tantas. Como o objeto da pesquisa é um sistema ainda em processo, ainda em uso, sabemos que o recorte necessário à prática de investigação, necessita de uma conclusão, mas o movimento não encerra com essa investigação, o trote e a formatura ainda passarão por outras tantas modificações como as que a própria sociedade se submeterá. E essa observação é também uma das conclusões apontadas pela pesquisa: a relação dialógica entre rituais e sociedade. Vemos então que os rituais, mesmo uma criação de representação da sociedade, é também um meio de manter viva na memória desta sociedade quem ela é.

Os meios de comunicação nos apresentam esses dois rituais com diversas conotações. A alegria da conquista, a dificuldade em vencer, o glamour das festas, a violência, o desrespeito, a grande procura. Em geral, o trote e a formatura são tratados como produtos de consumo, não mais como representações sociais. Aqui verificamos como se faz o deslocamento contextual: são produtos a serem vendidos ou rechaçados, não elementos de uma sociedade.

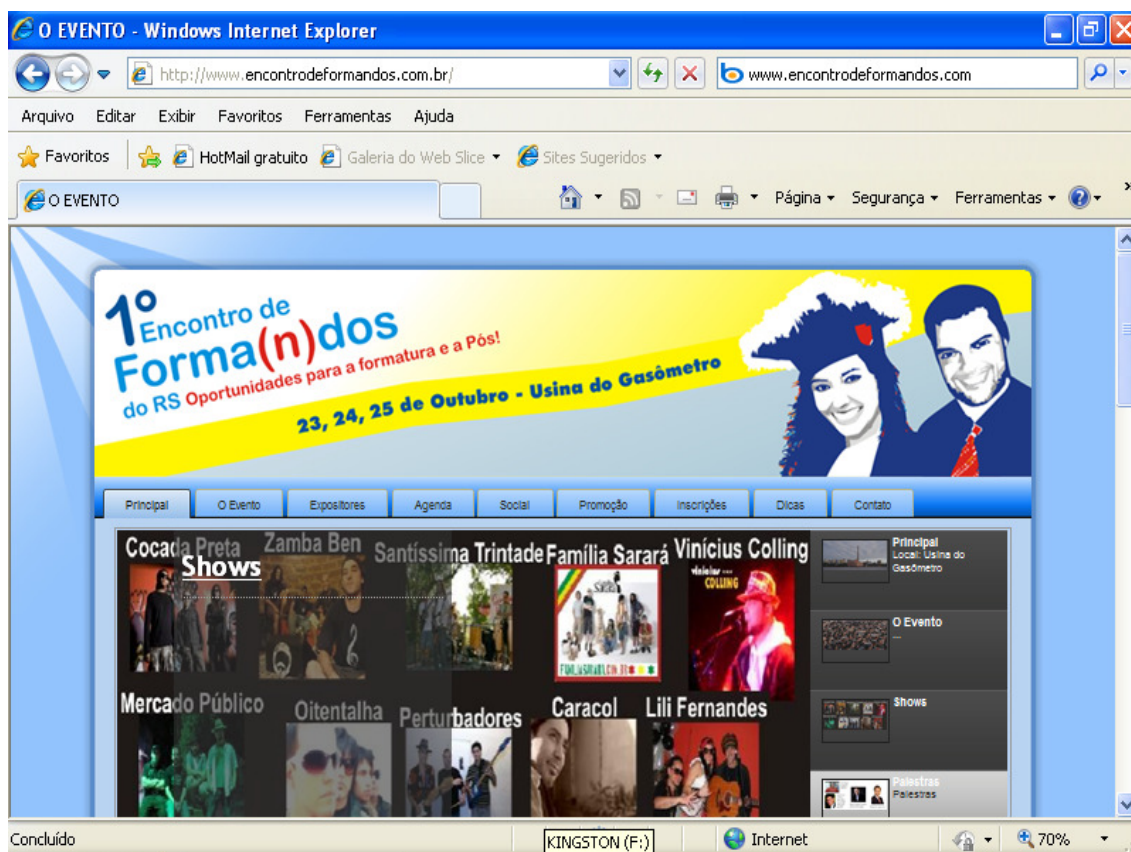


Figura 2: Site do 1º Encontro de formandos do RS  
 Fonte: <www.encontrodeformandos.com.br>

Atualmente a formatura tornou-se um importante e caro negócio. Desde os pequenos no jardim de infância, até os adultos das faculdades, fazer uma festa para comemorar o fim de um ciclo de estudos é elemento incorporado ao próprio ciclo. Este ano de 2009, empresas especializadas neste negócio, reuniram-se num evento chamado *1º Encontro de Formandos do RS* (figura 2), criado para concentrar num único espaço, durante três dias (23, 24 e 25 de outubro) agências, produtoras, fotógrafos, gráficas, enfim, inúmeras empresas relacionadas com a execução da cerimônia e da festa. Formar-se não é mais receber um título, mas também um show.

Na reprodução do site (figura 2), associado ao evento ocorrido em Porto Alegre, verificamos que há uma grande preocupação como os shows promovidos pelo encontro, salientando que não só a formatura é uma festa, mas a preparação desta também o é. Ainda, no próprio slogan, a palavra formandos vem com a letra *n* entre parênteses, sugerindo já a futura condição de formados. Esta situação não leva em consideração o fato de que todos os formandos ainda estão cursando o último semestre, assim, não tendo ainda a



garantia do aproveitamento em todas as disciplinas necessárias para a obtenção de grau. E é exatamente desta situação que o professor do curso de Direito declara, quando questionado<sup>4</sup> sobre o envolvimento dos formandos com a organização do evento, dedicando-se mais a esta tarefa que à conclusão dos estudos acadêmicos.

No direito, a preocupação com o baile é bastante grande, com a própria comissão. Arrecadação de fundos pra aluguel de um local, e também com a formatura em si, com a definição do local da formatura e horário, que aqui é bem disputado pelo excessivo número de alunos (...) até uma certa despreocupação no final do semestre com algumas disciplinas o que acarreta G2, tendo em vista o envolvimento com a formatura (...) o aluno quando ingressa no último semestre ele não é formado e sim aluno formando. (PROFESSOR, Direito)



Figura 3: Propaganda POA Produções

Fonte: Especial Formaturas, informe comercial, 10 de junho de 2009, p. 05

---

<sup>4</sup> Como parte desta dissertação, foram feitas entrevistas com professores e funcionários envolvidos nos processos nas realizações do trote e da formatura, nos cursos de Direito, Arquitetura e Pedagogia, e mesmo de toda a universidade, sendo esta a já referida PUCRS.

A figura 3 trás a propaganda de uma tradicional produtora de formaturas em Porto Alegre e que é uma das cadastradas pela PUCRS (anexo 1) para promover estes eventos na instituição. O slogan desta produtora é extremamente relevante, indicando a transformação da formatura em um espetáculo, como um show.

Tratar o trote apenas como ato de violência/solidariedade, ou a formatura como consumo/ostentação é uma maneira simplória de analisar processos que estão associados à universidade quase desde sua fundação. Nas matérias jornalísticas abaixo, observamos duas situações distintas: enquanto o trote, associado à violência, começa a ter seus dias contados, calouros de diferentes cursos reivindicam o direito a comemorar tradicionalmente a sua conquista.

# Trote violento pode dar multa

Estudantes que se preparam para o início das aulas no Estado têm novas regras para promover as tradicionais "boas-vindas" aos calouros.

Os trotes violentos ocorridos em algumas instituições pelo país levaram os deputados a aprovar, em caráter de urgência, o projeto de lei que pune o trote estudantil violento em instituições de Ensino Superior.

O projeto prevê multas de até R\$ 20 mil e o cancelamento da matrícula por um ano ao estudante que praticar trote violento. Também obriga as universidades a instaurar processo disciplinar contra os alunos infratores, mesmo que a violência ocorra fora de suas dependências. A aplicação das sanções pela universidade deverá ser comunicada ao Ministério Público para a devida responsabilidade penal.



## As punições

Em meio a críticas de alguns parlamentares, estão estabelecidas três sanções disciplinares que poderão ser aplicadas em caso de trote violento:

- ✔ Multa no valor de R\$ 1 mil a R\$ 20 mil, que será destinada à aquisição de livros para a biblioteca da universidade
- ✔ Suspensão do estudante das aulas pelo período de um a seis meses
- ✔ Cancelamento da matrícula por um ano

## O que diz o projeto de lei aprovado

"É proibida a realização de trote que ofenda à integridade física, moral ou psicológica dos novos alunos, importe constrangimento e exponha de forma vexatória os novos alunos e que implique pedido de doação de bens ou dinheiro, salvo quando destinados a entidade de assistência social."

Figura 4: Reprodução de matéria jornalística  
Fonte: Zero Hora, quarta-feira, 25 de fevereiro de 2009



Nesta matéria de Zero Hora, verificamos com que seriedade a violência no trote esta sendo tratada não só no meio universitário, mas administrativo. O texto ressalva que o trote é uma forma de dar “boas vindas” aos calouros o que vem sendo sufocado pelo uso da violência. Assim, por meio de um projeto de lei, os infratores são punis com multa, suspensão dos estudos e cancelamento temporário da matrícula. Ainda, mesmo as ações ocorridas fora da universidade, sendo relacionadas ao trote, devem ser investigadas e os culpados punidos tanto pela universidade como pelo Ministério Público. Desta forma, observamos o quanto o poder público está envolvido em acabar com a violência no trote, sem, no entanto, analisar a sua origem.

Em contraponto à matéria anterior, a reportagem abaixo (figura 5) apresenta o desejo dos calouros em receberem o trote (texto em destaque 1). Estes calouros não ignoram os casos de violência, porém os entendem como atos isolados, que não devem comprometer o ritual tradicional (textos em destaque 2 e 3). Aceitaram o trote solidário, mas exigiram a tradicional pintura e arrecadação de fundos para a festa. Abrem outro questionamento, que diz respeito ao que entendemos por vexatório ou humilhante. Para eles é motivo de orgulho, expresso pelo largo sorriso da caloura em foto de destaque, estar sujos, pintados e com roupas rasgadas. Divertem-se com as brincadeiras propostas, mesmo seja um banho de tinta e ovo (foto central).

**Ensino Superior** Calouros reivindicaram pinturas e as brincadeiras tradicionais

## Bixos pedem para levar trote

No ano em que uma lei federal foi aprovada para coibir abusos nos trotes estudantis, a lógica do tradicional ritual de boas-vindas se inverteu em algumas universidades gaúchas.

Em cursos nos quais os veteranos haviam decidido deixar de lado os famosos banhos de tinta e a mendicância por esmolas, os calouros reivindicaram as brincadeiras.

Foi o caso dos bixos de Medicina da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Inicialmente, segundo a aluna Juliana Leitune, 22 anos, os veteranos pretendiam promover apenas o trote solidário. A ideia foi reforçada após a aprovação, em fevereiro, de uma lei federal prevendo punições aos responsáveis por trotes violentos.

Em função disso, os novatos foram incentivados a plantar árvores, doar sangue e arrecadar alimentos. Conforme o professor Luiz Gustavo Guilhermano, que acompanha de perto os trotes para evitar excessos, a preocupação foi manter a violência longe.

Entre os novos acadêmicos, o trote solidário rendeu elogios. Mas, quando souberam que não seriam pintados nem poderiam arrecadar dinheiro para fazer festa, eles chiaram. Decididos a retomar as velhas tradições, os novatos surpreenderam o diretor da faculdade, Ivan Carlos Antonello, ao solicitar autorização para as brincadeiras.

– Vieram me pedir para que os deixasse pintar o corpo e pedir esmola. Permiti que fizessem isso dentro da área do hospital – destacou Antonello.

Na tarde de ontem, os calouros tiveram os pedidos atendidos. Os que decidiram participar, foram pintados da cabeça aos pés e receberam até sanduíches e água mineral dos veteranos.

– Não temos queixa nenhuma. Até lanchinho ganhamos – contou a novata Bruna Arruda, 21 anos, presenteada com uma faixa de miss.

### Na UFRGS, até ovos foram jogados nos alunos novatos

Postura semelhante foi constatada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No campus do Vale, os bixos da Engenharia de Alimentos fizeram questão de enfrentar o banho de tinta e pedir dinheiro, e não recusaram nem dos ovos.

– Acho a lei importante, mas batalhei um monte para estar aqui e estou feliz por participar do trote – disse a caloura Bruna Nogueira, 24 anos.

Para a maioria dos universitários, segundo a professora do Instituto de Psicologia da UFRGS, Maria Célia Lassance, as atividades não são, necessariamente, sinônimo de humilhação:

– Esses estudantes são de classe média e sabem que é uma vez na vida. Eles querem é se mostrar para a sociedade. Só vira um problema quando descamba para a violência.



A recém-chegada Bruna Arruda recebeu faixa de miss dos veteranos da PUCRS



Na UFRGS, calouros ficaram animados com banho de tinta e ovos (ao lado) e fizeram questão de pedir dinheiro para fazer festa (abaixo)



Figura 5: Reprodução de matéria jornalística  
Fonte: Zero Hora, sábado, 7 de março de 2009

O trote não é apenas uma brincadeira que se converteu em violência. Ele é um rito que marca uma mudança e esta mudança necessita ser representada. Entrar numa universidade, muitas vezes depois de algumas tentativas frustradas, envolve uma sensação de satisfação consigo que se faz necessária ser externada. Não é o caso de abolir o trote, porém o de investigar e eliminar a violência.

A escolha por utilizar junto aos títulos dos capítulos as nomenclaturas dadas aos atos de uma ópera ou peça teatral deve-se a alusão de encenação que os ritos cumprem em nossa sociedade. Ensaçados ou não, os rituais oferecem todos os elementos de uma apresentação: cenário, atores, trajes, gestos e linguagem. Alguns destes rituais estão tão naturalizados que não percebemos quando saímos da ação comum e passamos à atuação. Ao decorrer desta dissertação estes e outros elementos que compõem o trote e a formatura serão devidamente apresentados.

Esta pesquisa está estruturada a partir da análise de conceitos chave, que compõem o processo ritualístico de iniciação e encerramento dos estudos universitários. Esclarecer o que entendemos por festa, ritual ou cerimônia, por exemplo, é fundamental para que as idéias propostas, ao longo deste material, sejam compreendidas. Porém, é necessário que saibamos que existem muitas possibilidades de classificação ou conceituação para os temas aqui trabalhados, que a postura dos estudiosos é ainda muitas vezes dicotômica e que, portanto, elegemos as que às nossas pesquisas se apresentaram as mais adequadas.

A busca por fontes históricas para a verificação tanto da origem quanto da manutenção do trote e da formatura é outro fio que tece esta dissertação. A princípio, esta foi a escolha fundamental como tema desta pesquisa: a história dos rituais dentro da universidade. É claro que tendo como formação inicial o curso de história, a tendência seria a de me manter nesta área. O desdobramento deu-se naturalmente, em que a pesquisa histórica necessitou de um *a priori* conceitual descrito acima, e com a chegada ao presente, as fontes se diversificaram. É então que o estudo extrapola os livros e passa a ser composto por material de mídia (jornais, revistas, sites), entrevistas e observações.

Ao tecer conceitos, história e análise empírica, algumas questões tinham maior destaque, tornando-se então focos de análises mais profundas: a violência e transfiguração do trote, comprometendo seu conceito e processo originais, e a espetacularização da formatura, ocorrida tanto na cerimônia de colação de grau quanto na festa que a sucede.

Foi então, a partir destas duas evidências de deslocamento conceitual, que organizei o desenvolvimento desta pesquisa. Esse processo apresentou muitos desdobramentos que, mesmo tendo sido apontados nos devidos momentos, não poderiam ser desenvolvidos, já que ampliariam por demais este estudo. Expansão universitária, massificação, violência social, crise econômica, falta de empregos, são alguns dos elementos que cruzaram os caminhos desta pesquisa, porém deverão compor uma análise mais profunda em outra ocasião, em outra pesquisa.

*A universidade também é uma festa* não se trata de um estudo de imagens, da análise discursiva ou de estudo antropológico, é sim uma pesquisa qualitativa, apoiada na história cultural<sup>5</sup> e acercada pela sociologia e etnografia. Portanto, a realização e análise de entrevistas, que permearão esta dissertação, assim, como as imagens e questionários, não são os principais objetos de análise. A intenção é entrecruzar a história por meio da bibliografia, a imagem social com o uso dos meios de comunicação, e a concepção acadêmica através de entrevistas, questionários e observações.

## O ENREDO

É muito gostoso quando fazemos uma investigação e o tema pesquisado tem relação com nosso mundo direto, vivido e apreendido por nós, fazendo parte também da nossa história pessoal. Lembrar do dia em que vimos nossos nomes no listão, a primeira aula no campus, o trote, o real ingresso no mundo acadêmico. Os anos dedicados à formação profissional, quando os lembramos, geralmente revivemos as sensações da época e quase nos podemos ver passando pelo saguão de acesso às escadas, cumprimentando os colegas e nos dirigindo para uma aula! Anos depois, completada a etapa acadêmica, encontramos o nosso papel no ritual de encerramento. Éramos formandos! Reunião de comissão, escolha do convite, decoração do salão, músicas, prova de toga, enfim, a cerimônia. Mas quantos de nós reconhecemos, em seu momento de formatura, a complexa simbologia por trás da festa, da fala ou do gestual?

---

<sup>5</sup> Neste tipo de pesquisa, há um cuidado maior na observação das diferenças sociais e culturais, verificadas quando da distinção espacial do evento ou extensão temporal do mesmo. Assim, procura reconhecer a unidade do processo sem ignorar suas transformações em decorrência do contexto. (BASTOS, 2009)

Só muitos anos depois pude perceber a estrutura da qual fazia parte. Hoje, o que mais me chama a atenção, em relação aos meus anos de estudante universitária, é o processo de amadurecimento pelo qual passei e que agora sei ser um dos mais importantes processos associados à formação acadêmica. Ao ingressar no curso de história, na PUCRS, em 1994, não pensava em questões como exercício da profissão ou compromisso total com os estudos. Queria mudar o mundo e me divertir muito fazendo isso. Introdução aos Estudos Históricos, História Antiga, História da Arte, Seminário de História Contemporânea, enfim, inúmeras disciplinas que compunham o currículo daquela faculdade àquela época me transformaram, junto às tão inúmeras experiências pessoais como estágios, amizades, amores e desamores, de estudante deslumbrada à jovem profissional. Para mim, até hoje, lembrar da minha formatura, da sensação de ser ator naquele ritual, ainda me fascina.



Figura 6: Eu, realizando o meu papel no ritual de formatura no curso de História da PUCRS, em 18 de janeiro de 1999

Fonte: Acervo particular

Hoje em dia estes rituais, o trote e a formatura, como já dissemos, vêm sofrendo adaptações em sua essência e que muitas vezes acabam por comprometê-los. Enquanto o calouro ou bicho é muitas vezes vítima de violentos *trotos*, frequentemente engrossando as páginas policiais dos jornais, o formando recebe um tratamento superior, detentor de algo

muito valioso para aquele universo: sua potencial e eminente titulação. Onde estaria a raiz deste deslocamento? Seria um processo natural de contextualização? Investiguemos.

A pesquisa sobre a história da universidade me levou à Idade Média, onde já se praticava tanto o trote como a cerimônia de conclusão. É claro que outros valores eram agregados, mas fundamentalmente, desde lá e até hoje, ambos relacionavam-se com o valor social que continha cada etapa de estudos e pelo *não simples* fato de se estar estudando.

Existem ainda as distinções que não se limitam a cada etapa, mas também envolvem curso e universidade, e que implicam nos aspectos e valores sociais que cada um tem. Já na Idade Média cursos específicos eram mais bem vistos, assim como mestres e organizações universitárias.

Na Idade Média, por exemplo, o ensino universitário vinha depois do *trivium* (Gramática, Retórica e Lógica) ou do *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música) e consistia no estudo da Filosofia, como básico, e da Medicina, Direito ou Teologia, como “profissionalizante”, digamos assim. O método de ensino empregado pelas universidades medievais era o *lectio*, preleção, a *repetitio*, aulas de revisão, e a *disputatio*, discussão ou exercício preparatório para a defesa pública de uma tese de doutoramento. (FRAGOSO FILHO, 1984, p. 17)

Conhecer a história, analisar as mudanças de significados e verificar a representação atual do trote e da formatura, na vida dos jovens que a encenam, será um importante passo em direção à compreensão das relações estabelecidas entre a sociedade, a educação e a universidade.

A partir do levantamento de dados acerca dos rituais de ingresso e formação dos jovens estudantes universitários atuais, tendo em vista o histórico que envolve estes ritos, analisar um conjunto de informações que possibilitem o entendimento dos processos que levam a sociedade a adotar ainda hoje essas tradições medievais. Além disso, compreender a relação estabelecida entre a sociedade e o mundo acadêmico, seus valores e imagens.

Durante a estruturação desta dissertação, pude constatar o quanto os rituais e a própria universidade estão dialogicamente relacionados com a sociedade. Ao realizar intercâmbio acadêmico em La Plata, município da província de Buenos Aires, (Argentina), observei que, devido ao maior acesso de jovens à universidade (cerca de 50%), o ingresso não é comemorado, enquanto que a finalização do curso passa por um ritual próximo do

trote brasileiro, mas que não necessariamente implica em festa, se não apenas na colação de grau. A dificuldade de ingresso e o conseqüentemente baixo número de formados, faz com que o brasileiro comemore com fervor os dois momentos.

Sabe que historicamente, que isto vem de muito tempo e se consolida nos nossos dias, até porque não são todos os jovens que hoje chegam à formatura do nível superior. Então a formatura é um momento muito festejado. E no nosso curso de pedagogia principalmente, que abriga uma clientela de uma classe econômica não tão privilegiada e que para muitas famílias é a primeira pessoa a chegar na formatura. (PROFESSORA, Pedagogia)

Neste depoimento percebemos o reconhecimento feito pela professora em relação à importância dada à formatura e que está relacionada exatamente à dificuldade de acesso pelo jovem brasileiro aos cursos de nível superior, sendo este um fato histórico, assim como o próprio ritual.

É importante que a universidade saiba qual o papel que a sociedade lhe incube, mas só saber não basta, a universidade (docentes, discentes, funcionários, administradores) tem que constantemente verificar se está cumprindo com suas funções, pois do contrário, devemos todos rever o conceito social de universidade. *“Precisamos então recolocar a história do ensino em todo o contexto social, buscar em quê a cultura divulgada pela escola expressa precisamente a relação dialética entre ela e a sociedade que a cerca”* (VERGER, 2001, p. 13).

De que forma os tradicionais ritos medievais de ingresso e conclusão de cursos de graduação correspondem à verdadeira imagem que a sociedade contemporânea faz acerca da qualificação que a universidade pode oferecer? Como, a partir destes eventos, redimensionar a importância da educação superior brasileira para o crescimento geral de sua própria sociedade?

Qualquer pesquisa está cercada por questões que envolvem o significado da memória, a relação de objetividade e subjetividade das fontes utilizadas e o cruzamento de áreas de interesses, ampliando o seu alcance. Ao mesmo tempo em que se investe na desmistificação da produção acadêmica, desenvolvem-se incertezas quanto o que é uma produção acadêmica. As fontes cada vez mais se diversificam e o resultado segue o mesmo caminho. Com o devido cuidado, ganhamos todos, pois nada melhor que, em tempos de sustentabilidade, reciclarmo-nos.



Fonte é uma palavra que apresenta, via de regra, duas conotações. Por um lado, significa o ponto de origem, o lugar de onde brota algo que se projeta e se desenvolve indefinidamente. Por outro lado, indica a base, o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se busca compreender. (SAVIANI, 2004, p. 4)

A pesquisa histórica desenvolvida, que serviu como banco de informações a fim de assegurar que caminhou por solo firme, envolveu bibliografia a cerca da história das universidades, do ensino e das práticas discentes, enfatizando a relação da sociedade com esses elementos, além de referências nas áreas da sociologia e antropologia, responsáveis em alicerçarem alguns conceitos aqui trabalhados.

Entrevistas, fotos, depoimentos, discursos, matérias em jornais e propagandas, tecerão a rede dos sentidos dados atualmente a estes rituais medievais. Além de ampliar as possibilidades das fontes, expandindo o olhar do pesquisador para um perito investigador, a presente pesquisa traçou uma relação entre história e educação, cujo resultado pretende oferecer uma visão panorâmica dos sentidos e interpretações dados ao trote e à formatura, considerando também as ações de tempo e espaço.

Para a história da educação, os estudos na perspectiva de uma história local intentam pontuar uma diversidade de apropriações dos discursos e das práticas educativas e escolares, de acordo com as particularidades de tempo e espaço e as implicações econômico-socioculturais de cada lócus pesquisado. (BASTOS, 2009, p. 69)

A escolha de concentrar a pesquisa em três cursos específicos, dentro da PUCRS, deve-se, em primeiro lugar, à necessidade evidente de diminuir o amplo foco de investigação, sendo impossível acompanhar o trote e as formaturas de todo o campus universitário. Em segundo lugar e mais especificamente, a escolha das faculdades de Arquitetura, Direito e Pedagogia, está relacionada à característica de diferenciação quanto a área de atuação de cada um dos cursos. Isso reflete na imagem social promovida por cada curso/profissão, sendo observada nos diferentes perfis dos universitários que elegeram os cursos nos quais o formaram aquele profissional que desejam ser.

Para esta pesquisa foram convidados alguns universitários para serem entrevistados. Quanto aos questionários, foram distribuídos a todos os formandos presentes nos ensaios observados dos cursos acima apresentados. A escolha de fazer esta investida apenas com formandos deve-se ao fato que estes poderiam responder também sobre o trote e os anos de estudo, enquanto que os calouros ficariam reduzidos ao trote. Ainda que, complementando

a pesquisa, a PRAC forneceu um levantamento realizado em 2005, junto a candidatos ao vestibular, no qual apresenta a opinião dos mesmos, em diferentes tabelas analisadas mais adiante nesta dissertação, quanto às práticas do trote.

Também foram entrevistados professores responsáveis pela cerimônia nos cursos analisados e responsáveis gerais pela realização tanto da formatura quanto do Stand de calouros e do Momento formandos. Igualmente, foram compiladas entrevistas cedidas à RádioFam da FAMECOS (Faculdade de Comunicação Social), realizadas durante o Momento Formandos.

A soma total de entrevistados é de treze (13), sendo três (3) formandos uma (1) professora e uma (funcionária) da Pedagogia; três (3) formandos em arquitetura; dois (2) formandos e um (1) professor do Direito; uma (1) funcionária e uma (1) professora atuantes na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC), compreendendo 2:04 horas de gravação. Os questionários resultaram em noventa e nove (99) respondidos, sendo quarenta e seis (46) da pedagogia, vinte e quatro (24) da arquitetura e vinte e nove (29) do direito.

Os entrevistados optaram por manterem-se anônimos, assim que serão tratados por sua condição acadêmica e, no caso dos formandos, numerados conforme concessão de entrevista. Os registros de local e datas da realização das entrevistas estão contemplados no apêndice 3, assim como a reprodução da carta de cessão utilizada para estas entrevistas.

Apesar de analisar o trote e a formatura do ponto de vista histórico, a pesquisa se concentrou na realização destes eventos num local específico, que é a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre. Assim, ambos eventos trazem em si os elementos que dizem respeito à instituição, à cidade/país e à época.

Como forma de verificação de que imagem os universitários estão tendo desses rituais atualmente, foi desenvolvido um questionário de múltiplas escolhas, onde se buscou mesclar alternativas positivas e negativas. Valores agregados à conquista da vaga, ao decorrer do período de estudos, à formatura e às expectativas futuras foram a base com a qual o questionário foi elaborado.

Cuidado com as palavras, clareza de termos e objetividade foram dedicados quando da elaboração deste instrumento. A partir da própria experiência na trajetória acadêmica, as

dúvidas ou valores implicados a este processo foram estampados nas perguntas e alternativas oferecidas. Mas a principal fonte de inspiração foram as leituras prévias e observações, para buscar as imagens que mais estão relacionadas aos eventos. (apêndice 2)

E aqui uma das fontes mais recorridas no estudo da história da educação: a memória. Apesar de sua subjetivação, é ela a que mais contribui para construção do passado escolar. Memória, história e narração, três pilares que se entrecruzam para formarem um estudo.

Portanto, a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresentam na dimensão de representação, de uma versão da história institucional.

Sendo história, ela trabalha com conceito de *representação* em suas três dimensões, na perspectiva de representação coletiva, naquela que a relaciona a ritos e símbolos, e na que a entende capaz de tornar presente o que está ausente. (WERLE, 2004, p. 14 e 15)

E é por onde o estudo começa sua investigação, na compreensão de ritual. Impossível dissertar sobre todos os conceitos e linhas de estudo desenvolvidos a fim de esclarecer ou aplicar significado ao conceito, mas com atenção é possível compreender a relação que determinados eventos, repetidos ao longo do tempo, têm no desenvolvimento de uma identidade e organização social.

Ao estudarmos o ritual e, especificamente, ao trote e à formatura, outros elementos fazem-se presentes e implicam também em esclarecimento o que ao longo do texto serão devidamente abordados.

Tendo esclarecidos os conceitos básicos para a compreensão da pesquisa é realizado um histórico sobre os rituais analisados, elencando o máximo possível de elementos que permitam a identificação destes processos em seu contexto original e sua similaridade, quando houver, com a atualidade.

O mesmo se fará com o trote e a formatura contemporâneos, destacando os elementos agregados no presente, como violência e solidariedade, mídia e consumo, qualidade profissional e mercado de trabalho.

Por fim, será proposta uma reflexão sobre a relação entre a função social do ritual, aqui compreendido pelo trote e formatura, e a idéia que esta mesma sociedade vem fazendo dele. Não se pretende determinar ou mesmo encerrar a pesquisa ou análise dos

fatos, porém será exposta uma rede de possibilidades com as quais trabalharemos como as considerações que a pesquisa e sua análise nos levaram. O trabalho de investigação nunca pode ser considerado concluído, no entanto deve-se interromper no momento oportuno, para a sua melhor apreciação. Essa é uma das magias da pesquisa: uma incessante investida em descobertas.

## OS CENÁRIOS

A escolha da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) como local específico para a investigação contemporânea deveu-se principalmente ao fato de ser a mesma instituição de vínculo da pesquisadora, o que facilitou o acesso às reuniões de formandos, entrevistas com profissionais envolvidos e observações a trotes e formaturas. Como o universo pesquisado é imenso (as universidades), a delimitação do campo de ação específico ficou ambientada nesta universidade particular, passando à análise mais geral quando da avaliação de material publicado pelos meios de comunicação. Assim, abre-se uma oportunidade de conferir possibilidades de alterações na apresentação e significação dos rituais em diferentes campos.

Como já informado, o principal ambiente de estudo é o meio universitário. Tanto nas origens como na atualidade, os rituais estudados são frutos da dinâmica acadêmica, fazendo referência ao início com o trote e à conclusão com a formatura. Ainda assim, são estes dois eventos que exercem função fundamental de contato social, o primeiro ao receber o jovem calouro e o segundo por devolvê-lo à sociedade, modificado e amadurecido. Portanto, entendemos estes rituais como as principais ligações entre sociedade e universidade.

Das primeiras universidades medievais européias às contemporâneas brasileiras, sempre foi o trote que mais extrapolou os limites físicos da universidade, espalhando-se pelas ruas das cidades e fazendo-se notar por transeuntes dos mais variados níveis. Houve tempo que estes calouros desfilavam pelas ruas de Porto Alegre, em um movimento conhecido como a Passeata dos Calouros. Semelhante acontecia no Rio de Janeiro, como podemos verificar na figura 7. Mesmo que a formatura ofereça uma festa para além da

instituição, a cerimônia pertence à sua estrutura, invertendo a ordem: são os cidadãos que *invadem* o campus.



Figura 7: Desfile de calouros pelas ruas do Rio, 1966  
Fonte: <<http://www.medicosfmm66.com/>>

Ainda, o período dedicado a esta análise foi o de agosto de 2008 até novembro de 2009, onde houve a observação aos trotes, ensaios de formatura, stand de calouros, momento formados, e às próprias formaturas. Aqui há uma particularidade institucional, tanto o stand de calouros, como o momento formandos são atividades oferecidas pela PUCRS, sua função básica está associada a uma homenagem da universidade aos seus novos alunos e àqueles que em breve não o serão mais, mas também da ordem interna do campus, evitando arroubos festivos em qualquer um dos momentos. Inclusive houve a supressão do trote em vista do stand de calouros, que passou a se caracterizar como fuga à proibição ou às práticas violentas ou desordenadas:

Como existe hoje, por parte da universidade, o stand de calouros que faz uma recepção para os recém chegados, a faculdade de educação entende que no curso de pedagogia a gente possa adotar o momento lá do stand de calouros como um momento de recepção aos alunos e a faculdade de educação não investe na questão do trote. (PROFESSORA, Pedagogia)

O ingresso do jovem acadêmico nos cursos de graduação existentes na PUCRS se dá por meio de um processo de seleção que se caracteriza pelo concurso vestibular, no qual o aluno se inscreve previamente, elegendo o curso ao qual deseja concorrer e uma segunda opção, no caso de um aproveitamento insuficiente para ingressar na primeira escolha. Há

um amplo esquema de informações e esclarecimentos para que o candidato saiba exatamente como proceder<sup>6</sup>.

Esta universidade oferece concurso vestibular em dois momentos do ano, inverno e verão. A procura maior dá-se no verão, tendo 8.654 inscritos neste último, sendo os cursos de medicina, odontologia, arquitetura e jornalismo (manhã) os mais concorridos. Já no último inverno foram 2.776, tendo biologia, jornalismo e novamente arquitetura com mais inscrições. (fonte: CRA – Coordenadoria de Registro Acadêmico).

O *Stand de Calouros*, que costuma ocorrer aproximadamente ao início de cada semestre, pelo mês de novembro, representa a institucionalização do trote, antes conferido exclusivamente a ação dos veteranos sobre os novatos. É um momento de confraternização, organizado pela PRAC e que, de forma divertida e criativa, recebe os calouros. Não tem a intenção de substituir nem eliminar o trote, mas vem ocupando o espaço antigamente destinado exclusivamente a ele. Como demonstra a formanda 3, mesmo reconhecendo a recepção feita por parte da universidade, acrescenta que ao não haver o trote, o contato com os veteranos se anula.

Na verdade nós não tivemos nenhum tipo de recepção por parte dos veteranos, a recepção que nós tivemos foi por parte da universidade, então a gente não conheceu esse movimento do trote. [...] esse contato entre calouros e veteranos não existiu, pelo menos na minha... nos semestres que eu estive aqui... eram só pequenos casos isolados de pessoas conhecidas que nós sabíamos que estavam ingressando na universidade. (FORMANDA 3, Pedagogia)

---

<sup>6</sup> Todas as informações de procedimento, acesso ou documentação estão no site: (<[www.pucrs.br/vestibular/?p=capa](http://www.pucrs.br/vestibular/?p=capa)>).

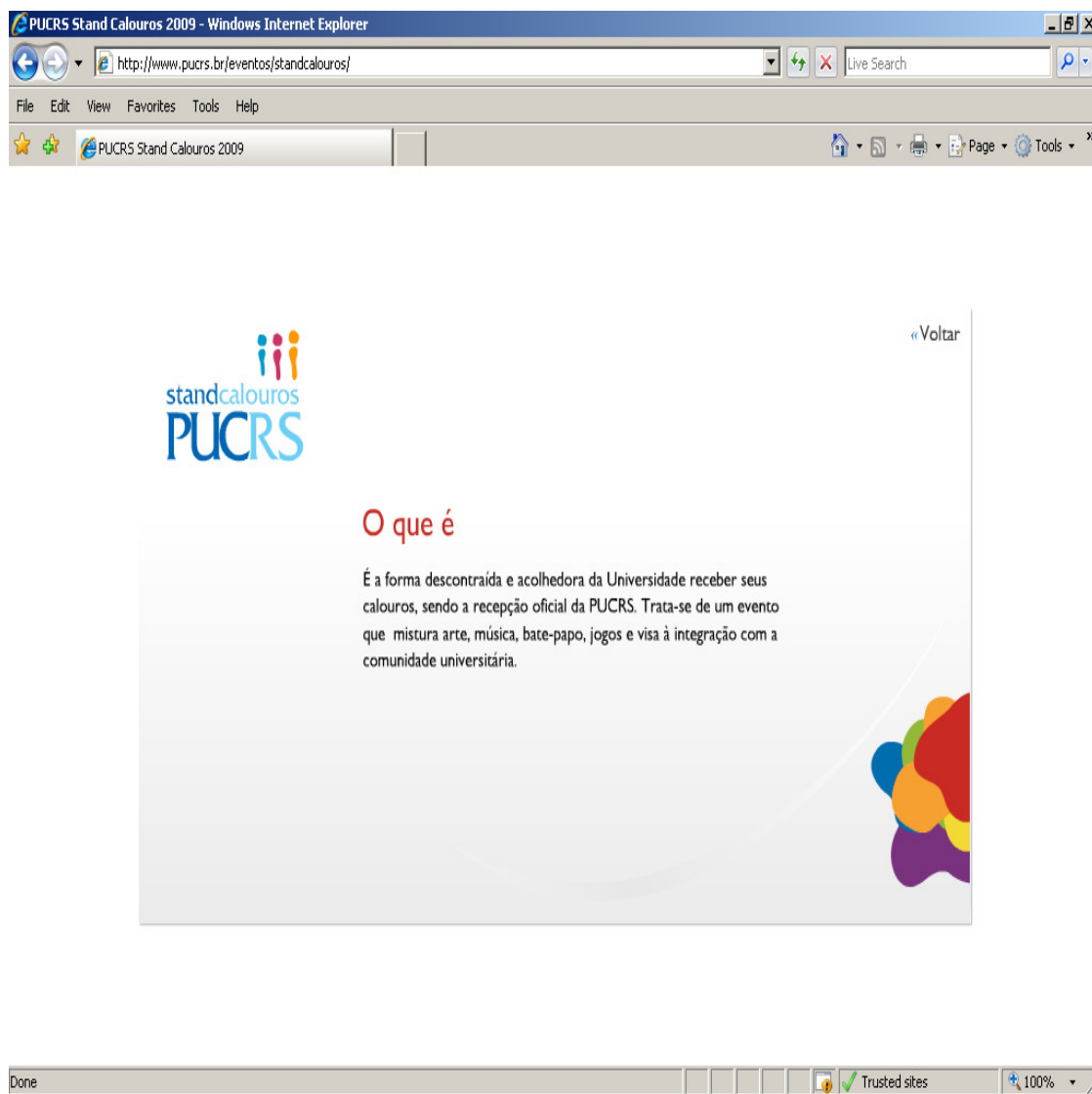


Figura 8: Site do Stand de Calouros  
Fonte: <<http://ww.pucrs.br/eventos/standcalouros/>>

Tanto a figura 8 como a 9 mostram a preocupação da PUCRS em facilitar o acesso dos jovens vestibulandos ou calouros às informações sobre procedimentos ou da própria instituição. São sites ricos, atraentes e que dão ao futuro universitário uma idéia da dinâmica de uma universidade.

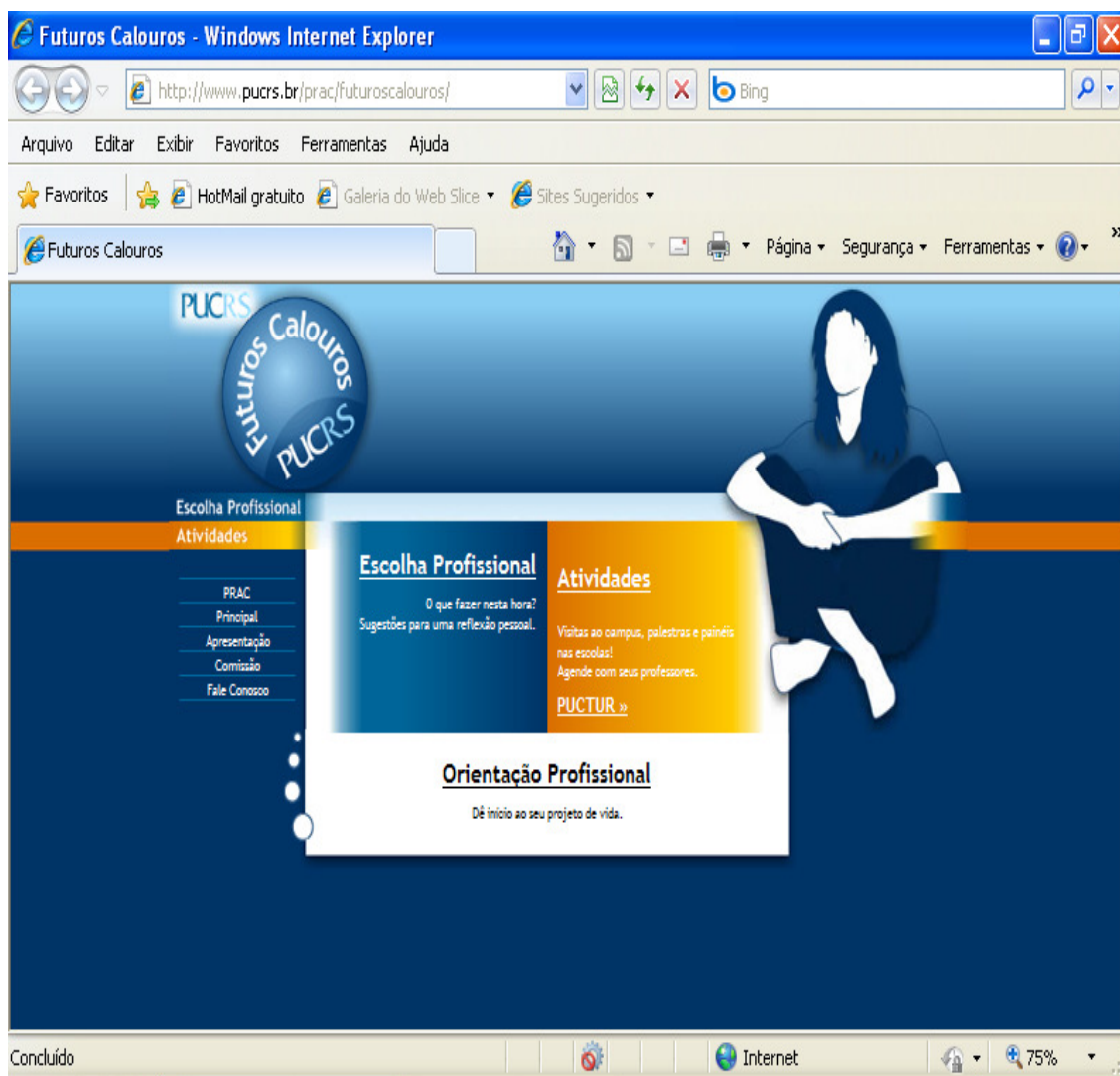


Figura 9: Página da internet para vestibulandos  
Fonte: <<http://www.pucrs.br/prac/futuroscolouros>>





Figura 10: Atividade de confraternização no Stand de Calouros 2009

Fonte: <[www.pucrs.br/prac/standcalouros/?pagina=fotos&edicao=2009-2&turno=galeria1](http://www.pucrs.br/prac/standcalouros/?pagina=fotos&edicao=2009-2&turno=galeria1)>



Figura 11: Apresentação de cartaz para o Stand de Calouros 2009

Fonte: <[www.pucrs.br/prac/standcalouros/?pagina=fotos&edicao=2009-2&turno=galeria1](http://www.pucrs.br/prac/standcalouros/?pagina=fotos&edicao=2009-2&turno=galeria1)>

Neste encontro, como observamos nas imagens, a troca se dá entre os calouros, que têm, neste momento, uma forma de se conhecerem melhor. Porém, a relação com os alunos dos semestres anteriores se esvai, gerando um distanciamento entre os grupos de diferentes semestres e que foi comentado no depoimento da formanda 3. Por um lado, favorece a aproximação entre os calouros, por outro, compromete a identidade acadêmica desenvolvida por cada curso.



Figura 12: Reprodução de convite para o Momento Formandos, 2009/1  
Fonte: Arquivo pessoal

O segundo momento é o dos formandos, promovido pelo setor de diplomados da PRAC e que ocorre mais ao final de cada semestre e reúne, em ato festivo e cerimonial, os alunos em processo de graduação. É um momento que mistura alegria e emoção, em que se afirma o valor referente à aquisição do diploma, a importância de manter-se em atividade intelectual por meio de cursos de pós-graduação e a recíproca confiança entre a PUCRS, formandos e familiares. Para a instituição é importante que o profissional formado seja competente, enquanto que para a família e o próprio formando, há a expectativa que os anos dedicados aos estudos resultem num efetivo preparo profissional.

Eu realmente não sei o que vai acontecer. Eu espero que seja um momento de integração, para rever os colegas que a gente acaba se



distanciando, rever os professores. Mas eu não imagino o que vai acontecer. (MAURÍCIO<sup>7</sup>, Biologia)

Eu achei bem bonito, bem bacana, uma coisa bem feita, não foi muito comprido, que às vezes eu acho que é muito cansativo. Eu acho que foi no tempo certo e uma forma bem bonita de se mostrar, de se despedir da PUC. (LEANDRO, Biologia)

Vemos nestes depoimentos duas situações relacionadas ao Momento Formandos. Maurício, formando pelo curso de Biologia, ainda não havia participado do evento, declara sua impressão e o desejo do que poderia acontecer neste tempo de confraternização. Já Leandro, após ter assistido a cerimônia, declara sua impressão. Em ambos os casos, o que se vê, é o sentimento de despedida, sem tristeza já que ela se dá em clima de vitória. Mas há quem se emocione, como a formanda da foto a seguir:



Figura 13: Momento formandos, 2009/1  
Fonte: <<http://WWW.pucrs.br/diplomados/>>

Assim como o Stand de calouros, este evento implica numa rede de organização complexa, que envolve setores administrativos da universidade e das unidades particularmente. No site elaborado para a divulgação do evento há uma explicação do seu significado, reproduzida abaixo:

---

<sup>7</sup> Estas entrevistas foram retiradas de material recolhido por estudantes do curso de Jornalismo, da FAMECOS / PUCRS, para divulgação na RádioFam, concedido para esta pesquisa pelo setor de diplomados, da PRAC.

**O que é o Momento Formandos?**

É um evento especialmente preparado para marcar o final do curso de graduação.

Essa ação é promovida pelo Programa Diplomados PUCRS e tem como objetivo oferecer uma despedida oficial da Universidade, fortalecendo o relacionamento com seus formandos prestes a concluir seu curso de graduação e tornar-se um Diplomado sem perder o vínculo com a vida acadêmica. É um momento de acolhida onde é realizada uma festa inesquecível com muita alegria e emoção!

As produtoras responsáveis pela cerimônia de colação de grau também são convidadas para filmar e fotografar o evento. (In: <<http://www.pucrs.br/diplomados/>>)

Constatado a partir de observação, o Momento Formandos é uma mistura de sentimentos, que perpassam a felicidade pela quase formatura, vivamente presente na cerimônia, e a nostalgia pela despedida, já que em poucas semanas aquela estrutura de vida acadêmica não mais será vivida por aqueles jovens, em vias de se tornarem profissionais.

Este evento também tem uma função prática, de realizar alguns desejos de comemoração que não são permitidos no momento da solenidade de graduação, como chuva de balões, apresentações musicais e expressão dos sentimentos pessoais dos formandos. (figuras 14 e 15)



Figuras 14 e 15: Cenas de universitários durante o Momento Formandos.  
Fonte: <<http://www.pucrs.br/diplomados/>>

O processo de formatura na PUCRS é organizado pela PRAC, mais especificamente do setor de diplomados, oferecendo estrutura para que as formaturas ocorram sem muitos imprevistos. Desde o requerimento de formatura até os ensaios para a cerimônia e a própria formatura passam pelo controle destes setores, que devem garantir o sucesso do evento. A maioria das informações necessárias estão divulgadas no site<sup>8</sup> correspondente e também são distribuídas em livretos para o esclarecimento dos formandos (figura 16)

---

<sup>8</sup><[www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas](http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas)> e <[www.pucrs.br/diplomados/](http://www.pucrs.br/diplomados/)>



Figura 16: Capa do livreto explicativo do processo de cerimônia da formatura  
 Fonte: Arquivo pessoal.

Assim como o vestibular, as formaturas ocorrem duas vezes ao ano, ao final de cada semestre. O número de formandos deste último inverno, fornecido pela CRA (Coordenadoria de Registro Acadêmico) foi um total de 1.518, sendo 1.365 do campus central e 153 de Uruguaiana.

Assim como em todas as pesquisas que envolvam tão diversificada gama de fontes, a cada nova investida, novo indício nos é apresentado, constituindo um manancial de dados, no qual certamente nos afogaríamos. Portanto, a limitação de espaço, tempo, elementos e perfis é fundamental para a execução da pesquisa.

- 1) *Que o tema responda aos interesses do candidato* (ligado tanto ao tipo de exame quanto às suas leituras, sua atitude política, cultural ou religiosa).
- 2) *Que as fontes de consulta sejam acessíveis*, isto é, estejam ao alcance material do candidato;
- 3) *Que as fontes de consulta sejam manejáveis*, ou seja, estejam ao alcance cultural do candidato;
- 4) *Que o quadro metodológico da pesquisa esteja ao alcance da experiência do candidato.* (ECO, 2005, p. 6)

Afogar-se em bibliografia, perder-se em metodologias ou andar em círculos conceituais são os mais temerosos erros quando se escreve um trabalho acadêmico. Sempre

acreditamos que isso não ocorrerá *conosco*, mas a linha divisória é tênue e sempre devemos estar atentos.

Existem ainda os cenários não físicos, aqueles oferecidos pelos meios de comunicação. Que espaços a sociedade oferece ou tem contato com esses dois rituais? (figuras 17, 18, 19, 20 e 21). Por meio da análise de reportagens em jornais ou revistas, observação a jornais televisivos ou programas de mídia, além de propagandas em diversos meios de comunicação, procurou-se compreender que representação o trote e a formatura estão constituindo na atualidade brasileira.



Figura 17: Propaganda de anéis e pingentes de formatura  
Fonte: Arquivo pessoal.





Figuras 18, 19 e 20: Imagens digitalizadas de camisetas de formatura por curso  
Fontes: <[www.quebarato.com.br/classificados/camisetas](http://www.quebarato.com.br/classificados/camisetas)>  
<[www.camiseta-funari.blogspot.com/2007/03/imagem](http://www.camiseta-funari.blogspot.com/2007/03/imagem)>



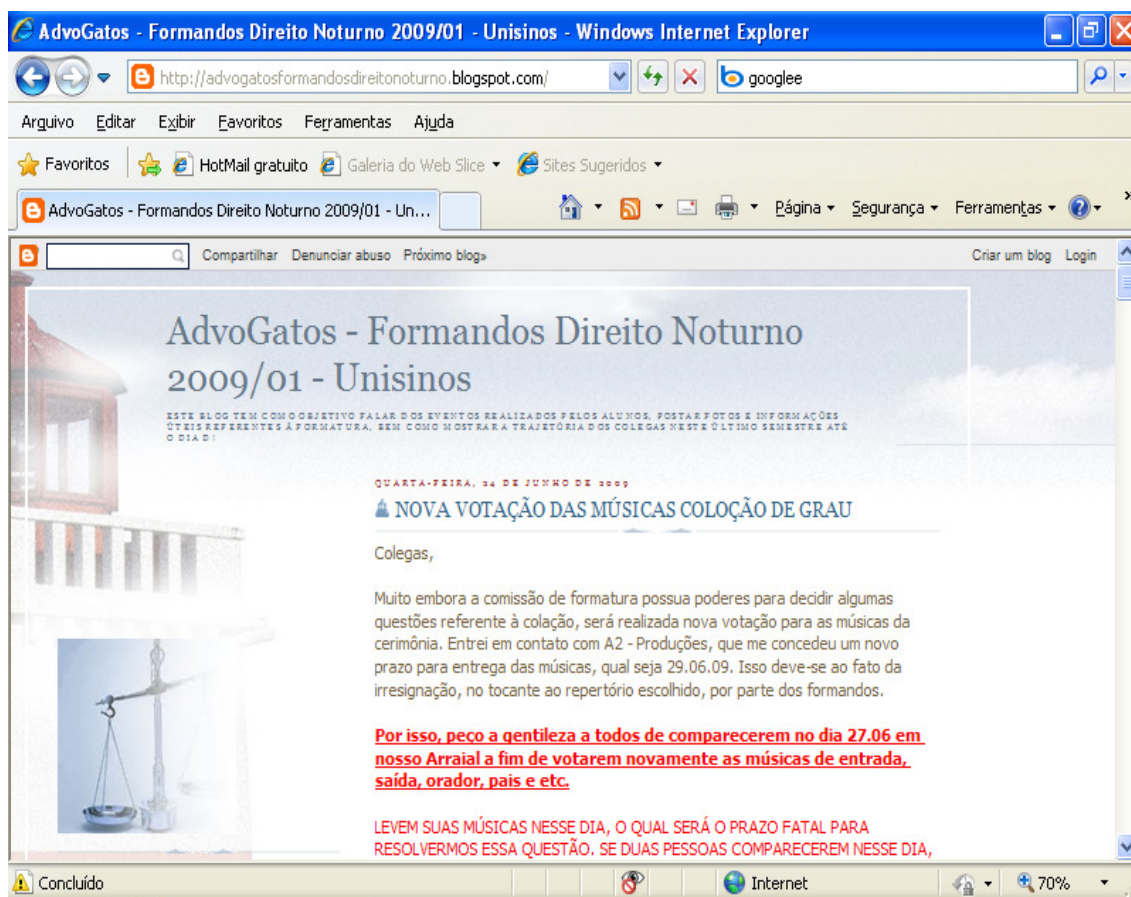


Figura 21: Reprodução de blog de formandos  
 Fonte: <<http://advogatosformandosdireitonoturnoblogsopot.com>>

O envolvimento dos universitários com sua formatura já pode ser acompanhado por qualquer pessoa, por meio de blogs (figura 21) onde podemos verificar o processo da escolha da música, do convite ou a organização de festas anteriores ao evento.

Millones de usuários de todo el planeta –gente “común”, precisamente como *usted* o *yo*- se han apropiado de las diversas herramientas disponibles on-lin, que no cesan de surgir y expandirse, y las utilizan para exponer públicamente su intimidad. Así es como se ha desencadeado un verdadero festival de “vidas privadas”. Que se ofrecen impudicamente ante los ojos del mundo entero. (SIBILA, 2009, p. 32)

A formatura não está mais só associada aos símbolos tradicionais como a beca, a toga, o convite e o diploma. Camisetas e blogs como estes reproduzidas acima são elementos que hoje compõem o processo que caracteriza o ritual de formatura.

O anel há muito é símbolo associado à conquista do diploma (figura 17). Ele representa o status da profissionalização e que pode ser ostentado pelo jovem profissional onde este vá, diferente do diploma, que se limita a ambientes restritos. A preocupação e

valorização da jóia como presente e reconhecimento do esforço dedicado ao estudo universitário, ainda que não seja compreendida toda a simbologia envolvida neste objeto, fica claro nesta declaração:

Eu já recebi, por exemplo, pessoas da família. Uma avó querendo saber como era o anel, por que queria comprar um anel, mas não tinha a mínima idéia, não tinha ninguém na família que pudesse informar. (PROFESSORA, Pedagogia)

Os universitários contemporâneos selecionados para a pesquisa provêm de cursos distintos, numa tentativa de analisar diferentes perfis, já que os cursos não só se diferem em conteúdo, mas também em relação com a sociedade e com a prática profissional. Arquitetura, Pedagogia e Direito são os três cursos trabalhados, compreendendo áreas distintas do conhecimento. Mas a diferenciação não termina aqui, ao longo da pesquisa observamos como a composição discente, perspectiva profissional e valorização dos rituais são distintas de curso para curso.

Na verdade o trote é um ato solidário, não é? Foi trocado até em função da situação em que anda a sociedade, daí em vez de gastar com tinta... nós arrecadamos todo o material: tinta, tesoura... no dia do trote e doamos para alguma entidade. Eu acho que é melhor assim né?, ta bem atualizado, ta bem dentro da realidade do que é a situação da sociedade hoje. (FORMANDA 1, pedagogia)

O trote, bom a gente já tava alguns dias esperando, a gente teve um pouquinho de medo dos colegas mais velhos assim: ai, o que vai acontecer... Mas no fim foi bem legal, por que promoveu uma integração da turma, daí todo mundo pode se conhecer melhor, e aí teve a festa depois do trote, foi bem legal assim. (FORMANDA 6, arquitetura)

Na verdade foi, não uma imposição, mas uma determinação da faculdade em decorrência do (...) da agressividade. Os trotes eram muito violentos. A nossa turma não levou trote no ano em que a gente entrou, por que justamente a direção estava fiscalizando, por que os trotes eram muito violentos. Colocavam os alunos numa posição meio de ridículo assim, vexatório. Então por isso eles acabaram proibindo, o que eu acho muito significativo. (FORMANDA 7, direito)

Enquanto o curso de Pedagogia apresenta um desdobramento do trote, na forma do trote solidário, o curso de Arquitetura mantém o ritual tradicional, mesmo que, como observaremos, não seja encarado de forma unânime. Por fim, o curso de Direito, que encontrou na proibição do trote a solução para seus desvios de violência e desrespeito.

São três situações distintas, dentro da mesma instituição, mas que indicam que há uma relação mais direta entre curso e o perfil de seus estudantes, que com as regras institucionais.

Evidentemente que os principais personagens da investigação são os universitários. Calouros e formandos são eles que justificam a existência desta pesquisa. De forma indireta, por meio de obras relacionadas, os *bichos* e formandos medievais ressurgem a fim de esclarecem como estes rituais surgiram, sua significação em seu tempo e sua aproximação com o presente. Eles nos ajudaram a compreender melhor o contexto em que vivemos e o quanto da nossa realidade atual é herança de um passado, às vezes muito distante.

## 1- ENSAIO GERAL: ROTEIRO SOBRE CONCEITOS CHAVE

*“Pensar conceitualmente não é simplesmente isolar e agrupar juntos as características comuns a um certo número de objetos; é subsumir o variável no permanente, o individual no social. e, como pensamento lógico começa com o conceito, segue-se que ele existiu sempre; não houve período histórico durante o qual os homens teriam vivido, de maneira crônica, na confusão e na contradição.*

*Émile Durkheim (1996, p. 488)*

Esta pesquisa não tem a pretensão de tratar de forma profunda e reveladora os conceitos a cerca dos elementos aqui utilizados, apenas indicará a origem teórica para que, ao longo do texto, o leitor entenda o sentido aplicado ao termo. O exercício é necessário, pois há inúmeras interpretações para ritos, por exemplo, que alterariam a interpretação do sentido que queremos abordar.

Recorrendo à sociologia<sup>9</sup> e à antropologia cultural<sup>10</sup>, a análise dos conceitos de ritual, mito, tempo, festa, imagem, vem acompanhada da contextualização deles dentro da própria pesquisa, que caracteriza esta dissertação. Portanto, não apenas abordaremos os elementos conceituais abstratamente, mas relacionando-os com o trote e a formatura. É com Durkheim que encontramos a primeira definição para esta necessidade de justificar ou definir os conceitos:

...não há, por assim dizer, acontecimentos humanos que não possam ser apelidados de sociais. Cada indivíduo bebe, dorme, come, raciocina, e a sociedade tem todo o interesse que estas funções se exerçam regularmente. Assim, se estes fatos fossem sociais, a sociologia não teria um objeto que lhe fosse próprio e o seu domínio confundir-se-ia com os da biologia e da psicologia. (1978, p. 87)

---

<sup>9</sup> Neste escrito, trabalhou-se principalmente com o conceito apresentado por Durkheim, que trata a Sociologia como um campo que não é o do reino natural (animais e minerais), mas que também não abrange toda a ação humana. Aborda mais o aspecto moral das ações humanas, que definem os indivíduos, contextualizando-os. Em suas palavras: “o objeto [da sociologia] são os fatos sociais; o método é a observação e a experimentação indireta, em outros termos, o método comparativo” (DURKHEIM, 1970, p. 100). Assim, como observada em Bourdieu, a sociologia pode ser entendida como o processo pelo qual o indivíduo passa até sua tomada de consciência de si, que se dá por sua interação social, a partir das ações simples do cotidiano, aquelas que não são pré-concebidas para serem fonte de estudo (2007a).

<sup>10</sup> Por ser a antropologia uma ciência muito ampla, na qual se estuda diferentes visões de humano, a antropologia cultural concentrou-se nos estudos de sistemas simbólicos, na religião e no comportamento do indivíduo, temas diretamente associados a esta pesquisa.

Assim, entendemos que mesmo tendo optado por uma descrição conceitual, não estaremos negando a existência de outras, ou ainda, nem sempre a escolha dentre as múltiplas possibilidades de significação para um único termo não implica na anulação das demais, basta verificar a que circunstância ou situação se aplicam. Então, observamos a sociologia desenvolvida por Bourdieu a partir de 1989, que rompe com o ponto de vista atomista<sup>11</sup> da sociologia da primeira metade do século XX, desenvolve, junto a Lévi-Strauss (1958), mesmo que não exatamente como ele, uma abordagem estruturalista<sup>12</sup>, em que não são apenas as ações que caracterizam uma sociedade, mas também o que se pensa sobre estas ações, simbolicamente.

Esta visão panorâmica de conceitos funciona como uma paisagem em tela, aplicando textura, profundidade e contornos à imagem da universidade e de seus processos. Cada detalhe compõe a tela, forma a imagem, mas esta estará sempre submetida à interpretação do observador, neste caso, do leitor.

---

<sup>11</sup> Aqui surge uma polêmica entre os intelectuais da área, não em termos de significação, mas de aplicabilidade. Atomismo é uma forma de análise sociológica onde o indivíduo e sua ação isolada é o primeiro e mais importante foco de análise, em detrimento das ações coletivas ou da relação indivíduo/sociedade. A polêmica se encontra quando, para alguns, o individualismo metodológico, que é outra doutrina, passa a ser considerado atomista. No individualismo metodológico, apesar de se observar o indivíduo, é a partir da interdependência entre eles que se alicerçam seus estudos (ELSTER, 1994)

<sup>12</sup> Primeiro, com Lévi-Strauss, a sociedade é observada a partir de estruturas objetivas de ligação e religação entre seus indivíduos, compreendidos como agentes, dentro de um sistema passível de transformação, sendo que a estas transformações seja permitido o uso de um modelo que lhe permita uma certa previsão dos resultados (CHAUÍ, 1983). Daí, com Bourdieu, essas estruturas ganham forma com o entendimento que lhes é dado por seu agente, é dizer, constituem e são constituídas analogamente uma á outra. “*Primeiramente, que esta construcción no se opera en un vacío social, sino que está sometida a coacciones estructurales; en segundo lugar, que las estructuras estructurantes, las estructuras cognitivas, son ellas mismas socialmente estructuradas, porque tienen una génesis social; en tercer lugar, que la construcción de la realidad social no es solamente una empresa individual, sino que puede también volverse una empresa colectiva*” (BOURDIEU, 1987, p. 134)

## 1.1- Rito e Ritual

“—*Que é um rito? Perguntou o principzinho..*  
 —*É uma coisa muito esquecida também, disse a raposa. É o que faz com que um dia seja diferente dos outros; uma hora, das outras”.*  
*Antoine de Saint-Exupéry (1986, p.71)*

*“Cuenta un músico brasileño(...) que una tarde escuchó a um indígena tocar en una especie de pequeña flauta una melodía muy bella, dejó que terminara la interpretación, se acercó y le pidió muy respetosamente que volviera a ejecutarla. El músico aborigene le señaló el horizonte, y le dijo: no puedo volver a tocarla, esta música es para la caída el sol y eel sol ya ha caído”.*  
*Pablo Vain (1997, p. 51)*

Antes de mais, devemos compreender os significados aplicados aos termos ritual e rito, distintamente. Como verificaremos ao analisarmos os diversos conceitos, a partir de diferentes abordagens, o que estas análises vêm compor é o conjunto com o qual pretendemos esclarecer de que forma o todo desta pesquisa os utiliza. Portanto, quando tratarmos de rito, estaremos nos referindo ao exato momento/evento em que o ritual é executado e observado. Assim, ritual então é todo o conjunto de elementos, fatos, personagens, tempos e símbolos aos quais o rito necessita para ser posto em prática. Ou ainda, ritual é a produção e rito a noite de estréia, da união temos a ritualização.

Explicar el ritual es, inevitablemente, examinar las dimensiones simbólicas de la vida social. Los rituales son mejor explorados mediante la comprensión de los símbolos. El hecho de que el ritual consista en un agrupamiento de símbolos es la única convicción unificador que nos previene de ofrecer simplemente rápidas e inequívocas respuestas cuando somos cuestionados en torno a su significado. L nuevo interés en el símbolo y la metáfora ha estimulado en gran medida un nuevo interés en el ritual. (MCLAREN, 1995, p. 62)

O rito pode ser diretamente associado com a memória de uma sociedade ou de uma cultura. Um evento social tem que ser repetido incansavelmente por muitos anos, perpassando gerações sem modificar profundamente o seu significado para tornar-se um rito. A partir de sua execução, nos momentos oportunos, o passado daquele grupo social é

resgatado, numa manutenção de identidade cultural por meio da memória presentificada (WERLE, 2004). “*O rito consiste unicamente em lembrar o passado e torná-lo presente, de certo modo, por meio de uma verdadeira representação dramática*” (DURKHEIM, 1996, p. 405).

O ritual é um complexo processo no qual vários elementos atuam em conjunto a fim de validar uma mudança, uma passagem ou uma conquista. Mas em geral sua representação já é tão internalizada pelos membros da sociedade, que assumem seus papéis e atuam de forma natural, muitas vezes pouco apropriados das simbologias e significações que aquela  *festa* ou  *brincadeira* podem ter. Mais ainda, o ritual, costumeiramente associado à religião<sup>13</sup>, é também garantia da rotina, da ordem diária necessária à organização, não só do indivíduo, mas também da sociedade como grupo. Acordar todos os dias no mesmo horário, tomar o café como sempre, arrumar-se e ir para o trabalho, fazendo o mesmo caminho diário ou pegando o ônibus no horário programado. A vida contemporânea necessita cada vez mais de rituais que lhe garantam o mínimo de ordem e de projeção. Segundo Martine Segalen,

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. (2002, p. 31)

*Ritus* (do latim) também significa “hábitos sociais e costumes reproduzidos com certa invariabilidade” (ZUIN, 2002, p. 27). Esta manutenção serve para afirmar a identidade do grupo, principalmente quando implica na recepção de um novo membro (o trote universitário), ou na conclusão de uma etapa e o início de uma nova (a formatura).

A maioria dos rituais traz em si as características da cultura a qual foram construídos ou passam a ser representados. Quando tratam de temas biologicamente irreversíveis, como o nascimento e a morte sua prática associa-se a nova condição de vida que

---

<sup>13</sup> Num primeiro momento, quando pensamos em rituais associamo-los com as religiões, por serem eles representantes do simbólico. Mary Douglas coloca o rito como sinônimo de símbolo, que por sua vez é apresentado por Gilbert Durand como “uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto...” (1988, p. 15), servem perfeitamente para a materialização da crença mística. Ainda hoje existem inúmeros processos rituais dentro das inúmeras religiões existentes, mas este não é o tipo de ritual que trabalharemos nesta pesquisa. O ritual do social, como forma de manutenção dos laços criados primordialmente por esta sociedade, é que vamos favorecer e que o texto acima e que se segue melhor explicita.

imediatamente os envolvidos passam a viver. Há o fim de uma condição, que deve ser pontuado, para que o início da outra tenha lugar nas diferentes escalas das relações sociais, como a emocional e mesmo a econômica. Na situação da universidade, as mudanças são abrangentes e determinantes, como nos apresenta por Meneses:

Uma parcela dos alunos que ingressam nas universidades, além de experienciar mudanças na cultura escolar (transição do colégio para a universidade), passa também por um período de afastamento físico da família pela necessidade de morar em outra localidade (deslocação geográfico-cultural). Defronta-se com a reorganização e reconstrução da rede social de amizades, de colegas e de comunidade e os serviços que esta lhe oferece. Deve adaptar-se aos costumes de outras culturas (cidade) e micro-culturas (repúblicas universitárias, casa de alojamento, etc.). (2007, p. 61)

Esses processos de mudança e adaptação são característicos da própria vida em sociedade. Para que eles se dessem de forma mais naturalizada, gerando menos danos ao emocional do indivíduo e às relações interpessoais, o ser humano desenvolveu um método para realizar estas passagens. O ritual é a estrutura básica deste método.

Quando tratamos dos ritos desenvolvidos pelo homem, em que se celebram mudanças culturais principalmente em mudanças de condição sócio-cultural, como é o caso do trote e da formatura, as relações entre os membros da sociedade são necessariamente modificadas. Essas modificações envolvem basicamente saída de um elemento de um grupo e seu ingresso em outro, modificando sua imagem diante de todos os membros da comunidade

La ritualización que oficializa la transgresión, que hace de ella a la vez un acto regulado y público, realizado delante de todos, colectivamente asumido y aprobado, incluso si se lo delega a uno solo, es, de por sí, una negación, la más poderosa de todas, puesto que tiene para ella a todo el grupo. La creencia, que es siempre colectiva, se realiza u se legitima al tornarse pública y oficial, al afirmarse y ostentarse, en lugar de ocultarse (...) es el grupo que, a través del trabajo de oficialización, que consiste en *colectivizar* la práctica en cuestión al hacerla *pública, delegada y sincronizada*, se autoriza a sí mismo a hacer lo que hace. (BOURDIEU, 2007a, p. 373 e 374)

Assim, o rito não é somente a reprodução de sua própria criação primitiva, mas também o novo encontro proporcionado por sua encenação. Em outras palavras, o rito de passagem remodela as relações sociais a partir do seu resgate simbólico, ancestral e repetitivo.



*O Ritual*, como o *Teatro*, tem a sua técnica, que diz da natureza dos fatos e como estes estarão espacial e cronologicamente organizados. Cabe ao ritual, na sua encenação, nas suas palavras, e no uso de seus instrumentos e vestimentas, promover a exteriorização e estimular o sentimento afim com o significado social da cerimônia de que ele é parte, além de lhe emprestar sua estrutura cênica. (COBRA, 2002, p. 39)

Unindo os conceitos de tempo e rito, Thales de Azevedo, em *Ciclo da Vida: Ritos e mitos* (1987), ressalta que a formatura, por exemplo, não é apenas o encerramento de uma etapa, apresentada neste projeto como parte da trajetória, mas uma nova iniciação, para isso diz: “as universidades americanas têm razão ao chamar suas formaturas de *commencement* (‘começo’), porque na verdade ali principia um particular exercício de trabalho, diferente do anterior, que era de preparação e aprendizagem” (1987, p. 40).

Ainda, um momento ritualístico implica num ponto no tempo e espaço na vida das pessoas envolvidas, mesmo que esta data específica seja usada para voltar no tempo, num ato de inércia que o ritual representa. As datas são apenas o marco, mas a referência é o ritual: a formatura do nosso avô há meio século, ou a nossa formatura há poucos anos, serão ambas rituais de passagem. Existe, neste momento, o desenvolvimento de relações interpessoais com os demais atores do grupo. Estas relações devem implicar numa real cumplicidade, mesmo que instantânea, para que a mensagem do rito seja transmitida. Formar-se-ia, então, uma espécie de “fraternidade universal” (MATTA, 1973), da qual depende o sucesso da encenação. As associações com referências exteriores, que fazem os membros da platéia, proporciona o esclarecimento de quem está associado a quem no ritual. Esta identidade é reconhecida a partir dos símbolos, das ações e dos papéis usados e praticados pelos atores. Acerca destes elementos, veremos com mais cuidado nos títulos que seguirão.

Ainda hoje, com toda falta de tempo e excesso de tecnologia em que o mundo ocidental vive, pessoas se organizam em atos, ocupando seus papéis e representando naturalmente um ritual que simboliza uma mudança, uma passagem de um estado, de um status, para outro. Também o ritual exerce função de anúncio, é o momento em que se declara aos demais membros da sociedade a tão almejada conquista. Deste modo, o ritual é profundamente visual. Não podemos diferenciar um calouro de um veterano em dia de trote, a menos que aquele esteja pintado, sujo ou de cabeça raspada. Aos formandos a mesma distinção, com togas e barretes, identificando o curso pelo símbolo e cor em sua indumentária.

“...quer sejam bastante institucionalizados ou um tanto efervescentes, quer presidam a situações de comum adesão a valores ou tenham lugar como regulação de conflitos interpessoais, os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa-efeito. (RIVIÈRE, 1997, p. 30)

Ao mesmo tempo que os ritos servem para distinguir um dia dos demais, como explicou a raposa para o *príncipezinho*, ou o aborígine ao músico brasileiro, é também a forma como as sociedades encontraram para que, nesta diferenciação dos dias, houvesse unidade. Não chega a ser uma situação paradoxal, mas o rito, que exerce o poder de retirar-se da rotina, também garante o retorno a esta. Nos casos dos ritos de passagem ou de elevação de status, a volta à rotina não representa uma continuidade, porém um deslocamento, uma mudança de hábitos. Então, mais que marcar um resgate ancestral de comportamento social, estes rituais registram o momento da mudança, tornando-a ao mesmo tempo evidente e natural.

A evidência é a forma de comunicação, quando, por meio da cerimônia ritualísticas, toda a sociedade (mesmo que representada por alguns membros) passa a tomar parte daquela mudança. A naturalização está no que diz respeito exatamente à execução do ritual: errado seria ser o calouro ou o formando e após participar de seu ritual de passagem, permanecesse o mesmo, sem ganho ou mudança. A mudança também é um elemento do ato ritualístico. Sem ela o rito se esvazia, o que será apontado mais adiante, nesta pesquisa.

### 1.1.1- Tempo e Limite

*Los astros y los hombres vuelven cíclicamente,  
El hoy fugaz es tenue y es eterno:  
Dios que salva el metal, salva la escoria  
Y todo es una parte del diverso cristal  
De esa memoria, el universo.  
Sé que en la eternidad perdura y arde  
Lo mucho y lo preciso que he perdido:  
Puedo ser todo, déjame en la sombra.  
La arena de los ciclos es lamisma  
E infinita es la historia de la arena.  
Jorge Luis Borges (1996, p. 198)*

A história precisa do tempo para ser construída. O tempo passado ou mesmo presente, mas precisa do tempo. O tempo não é objeto que possa ser fotografado, manipulado, sequer diretamente observado, mesmo assim ele é ingrediente vital para o trabalho do pesquisador, seja pela análise do tempo passado, seja pelo tempo que lhe resta para concluir a análise. “A insubstancialidade do tempo desafiava a compreensão de Santo Agostinho e desafia a nossa, mas permite aos seres humanos imprimirem sobre ele suas próprias concepções das partes que o compõem” (CROSBY, n/d, p. 81).

Ao observarmos determinadas épocas em busca de fontes para certa pesquisa, acostumamo-nos a nos deparar com fatos, eventos ou costumes que, mesmo tendo influenciado a vida no presente, são de longe fruto da vida que lhes correspondia, entendida agora como passado para nós e que, por isso mesmo, não correspondem mais a nossa realidade. A surpresa está quando esta afirmação não se confirma, quando encontramos sob a pilha dos anos, mais ainda, dos séculos, situações que ainda, à primeira vista, são reflexos muito próximos das que compõem o nosso mundo atual.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 36)

Essa situação é mais facilmente encontrada quando tratamos de rituais. Eles tendem a se repetir durante os anos, até por que esta é uma de suas funções: criar rotinas de processos com significados específicos, a fim de regular a sociedade e suas relações. De

certa forma, vêem-se estas repetições como garantias de acerto: repetir o que já deu certo. Hobsbawn desenvolveu uma teoria que envolve o processo de repetição, transformando-os em tradição:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (1997, p. 9)

O autor argumenta que esta busca pelo passado histórico está relacionada à continuidade da qual a tradição é a responsável, mas que este é um ato artificial, ou seja, inventado. Dentro do aspecto ritualístico, acrescenta que as ações envolvidas seriam denominadas “costume”, que tende a modificar-se conforme a época ou lugar no qual são aplicados, e a “tradição” seriam os elementos figurativos do ritual, como as roupas ou os símbolos. Portanto, mesmo que a tradição permaneça o mais fiel a sua própria origem, a mudança do costume lhe daria novo sentido, novo significado.

Os rituais na modernidade foram forçados a modificarem seus significados ou acabariam extintos. Em uma sociedade da informação e da velocidade, longe do ritmo natural da vida no campo, os ritos se converteram mais na busca pela afirmação ou criação de uma identidade coletiva/individual do que numa relação endógena com o meio (VILLARROYA, 1996).

Ahora bien, estas funciones cambian a medida que crece la complejidad de las sociedades y puede decirse que la modernidad há supuesto un transformación radical tanto en la medición (dimensión externa) como en el sentido del tiempo (dimensión interna). La modernidad implica una incrustación específica del tiempo en la vida social, que es visibe tanto en una nueva forma de diferenciación entre tiempo laboral y tiempo festivo y en la formación de sujetos que respondan a ella... (Idem, p. 158 e 159)

O trote e a formatura universitários não escaparam disso. Desde o surgimento da universidade estes dois rituais de passagem estão presentes ao processo de formação do jovem acadêmico. Mesmo assim, é intrigante ver que as marcas de tantos anos pouco alteraram sua estrutura, a “tradição inventada” que os caracteriza, mas veremos que não o seu significado, dado que o seu “costume” já não é mais o mesmo.

...a observação estabelece que esses pontos de referência indispensáveis, em relação aos quais todas as coisas se classificam temporalmente, são tomados da vida social. as divisões em dias, semanas, meses, anos, etc., correspondem à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimônias públicas. Um calendário exprime o ritmo da atividade coletiva, ao mesmo tempo que tem por função assegurar sua regularidade. (DURKHEIM, 1996, p. XVII)

Assim, o tempo não está contido no relógio, mesmo por que este objeto apenas marca a contagem matemática de doze horas, que por si só não significa muito. O objeto relógio é mais revelador que seus ponteiros, pois pode indicar em sua confecção a passagem de muitos anos ou a urgência de sua elaboração. É, portanto, no registro da ação humana, na mão do homem, que vemos com mais clareza o registro deste tempo passado, naquilo que foi feito em uma época, em um determinado lugar e que dizia respeito a este contexto, transmitindo-o ao longo da história.

Em la mayoría de los sentidos, el tiempo nos parece algo seguro. Hoy en día, todo el mundo tiene reloj y puede medir el paso del tiempo. Sin embargo, en realidad nada es menos certero. No es que sea una ilusión social, pero está bastante cerca (...) el presente es la realidad más evanescente de todas: se termina en el preciso momento en que acontece. No puede volver a captarse y su registro posible es, en el mejor de los casos, ultra parcial. (WALLERSTEIN, 2005, p.11)

As coisas e os seres são o filtro de observação do tempo, não do tempo cíclico, dado pelos ponteiros do relógio, pelas estações do ano ou pela rotação dos planetas, o tempo perpétuo<sup>14</sup>, aquele que segundo Prigogine (2008) precede a matéria. Não importa qual é a direção da seta do tempo, o importante é o seu permanente deslocamento e isto pode ser visto no envelhecimento dos seres, na modificação de formas, no desgaste da matéria.

Como se imprime o tempo na matéria? Em resumo, é esta a vida, é o tempo que se inscreve na matéria, e isto vale não só para a vida, mas também para a obra de arte (...) parece-me que a obra de arte é a inscrição da nossa simetria rompida (uma assimetria muito acentuada, porque vivemos muito intensamente no tempo) na matéria, na pedra. (PRIGOGINE, 2008, p. 30)

---

<sup>14</sup> O tempo precede a matéria, esta serve como marcador da passagem do tempo, sendo esgotável (é por meio do seu desgaste que observamos a passagem dos anos). Já o tempo não se esgota e nem desgasta, apenas passa.

Portanto, o tempo que registra sua passagem no desgaste da matéria terá seu ritmo cadenciado conforme a resistência desta matéria. Ele não será o mesmo para a pedra, para a flor ou para o homem. Quantas horas duram uma formatura? Quantos anos vive um homem? Qual a idade da universidade? Ninguém vive por séculos, a universidade não tem apenas algumas horas e não há organismo que suporte setenta anos, ininterruptos, de festa.

Também o tempo, o seu passar, serve para organizar a vida. Não mais estamos à disposição da vida natural (dia/noite; frio/calor; plantio/colheita), o uso do calendário passou a organizar nossos dias, que se agrupam em úteis, de descanso, feriados, férias... O mesmo calendário nos orienta em compromissos, nos recorda aniversários e anuncia datas festivas. Sem este caráter organizacional do tempo no calendário seria como acordar sempre no mesmo dia, ou em nenhum dia, pois esta ordem nos ajuda a conservar na memória as lembranças do que já passou ou o alerta àquilo que ainda está por vir.

Todo evento marcado por fronteiras que delimitam início e fim, como os anos e as trajetórias pessoais, por exemplo, pode ser considerado um tempo cíclico, já que tende a marcarem com seu fim o começo de um novo ciclo: a formatura que marca o fim da vida acadêmica (iniciada com o trote) e o início da vida profissional.

Encontramos no cerimonial de formatura uma enorme relação entre a organização e o tempo. O momento das fotos, do juramento, do discurso; a hora de abertura e encerramento; o tempo de música e de comemoração. Tudo deve seguir o relógio já que a formatura é uma cerimônia cronometrada. (anexo 2)

Em rituais de passagem, que se tornaram repetitivos ao longo da história da humanidade, é ingênuo acreditar que a passagem do tempo não interfere no processo ritualístico, em seu sentido ou em seu significado. Por mais que tenhamos tempos cíclicos ou espirais eles se deslocam pelo tempo perene, repetindo-se não no mesmo momento, mas no símile de si mesmos no tempo futuro. Qual será este futuro? Impossível de ser previsto. O futuro está na mesma ordem do inconsciente: toda vez que chegamos a ele (futuro ou inconsciente) deixa de sê-lo para compor-se em nova realidade (presente ou consciente). O exercício não é o da vidência, é sim o de um laborioso estudo pessoal em vista do coletivo, da construção de identidade “a identificação já não reside mais ‘num sujeito’, mas na trama relativa dos tributos que constituem o ‘sujeito’ ou, melhor, o objeto...” (DURAND, 2001,

p. 81). Isto se dará, com efeito, quando, conhecida da irreversibilidade<sup>15</sup> do tempo, escolher com clareza qual das infinitas retas que cruzam o ponto será seguida.

Verificamos que os fenômenos irreversíveis dão origem a novas estruturas e, a partir do momento em que aparecem novas estruturas como consequência da irreversibilidade, já não nos é permitido acreditar sermos os responsáveis pelo aparecimento da perspectiva do antes e do depois. Atualmente, temos uma visão diferente do tempo: já não podemos pensar, com Einstein, que o tempo irreversível é uma ilusão. (PRIGOGINE, 2008, p. 61)

Teríamos então a diferença entre o casual e o causal. Não é apenas a transposição de uma vogal (antes ou depois), é assumir um pouco da responsabilidade sobre a realidade involuntariamente monopolizada pelo cosmos. Ao cosmos cabe administrar esta quase incompreensível sucessão de *agoras*, que é o próprio tempo e sua irreversibilidade; a nós deveria caber *o quê fazer* com este tempo. A humanidade não deveria ser medida pelo que sabe, descobre ou domina, mas sim pelo uso que faz de seus conhecimentos.

Deste modo, tanto trote quanto a formatura são células de tempo cíclico, repetidos constantemente na extensão do tempo total, de onde retiram suas atualizações, mas mantêm as principais características que nos podem transpor, mesmo que ilusoriamente, há tempos idos, de suas origens e usos funcionais, redimensionados conforme a época a que se tratam (de origem e de reprodução).

Finalmente, o trote e a formatura exercem função ritualística, pois servem como símbolos da passagem do indivíduo de um tempo a outro, em encenações que revelam os *lugares* que cabe a cada um neste processo, marca um limite que indica o início (o trote). E que por isso mesmo anuncia um fim futuro (a formatura), e neste ritual representa-se a abertura de uma fronteira pela qual passam *atores* que têm a obrigação de obterem o sucesso de seus *personagens* como os futuros profissionais que caracterizam o futuro da nação. “*O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação (...) [é] uma relação social entre pessoas, mediada por imagens*” (DEBORD, 1997, p. 14). Agora o que devemos nos perguntar é se o

---

<sup>15</sup> Na seta do tempo não há como se *desfazer* ou *refazer* algo, mas sim fazer de outra forma, num outro momento. Não é um pensamento pessimista ou conformista, pelo contrário, é uma chamada urgente à ação. (PRIGOGINE, 2008)

esvaziamento midiático do presente é elemento a compor o quadro histórico do processo ritualístico ou conseqüência equivocada resultante de um acelerado processo de desenvolvimento tecnológico que nos fugiu ao controle. Qualquer que seja a resposta, ela é irreversível!

Aqui verificamos os limites, que se confundirão com fronteiras, mas que não devem ser considerados a mesma coisa. Como limite, entendemos o ponto simbólico<sup>16</sup> que determina o fim de algo e o começo de outra coisa, sendo então o elemento referencial a estruturar a vida em sociedade e mesmo pessoalmente. São estes eventos, principalmente, que dão algum aspecto linear à nossa memória. O limite é pontual e pré-estabelecido. Por exemplo, a formatura, que só acontece quando o tempo determinado para concluir o curso, ao qual os indivíduos estão vinculados, é cumprido, com o mínimo de aproveitamento e a aprovação em todos os requisitos estipulados pela equipe que o organiza. A trajetória está na relação entre o indivíduo que ingressou na universidade anos antes e aquele que agora retorna à sociedade, já modificado, reordenando seu lugar e sua função sociais, para dizer o mínimo.

Rui Cunha Martins (2008) coloca da seguinte forma:

Estamos pois face a um material que remete para o conjunto heterogêneo de práticas gestuais, narrativas e normativas, moderadamente ritualizadas – no sentido em que o elemento da *repetição*, condição e fator do rito, surge aí de modo intermitente –, mas nas quais a clara imbricação entre o domínio memorial público e privado e, sobretudo, a impossibilidade de isolar verdadeiramente um momento correspondente a este último, traduzem uma vivência da recordação como *acto de alteridade*. (p. 42 – 43)

Tanto o trote como a formatura, são, deste modo, rituais de passagem, que limitam momentos distintos na vida de um indivíduo e limitam também a própria individualidade, já que ambos rituais são encenações sociais. Servem como umbrais simbólicos da mudança, neste caso, de status e condição.

Los períodos de transición tienen todas las propiedades del *umbral*, límite entre dos espacios, donde los principios antagónicos se enfrentan o donde el mundo se invierte. Los límites son lugares de lucha (...) umbral

---

<sup>16</sup> Apontado por Bourdieu como “instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados,” (2007b, p.9) Pois a supressão destes ritos como representações do *limite* condenaria a vida pessoal e, portanto, social a um conflito de caminhos e funções.



de la casa, donde van a toparse las fuerzas antagónicas y donde se operan todos los *cambios de estado* ligados al pasaje del interior hacia el exterior... (BOURDIEU, 2007a, p. 356 e 357)

Entendamos essa passagem do interior ao exterior como uma mudança individual de cunho autônomo. No próprio texto de Bourdieu, a simbolização apresentada por ele para esse ato de amadurecimento, é o processo de desmamar, por exemplo. Ao cruzar este umbral de proteção, o estudante universitário novato passa a assumir-se, o que exige responsabilidade.

Encontramos limite em todos lugares (sejam físicos ou abstratos), como no que se refere ao cenário, a partir da onde começa o território ritualístico? O tempo também implica em limite, até quando atuamos no ritual e quando passamos à espontaneidade do improvisado? Há limite entre atores e espectadores, entre passado e presente e também entre o que se pode (aquilo que é considerado pertencente ao processo ritualístico) e o que não se pode fazer.

O limite não deve ser compreendido no sentido de censura, mesmo que muitas vezes sirva com esse fim (dar limites é também proibir), mas principalmente como o espaço fronteiro pelo qual, ao transgredi-lo por meio ritualístico e, portanto, autorizado, deixa-se para trás a condição inicial, saindo com uma nova situação. Em outras palavras, o limite é o que nos permite perceber a ação implicada pela ritual.

### 1.1.2- Símbolos, simbologia e simbolismos

A vida social é carregada de símbolos: sinais de trânsito; letras do alfabeto; marcas de produtos; idiomas... mas o que dizer, melhor, o que pensar acerca deles? Que simbologias carregam? São simples formas de comunicação? Não, os símbolos e seus simbolismos tecem um emaranhado de comunicação muito mais profundo que à primeira vista possamos desvendar. Começemos pela verificação do significado imediato para os termos.

Os símbolos agem de forma a evocar, a perpetuar ou a substituírem, em momentos específicos das relações sociais, algo abstrato ou ausente. Quer dizer, a forma simbólica como algo imaterial ou já inexistente pode ser representado, para que sua função histórica possa manter-se sempre presente. Esses símbolos são em geral os elementos que compõem o cenário ritualístico: as tintas, os ovos ou os materiais de doação, a exemplo dos trotes; ou o barrete, o canudo e o juramento, no caso das formaturas. Mas são também seus agentes, os calouros, veteranos e os espectadores involuntários no primeiro, os formandos, os docentes e os espectadores voluntários no segundo.

En virtud de esta dificultad no resulta muy aventurado comprar la realidad con el lenguaje: así como la palabra no tiene un sentido determinado en abstracto, sino que sólo significa en el interior de un discurso "vivo" y en base a un juego de relaciones de similitu y de oposición con otras palabras, así ni siquiera en la percepciónse de la realidad ya de por si dividida en objetos o cosas individuales, sino que éstos sólo se constituyen como tales en la medida en que se recortan del trasfondo o contexto con el que inicialmente se dan como fundidos. En este sentido ya la mera capitación sensible implica un conocimiento indirecto (una interpretación). (GARAGALZA, 1996, p. 115)

Enquanto o trote é um movimento que muitas vezes extrapola os limites do campus ou mesmo do corpo acadêmico diretamente envolvido no evento, a formatura se limita ao espaço de um teatro, onde as pessoas são convidadas a penetrarem e permanecerem como verificadores do processo ritual, enquanto o trote não convida nem informa, apenas expõe.

Como cenário, o trote tem a rua, na qual seus atores percorrem como parte de sua encenação. É, portanto, um cenário que se desloca e que por isso não tem uma platéia constante (GOFFMAN, 2007). Por não serem figuras sagradas ou nobres, de fácil identificação, os calouros devem se destacar entre veteranos e transeuntes de alguma forma e é por meio da pintura de seus corpos, das roupas sujas e esfarrapadas, de ações típicas como pedir dinheiro ou andar em filas, que os membros da sociedade, testemunhas involuntárias deste ritual, reconhecem-nos. Assim, os símbolos têm um significado fundamental neste ritual, fazendo-o ser reconhecido e compreendido.

...paraninfos, bailes, missas de ação de graças, roupas especiais – smooking, toga, beca -, homenageados, fotografias, presentes, flores, diplomas, dentre outros tanto aparatos e símbolos que compõem o ato de conclusão de um curso e sua comemoração ritual. (WERLE, 2005, p. 3 e 4)

A simbologia funciona como uma sinopse para um filme: a partir dela se imagina o que o ritual do uso daqueles símbolos específicos irá transmitir. Sabemos rapidamente que o jovem pintado pedindo dinheiro pela rua é um calouro e que aquele com toga, canudo e barrete é um recém formado. Ao contrário da Argentina, onde o formando, chamado de egresso, passa pelo mesmo tipo de tratamento que é aplicado ao calouro no Brasil, como já comentado nesta pesquisa (Figuras 22 e 23) jamais poderíamos apresentar um formando com roupas rasgadas e coberto de tinta e farinha, a nossa simbologia de formatura não compreende este código.

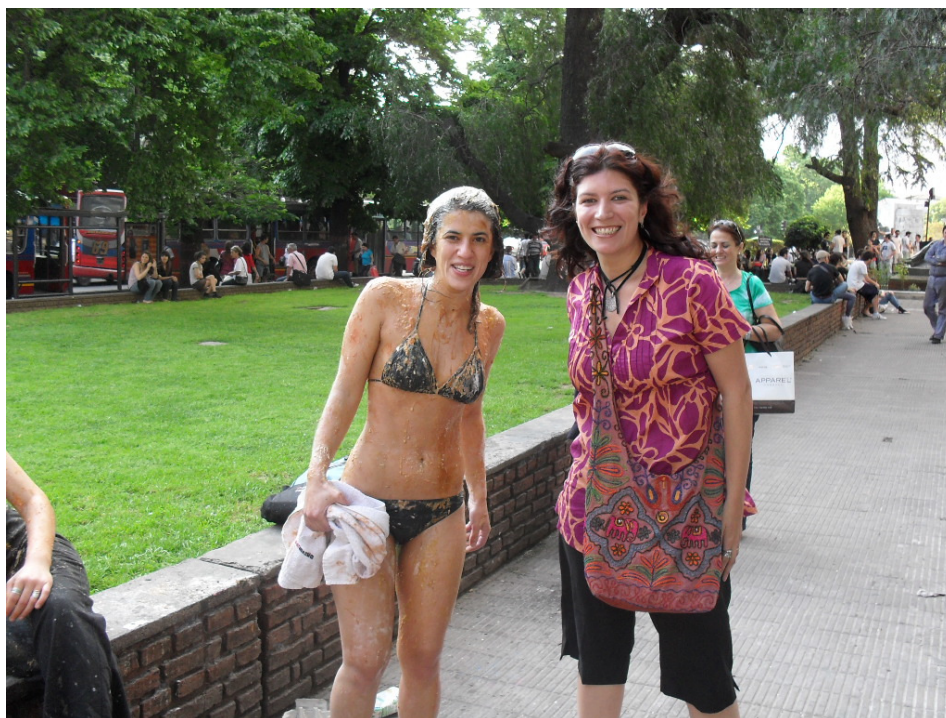


Figura 22: Egressa do curso de direito UNLP 2009/2  
Fonte: Acervo Privado.



Figura 23: Egressa do curso de comunicação UNLP 2007/2  
Fonte: Acervo privado

No caso da formatura, em que o ritual tem local, hora e procedimento marcados e determinados, os símbolos são formas de acentuar os atos da encenação. Barrete, toga, beca, faixa, fazem parte de um amplo código de comunicação, carregado de mensagem. Na imagem 24, os formandos estão com barrete nas mãos, simbolizando que ainda não colaram grau, mensagem clara para o ato de formatura. A faixa na cor do curso e a toga completam a representação dos símbolos de formatura.

A informação social transmitida por qualquer símbolo particular pode simplesmente confirmar aquilo que outros signos nos dizem sobre o indivíduo, completando a imagem que temos dele de forma redundante e segura (...) entretanto, a informação social transmitida por um símbolo pode estabelecer uma pretensão especial a prestígio, honra ou posição de classe desejável – uma pretensão que não poderia ser apresentada de outra maneira ou, caso o fosse, não poderia ser logo aceita. Tal signo é popularmente chamado de “símbolo de *status*”, embora a expressão “símbolo de prestígio” possa ser mais bem exata, já que o primeiro termo é empregado de modo mais adequado quando o referente é uma determinada posição social bem organizada. (GOFFMAN, 1988, p. 53)

Entendemos que no caso dos símbolos da formatura são eles de status, pois se referem à exata questão de posição social. No cenário deste ritual, os símbolos distinguem os formandos dos profissionais, os funcionários dos mestres. Cada um carrega os signos que lhe correspondem e indicam sua posição na hierarquia rigidamente estabelecida para esta cerimônia.



Figura 24: Formandos em Direito  
 Fonte: <<http://www.pucrs.br/diplomados/>>

Assim, simbolismo é o que se entende por todo o movimento ritualístico empreendido. É o que resultou e que permanecerá no ideário das pessoas envolvidas no processo, quase como uma dialética entre o que se fez, o que foi visto e o que ficar como imagem. O calouro e depois o formando são resultado de um projeto de si mesmos, em relação ao lugar que passam a ocupar dentro do sistema universidade/mercado de trabalho. É a combinação de suas experiências com a idéia que fazem de si e destas mesmas experiências, portanto, imagem simbólica (BOURDIEU e PASSERON, 2009), pois o calouro e o formando, como conceitos, não compreendem aspectos individuais dos jovens envolvidos, já que são apresentados como grupo identitário.

Esquemáticamente, os símbolos são os instrumentos ou agentes envolvidos no evento, a simbologia é a mensagem que o evento pretende e deve transmitir para que se justifique, e o simbolismo é o resultado da interpretação aplicada pelo espectador (que por sua vez é também agente) ao processo observado, neste caso o rito. Assim, um trote sem

calouros ou uma formatura sem barrete não são apreciadas da forma como a imagem destes rituais as concebiam.

## 1.2- Identidade

Como identidade, além da freqüente discussão em que se diz ou se pensa como sendo a construção e constituição do “eu” e da relação deste “eu” com o meio e o grupo ao qual se está associado, verificamos que para Bauman a identidade é *“algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela...”* (2005, p. 22). Para este autor, a identidade nunca será algo concluído, pois estará sempre em construção, mesmo que tentemos esconder ou disfarçar este permanente processo.

Mas a identidade não é uma formulação exclusivamente íntima, de si para si, ela é antes disso, uma construção dialógica, entre o “eu” e o grupo (coletivo). Goffman (2007) argumenta que este “eu” não é um só, mas dois: um ator e outro personagem, sendo o primeiro a aflição de ter que cumprir com as prerrogativas positivas do segundo.

O ‘eu’, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, 2007, p. 231)

Quando lemos um romance de Jane Austen<sup>17</sup> podemos verificar claramente esses elementos de representação, do sofrimento do “eu” ator principalmente quando o “eu” *personagem* não consegue cumprir com seu papel de sucesso, pois o fracasso o condena ao isolamento social.

Especificamente em se tratar de universitário, o desenvolvimento de identidade torna-se assunto delicado, já que não é uma identidade permanente. É uma fase da vida,

---

<sup>17</sup> Autora de grandes clássicos que representam a sociedade teatral e ritualística da Inglaterra, do início do século XIX, Jane Austen emulava em seus livros as redes de intrigas e tramas, evidenciando o conflito de suas heroínas e heróis quanto ao *ator* e o *personagem*, como nos famosos *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813).

mas que deve ser bem definida, já que do contrário, se perde na superficialidade, comprometendo anos de estudo.

Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou *autoeliminar-se*, porque se continuou como um estrangeiro nesse mundo novo. A entrada na vida universitária é como uma passagem: é necessário passar do estatuto de aluno ao de estudante. Como toda passagem, ela necessita iniciação (COULON, 2008, p. 31). Entendemos então o trote como este processo de iniciação, no qual vários elementos se agregaram para assinalar ao jovem e à sociedade a nova condição em que o antigo estudante do ensino médio se encontra. Ele agora é um universitário e, como tal, está se preparando para ingressar na vida adulta de profissional.

A universidade se caracteriza por ser um dos microssistemas de desenvolvimento humano em que o sujeito ganha mais espaço para a tomada de decisões e para a construção da sua nova identidade: como profissional, como cidadão e como responsável de si mesmo. (MENESES, 2007, p. 61)

Atualmente, verifica-se uma crise conquanto a questão de identidade universitária. Como vimos, seria ela uma construção forte, porém transitória, pois com a conquista do título modificaria para uma identidade profissional. Porém, já passam mais de três décadas, este processo não vem ocorrendo, ou pelo menos não com a segurança que antes se apresentava. Prandi verificou, em sua pesquisa realizada entre os últimos anos da década de 1970 e os primeiros da seguinte, em que, iniciada expansão universitária no Brasil, o ensino superior iniciou também um processo de desqualificação. O crescimento no número de jovens com titulação acadêmica principiava a ficar maior que o número de vagas de trabalho oferecidas pelo mercado nacional. Portanto, a identidade universitária, ainda com forte representatividade social, começava a se enfraquecer a partir da desqualificação acadêmica e da insegurança profissional.

...pessoas com nível superior tendem cada vez mais a desempenhar tarefas para as quais este nível não é exigido como qualificação profissional, é fácil perceber como a universidade, por si só, é hoje incapaz de garantir ocupação específica, emprego estável, status social, prestígio e rendimento nos moldes até poucos anos vigentes no país. (PRANDI, 1982, p. 132)

Este seria então o caso da formatura, um processo ritualístico que novamente assinalará a mudança de identidade daquele jovem, outrora calouro, mas agora formando.

Ele, no momento da formatura, estará deixando para trás sua vida de estudante universitário e iniciando na sociedade como profissional.

A diferenciação pessoal oferecida pelo status acadêmico ainda não se perdeu, apenas se diluiu ou se expandiu. É claro que este processo exerce modificação no significado deste status, que agora está mais para uma ascensão, em vistas da expansão, que para uma distinção, a partir de uma seleção. Esta formação identitária não está isolada, como vimos com Prandi, dos movimentos sociais. É, antes, produto deles, para então compor os movimentos seguintes, no que já vimos, é a estrutura estruturante da universidade (BOURDIEU, 2007a).

A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa á qual vêm-se agregar outros fatos biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido a sua unidade. (GOFFMAN, 1988, p. 67)

As diferentes classes ou frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 2007b, p. 11)

Como já vimos, o mito é uma produção do coletivo para o coletivo. Dentro do processo ritualístico, quando nos referimos ao de passagem ou mudança de status, o problema da divisão da sociedade em grupos hierarquizados passa a caracterizar um elemento do próprio ritual, já que o indivíduo envolvido está ali exatamente para transgredir esta fronteira socialmente estipulada.

Es em la autoridad circularmente autorizada que el grupo se conce a si mismo, em su totalidad o em la persona de uno de los suyos (delegado autorizado), donde reposa la fuerza ilocucionaria que opera em todos los rituales sociales. El carácter propriamente mágico de esta fuerza de cabo a rabo social, se nos escapa en la medida en que se ejerce solamente sobre el mundo social, separando y unindo individuos o grupos mediante *fronteras* o *lazos* (matrimonio) no menos mágicos, transmutando el valor social de las cosas (como la grifa del costurero) o de las personas (como el título académico). (BOURDIEU, 2007a, p. 376)

Então, a construção da identidade como resultado das relações mantidas com o meio, por sua vez, o meio, resulta da relação existente entre seus indivíduos e o espaço no qual



coabitam. Essa relação, “substância pegajosa”, apresenta um novo aspecto: a questão de pertencimento. Não basta estar no meio, tem que fazer parte de sua estrutura, do contrário não será um participante da sociedade, o que exigiria um outro tipo de análise que esta pesquisa não se propõe.

...o homem é duplo. Há dois seres nele: um ser individual, que tem sua base no organismo e cujo o círculo de ação se acha, por isso mesmo, estreitamente limitado, e um ser social, que representa em nós a mais elevada realidade, na ordem intelectual e moral, que podemos conhecer pela observação, quero dizer, a sociedade. (DURKHEIM, 1996, p. XXIII)

No caso do pertencimento, a idéia se está em pertencer a algum lugar, um grupo ou a um momento específico e distinto. Ninguém se sente pertencer ao indefinido, inexistente ou impalpável, é preciso que o pertencimento seja realizado numa instância de veracidade, mesmo que simbólica. Em outras palavras, pertencimento exige um enunciado ao qual pertencer. Ele pode ser um grupo étnico, uma torcida de futebol, uma classe social, um sindicato ou um grupo acadêmico.

Mesmo que este seja um sentimento subjetivo, sua objetividade está na capacidade de união entre similares, ou pelo menos entre aqueles que se julguem assim. Esta aproximação é verificada não só pela crença nela mesma, mas também por toda uma gama de *artifícios* usados para garanti-la. São eles os símbolos que externam esta identidade grupal. Roupas, brasões, gestos, idiomas, são as expressões mais contundentes para registrarem a unidade social e garantirem a cada indivíduo seu lugar de pertencimento naquele grupo. O inverso prova a razão: aquele que não compreende a maioria dos símbolos representantes de um determinado grupo sente-se invariavelmente deslocado, ou seja, *despertencido*.

O sentimento de pertencimento pode ser entendido com duas visões não incompatíveis: pode ser um laço existente desde sempre, que marca a união original daquela composição social; ou uma identidade temporária, aplicada ao momento específico em função do evento (um grupo de estudantes universitários, por exemplo). Não se anulam, pois enquanto o primeiro é virtualmente indissolúvel, o segundo pode pertencer a ele, sem corrompê-lo.

Então, ao observarmos a questão de pertencimento dentro dos processos ritualísticos de passagem ou mudança de status, estamos a analisar uma transgressão, onde o indivíduo

ou grupo de indivíduos cruzam os limites e deslocam seu sentimento de pertencimento de um grupo para outro. Ainda, em se tratando da formatura, a partir do momento que o limite universitário/profissional é transpassado, não mais será dissolvido, mesmo que o exercício daquela específica profissão não seja fato consumado durante a formatura, a profissionalização o é.

### 1.3- Festa

*“...Que festa fazer quero  
a meu próprio poder, se considero  
que só por ostentar minha grandeza  
festas fará minha obra, a natureza;  
e como sempre há sido  
o que de mais alegre e divertido  
de representação bem aplaudida,  
e é representação a humana vida, uma comédia seja  
a que hoje céu em teu teatro veja.  
Se sou Autor e se é minha festa,  
A companhia minha encargo desta.  
Calderón de La Barca (1988, p. 2 e 3)*

Pode-se dizer que a festa é a forma mais antiga de consagrar a união social. Comemorar o sucesso de uma caçada, a adoração a um deus ou a posse do herdeiro eram momentos de alegria, onde gestuais, ofertas de comidas e elaborações sonoras simbolizavam a felicidade confraternizada pelo coletivo. Muitas destas festas eram representações ritualísticas, responsáveis pelo registro de um evento marcante ao todo social e que, por isso, deveria ser divulgado ao grande grupo. Ainda hoje cultuamos este tipo de festa, além da simples reunião entre amigos e parentes. É o caso do trote e, mais ainda, da formatura, que vão além da comemoração, pois estão carregados de informações a serem expressas em seus gestuais, discursos, vestimentas, faixas...

A festa, por envolver sentimentos e representar-se em símbolos, portanto evento estritamente humano e subjetivo, é improvável que venha a estreitar-se num único conceito. Nem todos comemoram seus aniversários; nem todas as culturas organizam recepções em velórios; somente os cristãos festejam o Natal, então, como definir o que é *festa*?

Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas (...) o que é festa para

uns, pode não ser para outros. Pode ser descrito como baderna, bagunça, manipulação, alienação, como a morte da própria festa. (GUARINELLO, 2001, p. 969)

Alguns elementos são básicos para haver a festa: pessoas sejam organizadoras, homenageadas, espectadoras, participantes; local; motivo; caráter, se religiosa, política, particular ou pública; e data. Muitas vezes estes elementos, pertencentes ao *habitus*<sup>18</sup> social, são momentaneamente modificadas quando do tempo perene que compõe a festa. O rompimento de barreiras sociais, a transformação da rua em palco e do palco em pista, o dia de trabalho que vira de descanso, a festa tem o caráter paradoxal de quase sempre fazer parte do cotidiano rompendo com ele. Do ponto de vista social, a festa se repetirá, sendo apenas um momento de fuga da rotina diária, mas sem romper com ela; do ponto de vista particular, a mesma festa pode ser um marco, evento único que serve de referência pessoal para o antes e depois dela.

A festa também pode ser entendida como ruptura (DA MATTA, 1990) ou extrapolação momentânea (BRANDÃO, 1989). Esta pesquisa observou a possibilidade da dupla interpretação tanto para o trote como para a formatura, sem prejuízo para nenhuma. Há ruptura, pois marca a mudança em diferentes campos da vida do jovem: primeiro, o calouro que passa a integrar o mundo no campus, depois como formando que deixa a vida universitária para integrar o mercado de trabalho. Mas é também extrapolação momentânea, já que serve como canalizadora de sentimentos, práticas, realizações e pretensões: a conquista, o retorno de anos de investimento e a aposta que o vestibular garante o diploma e o diploma garante o emprego. Não são o trote ou a formatura que rompem, é tudo que possibilita a chegada a um ou a outro, a festa só representa esta ruptura, de forma efêmera.

Mesmo quando falamos em ruptura não podemos acreditar que tudo será diferente. A ruptura se dá em alguns termos, como no status cultural, profissional, algumas vezes até econômico ou político, mas quanto ao emocional? Não será numa festa que um jovem converte-se de simples adolescente em universitário dedicado. As relações familiares tendem a manterem-se, assim como as amizades, os gostos e possíveis convicções

---

<sup>18</sup> “*sistemas de disposiciones duraderas y transferibles, estructuras estructuradas predispuestas a funcionar como estructuras estructurantes, es decir, como principios generadores y organizadores de prácticas y representaciones...*” (BOURDIEU, 2007a, p. 86)

religiosas. “A festa é, pois, por um lado, continuidade do cotidiano, mas, por outro, descontinuidade” (ROSA, 2002, p. 26).

É, então, a festa uma explosão de satisfação e desejo. Satisfação, pois representa uma conquista, o sucesso do investimento (seja emocional, temporal ou financeiro), e desejo por profissionalizar-se (no caso do trote) ou de conquistar uma vaga no mercado de trabalho (no caso da formatura). O que estas festas têm em comum é a realização da conquista, do degrau avançada na escala social.

Muitas vezes a preparação para a festa é tão ou mais importante que a própria festa. Carregar uma roupa velha para o caso do trote ou escolher o convite, a roupa e a música no caso da formatura, fazem parte do ritual que culmina na festa. Porém, este período de preparação exerce poder tão grande sobre os indivíduos envolvidos que acaba por retirá-los do *habitus* ao qual pertencem, mantendo-os, até o evento, numa região limiar: ainda carregam o lugar que ocupavam no passado recente (candidatos ou universitários), porém, somam o novo status, que passaram a carregar após o ritual (universitários ou profissionais). Isto é nitidamente observado nos formandos, que já não usam mais a denominação de universitários, mesmo que ainda não estejam incluídos no mercado de trabalho, atuando em sua área de formação.

A festa ainda serve como marco memorativo, de onde os participantes e a própria sociedade retém à memória, servindo esta para um acordo identitário. Saber quem ingressou na faculdade ou se formou, em qual curso ou até em qual universidade, lembrar dos colegas de palco, identificar os parentes e amigos presentes, incorporar o papel que lhe é reservado naquele conjunto de situações sucessivas contribui para a localização do seu próprio lugar na rede social. O registro coletivo do ritual de passagem festivo legitima a memória individual, pois todos os elementos envolvidos saberão definir os papéis exercidos no momento da cerimônia (CONNERTON, 1993).

especial  
formaturas

INFORME COMERCIAL 05

Opinão  
Imagem

comemoração

# Chegou a hora da tão sonhada formatura

A vontade de comemorar é grande. Afinal, o esforço e dedicação durante tantos anos de estudo merece uma festa de arromba. E para isso, existem hoje no mercado os mais capacitados profissionais que auxiliam desde a escolha da festa ideal para o seu estilo, até os detalhes como DJ, buffet, decoração, lembrança aos convidados e tudo mais que você planejou para a tão sonhada festa. Mas as vezes o final da faculdade, ou até mesmo do Ensino Médio, são tão tumultuados que nem nos damos conta dos diferentes rituais que passamos e de tudo que precisamos pensar para o inesquecível dia. O Caderno Especial Formaturas selecionou alguns detalhes sobre cada momento e, também, algumas dicas para que tudo esteja impecável.

**A comissão**

O primeiro passo para dar início aos preparativos da formatura é eleger uma comissão de formatura composta por um determinado número de alunos que ficam responsáveis pela centralização de informações, organização e execução de todos os assuntos e detalhes inerentes a cerimônia e festa de formatura.

**Festa para arrecadar fundos**

Durante os seis meses que antecedem o grande dia, os formandos organizam animadas festas para arrecadar fundos. Algumas com sucesso, outras nem tanto. Tudo depende da criatividade da turma que pode promover desde festas open bar, até à fantasia. Geralmente, a comissão de formatura se responsabiliza pela negociação com alguma casa noturna que disponibiliza parte da arrecadação de ingressos para os formandos. Uma ótima oportunidade de arrecadar dinheiro é aproveitar as contribuições, através de rifas de brindes (algumas vezes já vem com o talão) que algumas empresas de formatura oferecem.

**Sessão Solene**

Realizada com veste talar (toga) e com a presença de um paraninfo, homenageados e orador, em local escolhido pelos formandos e em data e horário a serem definidos entre o Cerimonial da Universidade com as comissões de formatura. A Colação de Grau acontece mediante solicitação formal do estudante protocolado com, no mínimo seis meses antes da conclusão do curso, na época prevista em Calendário Acadêmico.

**Preparativos para a comemoração**

Reunir os amigos, familiares e colegas para se divertir e brindar pela conquista é um momento ímpar. A relações públicas Karine Ruchinsque destaca que o primeiro passo para a definição da festa de formatura é a vontade de querer celebrar. Segundo ela, as alternativas mais econômicas são os bailes de formaturas em casas noturnas onde o formando pode escolher o economato e contratar a maioria dos serviços, de acordo com o orçamento, não precisando contratar todos os serviços diretamente do local, como funciona na maioria dos clubes. "Já as opções mais requintadas são as casas de eventos e os clubes, onde podemos usufruir de uma melhor estrutura e explorar o requinte e a sofisticação da festa através da decoração", considera Karine. A proprietária de uma inovadora casa de festas de Porto Alegre, Juliana Borges Fortes Mariano, afirma que as

Cada vez mais as produtoras de formatura inovam e criam incríveis eventos temáticos

tendências deste segmento de formaturas são mesmo as festas sofisticadas, personalizadas, inovadoras, sempre cheia de novidades, fugindo um pouco do tradicional. "A tendência é fazer uma festa mais descontraída, mas sem deixar de lado a excelência nos serviços. O que se destaca hoje em dia é o serviço de coquetel com mini porções de pratos quentes e ilhas dos mais variados tipos de alimentação, tornando o evento mais prazeroso e inesquecível", Juliana considera que, nos dias de hoje, a festa de formatura varia conforme o perfil do formando. "Para uma festa ser diferenciada deve ser escolhido um moderno local, bem localizado, com uma bela ambientação decorada com os mais diversos materiais".

"A tendência é fazer uma festa mais descontraída, mas sem deixar de lado a excelência nos serviços"

Juliana Borges Mariano  
Proprietária de uma casa de eventos



Figura 25: Reportagem central de material de divulgação  
Fonte: Informe Comercial, Especial Formaturas, de 10 de junho de 2009, p. 5

Nas figura 25 a formatura é apresentada como espetáculo, com um cenário de show, valorizando os efeitos técnicos apresentados pelas produtoras que, mesmo não ocorrendo em muitas cerimônias oficiais, como nas da PUCRS, reservam grande variedade de recursos visuais para a festa. Também investem na divulgação das festas de arrecadação de fundos, uma nova fonte de investimentos para as próprias produtoras.

Já o trote não caracteriza fonte de renda para produtoras de eventos, mas tanto universidades como a própria sociedade vêm investindo em criatividade na hora de aplicá-lo.

Ou para evitar a violência ou para conquistarem espaço nos meios de comunicação, hoje encontramos diferentes formas de comemorar a conquista da vaga em uma universidade. Campeonato de truco, atividades de integração entre os universitários, coleta e doação de alimentos, roupas ou material escolar, doação de sangue e mesmo palestras, são algumas alternativas apresentadas. Numa leitura um pouco desententada, a matéria abaixo (figura 26) poderia sugerir mais uma gincana estudantil que trotes acadêmicos



2 PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2009

# Capa

## Qual o seu jeito de comemorar?

*Sujo ou limpo, o trote é parte da vida acadêmica e está ganhando novas versões. Em um mesmo espaço, como no campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), há lugar para ações solidárias, brincadeiras tradicionais ou mesmo um insólito campeonato de truco. No pátio da faculdade, só não há chance para a violência. Confira algumas propostas de 2009 e inspire-se: qual vai ser o seu trote em 2010?*





**Truco no campus**

Um campeonato de truco atraiu bixos e veteranos da Faculdade de Administração da UFRGS neste começo de ano. Durante o evento, já conhecido como Quarta Solidária, os participantes também mobilizaram estudantes para a doação de sangue e divulgaram ações do projeto Vida Urgente. De longe, observaram brincadeiras tradicionais, como a de levar os bixos para conhecer o campus amarrados a uma corda (ao fundo).

**Dinâmicas de grupo**

Jogos de integração entre calouros e veteranos valem pontos em gincanas. Quem participa deste tipo de trote precisa usar a memória e habilidades de planejamento e trabalho em equipe. A partir de um círculo, os estudantes da foto tiveram de montar estratégias para concluir tarefas sempre de mãos dadas. A brincadeira foi mais do que aprovada pela caloura Mariana Andriugetto, 18 anos: – Foi muito divertido, bem melhor do que qualquer trote sujo. Este tipo de atividade foi a minha chance de conhecer os veteranos, sem precisar passar por nenhuma humilhação.



**Brincadeiras e doação**

Crianças da Ação Social Aliança receberam parte dos 2.725 itens de doações recolhidas este ano por calouros da Faculdade de Administração da UFRGS. Além de materiais de limpeza, leite em pó e fraldas, calouros e veteranos levaram o ônibus Brincalhão da prefeitura e promoveram uma tarde de diversão na casa de passagem.



**Doação de sangue**

Quem não pode doar, dá um jeito de levar o pai, a mãe ou o namorado para participar. Para o estudante da UFRGS, Darko Rodrigues Bufolin, 18 anos, (o terceiro na foto) foi a chance de experimentar o ato de solidariedade. – Fui e senti que estava mesmo ajudando uma pessoa. Isso me trouxe alegria e agora vou doar a cada três meses. Gostei do trote solidário, acho importante, mas não resisti ao trote sujo. Os nossos veteranos avisaram direitinho para usarmos roupas descartáveis – contou.



**Educação ambiental**

Calouros da UFRGS tiveram de comprar lixeiras para uma ação de educação ambiental na Escola Santos Dumont, na Capital. Alunos e professores foram estimulados a confeccionar os novos cestos com as cores e símbolos da reciclagem. Depois de prontos, as crianças recolheram lixo no pátio e colocaram nas latas corretas.



**Ciclo de palestras**

Um auditório lotado também é uma forma de receber os colegas na faculdade. Os temas mais comuns para atrair os calouros para esse tipo de trote são os ligados ao mercado de trabalho e dicas sobre a faculdade.



Figura 26: Matéria jornalística

Fonte: Zero Hora, quarta-feira, 18 de março de 2009.

Tanto nas cerimônias de formatura observadas como no Momento Formandos, o apelo à memória é constante. Fotos de parentes, amigos ou da infância, depoimentos de ex-alunos ou recordações de professores marcam momentos específicos, de homenagem, que fazem parte do processo ritualístico. É dizer que aquilo que estamos representando também faz parte do registro pessoal de outras pessoas, que se envolveram e levaram consigo esta memória. É também apontar os lugares ocupados por cada um, o professor que é o exemplo, os parentes que oferecem o apoio, os amigos que contribuem na formação da identidade do grupo, enfim, uma rede que serve tanto para sustentar a comunicação quanto a memória.

Ainda há um novo aspecto a ser tratado aqui. A transformação da festa em espetáculo. Até mesmo os aniversários antes comemorados restritamente a alguns convidados, hoje se esganiçam em equipamentos de som acionados pelos famigerados carros-mensagem ou estampados em fotos e frases gigantescas nos outdoors da cidade. Essa onda de necessidade midiática transformou o trote em caso de polícia, pois este incorporou ao ritual a violência, e fez da formatura uma busca constante por recursos inovadores como pirotecnia e apresentações circenses, neste caso havendo ainda o esvaziamento do significado da formatura como a garantia do emprego e da renda.

Como já foi apontada, a mudança na vida dos que participam deste ritual é um dos elementos marcantes do próprio processo, não ocorrendo cria-se uma falha de significação do ato ritualístico, podendo ser substituído pela violência no caso do trote (figura 27) ou pela espetacularização na formatura (figura 28).

A violência, atualmente tão diretamente associada ao trote, está relacionada com o perfil da sociedade na qual o ritual está inserido. Nas origens do trote, como veremos mais adiante, já se encontram relatos de violência e humilhação, mas estes não representavam em si a desmoralização do indivíduo, senão deslocamento da categoria, tratava-se de dissolver o novato, transformando-o em veterano a partir do sofrimento. Porém, a agressividade de hoje tem outras origens, muito mais ligadas a uma crise de limites e um excesso de frustrações. Impunidade, permissividade, fracasso e impotência são fantasmas que convivem conosco na atualidade.



**CICATRIZES**  
Ferreira mostra as marcas que teria sofrido no trote



**4 LEME (SP)**

### Chicotadas e queimaduras no trote

**O PERÍODO** de início das aulas nas faculdades brasileiras costuma ser marcado por histórias chocantes de violência contra os calouros. Bruno César Ferreira carrega na pele as marcas de um trote que extrapola qualquer conceito de "brincadeira". Aprovado em veterinária na Faculdade Anhanguera, ele foi amarrado a um poste, chutado e chicoteado. Para a polícia, houve lesão corporal dolosa, com intenção de ferir. Bruno não foi o único a sofrer castigos físicos nesta temporada de trotes. Em Araçatuba, também no interior paulista, duas universitárias afirmam ter sido queimadas por produtos químicos na Fundação Educacional de Santa Fé do Sul. Uma das vítimas, Priscila Vieira Muniz, de 18 anos, está grávida de três meses. A fundação diz ter proibido trotes.

Fotos: Carlos Moraes/Ag. O Dia, Daniel Conrass/Unifag, BBS e Robson Ventura/Folha Imagem

16 de fevereiro de 2009. **ÉPOCA** > 17

Figura 27: Nota em revista sobre a violência no trote  
Fonte: Revista Época, 16 de fevereiro de 2009, p. 17



Comportamento

# FORMATURAS MILIONÁRIAS

Estudantes organizam superproduções para comemorar a conclusão da faculdade

João Loes

**T**radicionalmente, a formatura da faculdade sempre foi um evento protocolar que atendia mais a um desejo de pais e familiares do que do próprio recém-formado. Subir ao palco, receber o canudo e posar para uma foto era

o máximo que se esperava de um bacharel. Uma tímida comemoração com coxinhas, bolinhas de queijo e rissoles regada a cerveja e refrigerante geralmente se seguia. E só. Mas, na última década, a festa deixou de ser uma coadjuvante no

**CATARSE** Formandos pagam caro, desde o primeiro ano, para garantir uma colação de grau emocionante e uma luxuosa festa de formatura

rito de passagem que é completar o ensino superior e entrar no mercado de trabalho para se tornar a protagonista deste momento.

Com o aumento de mais de 365% das vagas em universidades públicas e particulares entre 1996 e 2006, surgiu um mercado vigoroso – e aparentemente imune a crises – específico para esse tipo de festa, que ganhou ares de superprodução e tem custo frequentemente superior



**MEGAFESTA EM NÚMEROS**

**R\$ 1,2 milhão**  
é o preço de uma formatura

**R\$ 400 mil** é o teto dos cachês cobrados pelas bandas

Figura 28: Reprodução da capa de reportagem  
Fonte: Istoé, 21 de janeiro de 2009

Na atual sociedade a espetacularização das formaturas mereceu matéria de três páginas em revista nacionalmente reconhecida. *Isto É* publicou, em janeiro de 2009, uma reportagem em que mostra o quanto a formatura está transformada numa ostentação, muitas vezes custando ao formando uma quantia quase equivalente ao custo de todo o curso universitário, que envolve, senão nas mensalidades, em livros, cadernos e transportes, por exemplo.

De um tempo para cá, as comemorações, mesmo as domésticas e outrora íntimas, tornaram-se espetáculos de mau gosto (...) Quanto às formaturas: promotores tomaram conta das encenações, [porque em encenações de transformaram] quase sempre sem o menor conhecimento do que estão falando. Foi possível escutar de um destes, ao se dirigir a seus clientes [porque em clientes se transformaram]: “Na hora em que o diretor põe aquele chapéu na cabeça de vocês, vocês...”. Chapéu. Sim, chapéu. (BRASIL, 2009, p. 5)

As despesas com a festa de formatura, o baile, o tempo investido na elaboração, o desejo da representatividade num evento cinematográfico provoca a descaracterização do ritual como o principal processo, que consolida os anos de estudo. O que se observou tanto nos ensaios para a cerimônia, como na própria formatura foi uma preocupação com a música selecionada para o *seu* momento, o discurso dos oradores que tentam mais promover a imagem pessoal que a conquista do grupo (ainda que não seja uma conquista promovida *pelo* grupo, já que o desempenho acadêmico é um processo individual), a “recepção” dos convidados quando o formando a que foram admirar é chamado. Tudo parece distorcido: as músicas pouco diziam sobre o momento vivido e sim o gosto pessoal do formando, os discursos quase sempre vazios de conteúdo e cheios de frases de efeito, e o público, que mais parecia torcida de concurso de beleza.

A descrição acima, que parece um tanto amarga, é na verdade confirmada pelos depoimentos feitos por alguns dos responsáveis pela execução do evento:

Eles escolhem a música que eles querem, isso já traduz uma identidade (...) só que as pessoas têm que entender que aquilo ali é uma formatura, não precisa mostrar para todo mundo o que está sentindo em relação a outras situações de vida. Então eles também têm que saber selecionar isso. (PROFESSORA, PRAC)

Elas querem sempre muita coisa. Elas querem chuva de balões (...) fogos de artifício na saída do auditório, chuva de prata, balões caindo do teto, grua no salão, que a câmera passe por todo o auditório, pra que filme todas as pessoas não só aquelas da frente. Elas querem realmente, um megaevento, elas começam querendo um megaevento (...) aí quando a gente vai pra reunião e diz “isso pode isso não pode” (...) mas na verdade

elas vêm com uma expectativa, até por que em outras universidades elas vêem esse espetáculo, de pessoas fantasiadas, de pessoas com plaquinhas, de pessoas que podem ir ao púlpito e fazer um discurso e elas não podem fazer isso. Nós temos um cerimonial fechado onde elas têm o momento delas... (FUNCIONÁRIA, Pedagogia)

Esse deslocamento no sentido da formatura envolve muitos elementos, características relacionadas com o contexto social, político, econômico e cultural, ou seja, tudo que esteja ligado à dinâmica da sociedade. A imaturidade destes jovens formandos, que vem ingressando cada vez mais cedo na universidade, a exploração comercial do universo acadêmico (não só na formatura, como na própria oferta de faculdades), o acesso à graduação de classes antes impossibilitadas de cursarem um curso superior, e a desvalorização do diploma como garantia de emprego e rentabilidade, são alguns desses elementos que podemos citar aqui.

Com o trote a situação não é muito diferente. O problema concentra-se no auto reconhecimento como universitário, assumindo as responsabilidades inerentes a este momento da vida. Essa dificuldade se estende às vezes por mais de um semestre, comprometendo a maturidade daquele que deveria ser o veterano, mas ainda age como calouro. Irresponsabilidade e inseqüência juntos podem desencadear uma situação de difícil controle, refletindo uma violência que é constante na sociedade em que vivemos. As formandas abaixo entendem que há esta dificuldade de assumir uma postura de universitário, mantendo muito do perfil de aluno do ensino básico, mas que a autonomia exigida pela prática dos estudos universitários vão colaborando para o amadurecimento deste jovem.

...eu acho... a faculdade, ela é uma extensão um pouco do colégio. Os colegas têm ainda uma visão de brincadeira, de não levar muito a sério, então no começo a gente sente ainda que não tem muita diferença. Depois conforme o curso vai avançando, que a gente vai fazendo estágio, que tu vais trabalhando, é que daí eu acho que tu tens realmente o reconhecimento da tua responsabilidade daquilo que tu estas fazendo. Mas no começo é realmente mais parecido com o colégio. (FORMANDA 8, Direito)

No caso eu acho que a minha família se envolveu menos, no caso com os professores e a instituição, do que no colégio. No colégio era aquela coisa, tava com problema eles chamavam os pais, agora não, aqui tu ta com problema, te vira né. É mais cada um por si, mas acho que isso é bom, que a gente acaba amadurecendo mais, levando mais a sério, nos cobrando mais, nós de nós mesmos, não os pais nos cobrando. (FORMANDA 4, Arquitetura)

Então, a impressão que temos ao ler as reportagens e estes depoimentos é que a dificuldade inicial em assumir-se universitário compromete a simbologia do que é o trote como ritual de passagem. Permanecer como alunos de colégio não dá sentido ao processo ritualístico, submetendo o rito à mera brincadeira.

Finalmente, o conceito de festa aqui abordado refere-se ao evento que confraterniza com elementos da sociedade um motivo específico de comemoração, onde é importante tanto a atuação quanto a observação, pois a festa é também memória. Mas é intuitiva, improvisada, não exigem ensaio nem roteiro prévio. O máximo que uma festa estabelece é local, horário e traje. Quando vamos a uma festa, dificilmente sabemos de véspera que tipo de música ouviremos (salvo festas típicas), qual comida será servida ou onde nos sentaremos. Diferente da cerimônia, que tem na própria acepção da palavra o idéia de formalidade.

A cerimônia tem distintas compreensões e possibilidades de origem. Ao que nos interessa, é um *“conjunto de procedimentos e formalidades que devem ser seguidas nas festas públicas ou religiosas, nos atos ou momentos solenes”* (VELLOSO, 1999, p. 11). Portanto, é comum confundir cerimônia com ritual, porém, ao contrário deste, a cerimônia é ato amplamente consciente, em que se age conforme um roteiro pré-estabelecido, o protocolo, e aceito, tendo em vista a possível realização, agora sim, de um ritual.

Cerimônia é um evento social no qual se distingue um ritual adequado à finalidade e ao sentimento em relação ao seu objeto, cujos papéis são preenchidos obedecendo uma ordem de precedência estabelecida por um protocolo. (COBRA, 2002, p. 38)

É então que começamos a pensar no quanto a emoção do momento confunde as circunstâncias. A cerimônia que precede a festa acaba por ficar submersa nos sentimentos espontâneos da festa, muitas vezes comprometendo a sua execução. Arroubos de felicidade por parte de formandos, amigos ou parentes, muitas vezes acaba desviando a atenção do ritual para uma atitude até imatura por parte daquele que está ali para receber a titulação de graduado. Ao observar as formaturas de direito, arquitetura e pedagogia, da PUCRS 2008/2, apesar de toda orientação passada aos formandos durante os ensaios e que está formulado em documento entregue aos alunos, ocorreram excessos por parte da platéia, que agiam mais como torcedores que testemunhas da cerimônia.

Dentro do universo acadêmico, assim como no político e religioso, encontramos muitas cerimônias que caracterizam as ações de seus membros. A tarefa constante, por parte do professor, de informar às secretárias de departamentos as notas das avaliações de seus alunos, ou, por parte desses, os pedidos para bancas de defesas, são cerimônias protocolares, cuja forma estritamente definida permite a exata comunicação. E esta é a função da cerimônia, seguir um roteiro preciso para que a informação não se percam, não deixando dúvidas quanto ao conteúdo.

Nessa ordem de idéias, a cerimônia social é, possivelmente, o elemento fundamental da vida coletiva porque exprime, com marcante intensidade, as dimensões dos papéis sociais e o confronto dos símbolos que eles significam. (DUVIGNAUD, 1983, pp. 8-9)

É assim, um ato disciplinador, podendo ser até conservado, já que estabelece como regra, entre outras, as relações e hierarquias pré-existentes. Mais que conservador, é reproduzidor destas relações, pois as formaliza publicamente. “*Quanto às funções desempenhadas pelo Cerimonial, existe quase um consenso em que a mais importantes se refere o disciplinamento das precedências...*” (LINS, 1991, p. 30)

E é aqui que cerimônia e ritual se distanciam, sendo o primeiro construindo a partir e para o senso comum, o segundo está muito mais relacionado com a comunicação entre o indivíduo e o meio.

En esos espacios serios – donde las autoridades principales se distinguen del resto de los participantes – hay relaciones formales, es decir, relaciones diferenciadas entre las personas de acuerdo con el nivel jerárquico que tienen en la sociedad. (OLORÓN, 2005, p. 88)

Então, cerimônia e ritual acabam por completarem-se, servindo o ritual associado à cerimônia como forma de expressão individual em meio às ações coletivas definidas. Porém, esta associação não é obrigatória, não ocorrendo, por exemplo, nos citados procedimentos acadêmicos, mas sendo sim, características da formatura.

Por fim, enquanto a formatura é por si um ato solene, o trote é uma ação improvisada, mesmo que idealizada. Com a adoção de atitudes solidárias, o trote passou a também conter uma dose de cerimônia. Doação de sangue, visita a asilos ou creches, arrecadação de produtos para doação, são ações que implicam num processo bem definido,

com agendamento, definição de local e respeito às diversas regras estabelecidas pelo local e pela própria ação.

#### 1.4- Mito

*A propósito do mito, convirá recordar aqui, com Lévi-Strauss, que o mito não é poema, nem ciência, nem filosofia, embora coincida com o primeiro por seus processos (função poética), com a segunda por sua lógica e com a última por sua ambição de nos fornecer uma idéia do universo.  
Ruth M. Chittó Gauer (2004, p. 10)*

Frequentemente confundido com fábula, o mito, a própria terminologia, é constantemente utilizada para expressar mentira, ilusão ou fantasia. Já foi apenas isso. Dos antigos até o século XIX era desta maneira que o mito era visto e tratado, mas, retomando a visão arcaica, o século XX reformulou o conceito agregado ao mito, aplicando-lhe a imagem de verdade a partir da tradição, repetida como no “modelo exemplar” (ELIADE, 2002, p. 8). Atualmente, o mito pode ser observado com ambas as interpretações, o que dificulta o uso correto ou pelo menos a interpretação mais acertada.

O mito pode ser entendido como uma possível verdade legitimada por meio de um ritual onde seu texto é proferido. A legitimação tem maior ou menor efeito conforme os elementos que compõe o ritual e a eloquência da mensagem. Essa possível verdade está baseada na herança original do rito, o momento no qual teria sido fundado e que agora paira, de maneira “virtual”, sob as contínuas repetições de si. “*Por meio de uma tal imitação, o homem é projetado para a época mítica em que os arquétipos foram pela primeira vez revelados*” (ELIADE, 1992, p. 38)

Vendo assim, o mito é composto pelo simbólico de si mesmo – seu momento fundador – e pela imagem de sua recriação (DURAND, 1994). Não há como provar a veracidade de sua fundação e nem é esse o objetivo. A sua força está na duração de seu uso e na construção constante das relações sociais que são apoiadas por ele. É um “*producto colectivo y colectivamente apropiado*” (BORDIEU, 2009, p. 68). Em outras palavras, o mito é uma criação coletiva que visa estreitar os laços que a unem e por isso entende-se



como algo a ser constantemente usado pela mesma coletividade, sendo, portanto, a oposição de *ideologia*, que analisaremos a seguir. Mas ainda assim:

Na modernidade, devemos ler um processo de ideologização que incorpora os mitos: o mito da ciência substituto da revelação; o mito da transcendência dos pobres; o mito do indivíduo como exaltação relacional e reciclagem de uma subjetividade ameaçada pela homogeneização da vida social; o mito do sexo como um libertador de uma libido que, durante muito tempo, ficou esmagada pelas exigências do superego; o mito do trabalho ao qual aderimos como se fosse um código e um estatuto social; o mito da mudança perpétua, paródia da revolução; o mito da imortalidade que dá respaldo às experiências de criogenização dos cadáveres... (RIVIÈRE, 1996, p. 37)

O que Rivière nos mostra não é uma solução para a confusão ou mesmo transfiguração do mito para ideologia, é sim uma busca incansável em reconhecer este processo, onde quer que ele se dê, para que pelo menos saibamos, se não pudermos escolher, a que mito seremos ideologizados.

O mito se sustenta pela argumentação simbólica, que por meio da repetição se imprime veracidade ao ato, sendo ele uma forma de manter o passado (local de onde se tira as explicações para a existência presente) em constante ligação com o presente:

A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. (ELIADE, 2002, p. 13)

Para que sua relação no meio social seja devidamente observada, o mito não pode ser proferido por qualquer um, em qualquer lugar, num indeterminado momento, por quem quer que seja. O mito só se confere mito se esses elementos que o caracterizam estiverem de acordo ao seu processo, que em muitos casos ocorre num ritual. É dizer, um rito de passagem, por exemplo a formatura, só se dá perante a confirmação do mito, que por sua vez é o próprio enunciado da mudança. “*Não se trata de um conhecimento ‘exterior’, ‘abstrato’, mas de um conhecimento que é ‘vivido’ ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação*” (idem, p. 22)

Mas mitos podem surgir a qualquer momento, baseados num fato, isolado ou não, mas amplamente divulgado. A violência no trote está se transformando em mito, pois exerce poder superior sobre a imagem original do trote. Isso deve-se também ao fato de



que o trote sempre esteve, de uma maneira ou outra, associado à violência, mas de uma forma mais simbólica que física. Não é dizer que o mito é uma verdade inventada, porém que é uma verdade prevalecida.

## 1.5– Imagem

*O olho vê o mundo, e aquilo que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele próprio, e, sobre a paleta, a cor que o quadro espera, e vê, uma vez feito, o quadro que responde a todas estas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras e outras faltas.*  
M. Merleau-Ponty (1969, p. 42 e 43)

A diferença entre o trote e principalmente a formatura, ao longo dos séculos, está mais no significado do que na forma. Atualmente, com a “explosão do vídeo” (DURAND, 2001), estes rituais tomaram rumos muito mais midiáticos do que expressões da significação pessoal/coletivo. A festa, a roupa, a banda, as fotos são mais relevantes que os anos de estudo, a conquista do diploma e a preparação para a vida profissional.

A partir do desenvolvimento científico e do parcial desvelamento do inconsciente, ao final do século XIX e mais ainda em todo o século seguinte, a imagem, antes utilizada como forma de comunicação simbólica, passa a uma categoria de informante estéril. Seu significado deve ser o mesmo à maioria dos olhos. A reboque desenvolve-se a mídia, que se sustenta na veiculação deste tipo de imagem esvaziada. O sentido das coisas ou ações perde-se, pois agora o que vale é a exposição<sup>19</sup>, é ser filmado ou fotografado. Aparecer no jornal ou no noticiário, ter a foto fixada em algum mural ou distribuída em portfólios, esse é o significado válido atual.

Hoje as fotografia não têm mais a função de representar, funcionam como biombos que mascaram o mundo, uma forma de alucinação, uma nova idolatria, as pessoas passam a viver em função das imagens. Não é incomum acompanharmos, nos dias de hoje, formaturas nas quais, durante o evento, os formandos têm que reter a marcha, entre a cadeira e a mesa oficial frente a qual diplomam-se, para serem fotografados, interrompendo a fluidez da caminhada, do estar e viver o evento. (WERLE, 2005, p. 1 e 2)

---

<sup>19</sup> Como num vernissage, não são as obras que serão fotografadas, sim quem as observava.

Portanto, antes, quando o trote ou a formatura eram em si significados de um processo ritualístico de passagem e identidade, assim como eram as festas de debutantes e os casamentos, passam, com a “revolução do vídeo”, a serem significantes, sintomas de um ato que parasitariamente se utiliza de uma forma de comunicação tradicional para se manifestar.

Todavia, as difusoras de imagens – digamos a “mídia” – encontram-se onipresentes em todos os níveis de representação e da psique do homem ocidental ou ocidentalizado. A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, quando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados, às vezes como “informação”, às vezes velando a ideologia de uma “propaganda”, e noutras escondendo-se atrás de uma “publicidade” sedutora...” (DURAND, 2001, pp. 33, 34)

Somos espectadores, conformados ou não, de uma civilização pré-fabricada de imagens erotizadas. Imagens estáticas em painéis de rua, cartazes em fotos de revistas. E imagens em movimento, na televisão e no cinema. (GOLMAN, 1970, p. 32)

A sedução pela exposição da imagem permite que ela manipule o meio, infiltrando-se nos mais comuns e tradicionais afazeres, redimensionando-os e revalorando-os, transformando uma simples caminhada no parque em desfile de passarela. Ao trote e, principalmente, à formatura, vale mais *estudar* a roupa, o penteado, a música, o convite, a filmagem... a lembrar que a partir daquele evento, fundamentalmente, deixa-se de ser estudante e passa-se a profissional (no Brasil atual é mais provável que se torne desempregado).

Numa sociedade de exposição, em que palavras como *celebridade*, *notoriedade* ou *exposição*, são melhores conceituadas que *acadêmico*, *universitário* ou *intelectual*, a imagem transformou-se em identidade. Pura ilusão, pois esta se desfaz ao clique do botão e o apagar da tela.

Eso explicaria la fragilidad y la inestabilidad de esse yo visible, exteriorizado y alterdirigido; de ahí los peligros que también acechan a esas subjetividades construidas en la deslumbrante espectacularización de las vidrieras mediáticas. (SIBILIA, 2009, p.312)

O *show do eu*, que vem ganhando força ao longo desta última década, tem relação direta com a sua própria fragilidade. Enquanto desejo aparecer, pois só assim me sinto *eu*,

não me construo se não em imagem, esvaziada de sentido, com o único sentimento de ser celebridade. Mas, e o que é ser celebridade? Vulgarmente é ser alguém conhecido midiaticamente: um ator, cantor, participante de reality show. Com tudo, celebridade deveria estar muito mais relacionado com o que se fez para estar na mídia. Assim, a formatura não deveria ser o sonho do universitário, se não o reconhecimento aberto por seu esforço e conquista.

O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu [*moi*] e do mundo pelo esmagamento do eu [*moi*] que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da *presença real* da falsidade garantida pela organização da aparência. (DEBORD, 1997, p. 140).

O *eu* da festa só o é quando imagem apreendida e compreendida pelo *eu* espectador. A exposição espetacular da imagem de indivíduo é a versão concreta, o que não implica em real, da mensagem de figura que desejamos passar. Um calouro pintado ou um formando de beca, essas são as imagens e suas mensagens, sem elas, não poderíamos diferenciá-los. Porém, nem a pintura nem a beca garantem verdadeiro sucesso. O calouro pode não formar-se ou o formando permanecer desempregado.

## 2 - A UNIVERSIDADE: UMA ANCIÃ/APRENDIZ DE QUASE MIL ANOS:

*Ninguna institución social puede estudiarse en el vacío. Sólo es posible entender la institución universitaria en el contexto del sistema educativo y éste en el contexto global de la sociedad (...) las universidades no existen independientemente de las sociedades y sus misiones tienen que estar totalmente relacionadas con la misma idea de sociedad.  
¿Universidad para qué sociedad?  
Miguel Ángel Escotet, n/d, p. 19*

A escolha deste título para o capítulo que tratará da história da universidade, de forma apenas a esclarecer o processo pelo qual passou desde sua formação no medievo até a contemporaneidade no Brasil, deve-se a esta característica especial que esta instituição tem: a de encarnar fisicamente o complexo e abstrato processo de evolução das criações humanas. Em outras palavras, a universidade é em si o contraste do que passou com o que há de mais moderno, sem deixar de ser universidade.

Para encontrarmos a origem de um objeto pesquisado temos que ter claramente o que compõe este objeto, para podermos assim analisar o momento em que, somados os elementos, o fato desenvolveu-se. A universidade, mesmo hoje em meio a inesgotáveis fontes de informação, é de difícil definição, pois diz respeito “a uma multiplicidade de instituições e organismos escolares, muito diversos pela sua antigüidade, procedência, condições materiais e didáticas em que dispensam o seu ensino” (PINTO, 1986, p. 9).

Toda vez, portanto, que empreendemos explicar uma coisa humana, tomada num momento determinado do tempo (...) é preciso começar por remontar à sua forma mais simples e primitiva, procurar explicar os caracteres através dos quais ele se define nesse período de sua existência, fazendo ver, depois, de que maneira ela gradativamente se desenvolveu e complicou, de que maneira tornou-se o que é no momento considerado. (DURKHEIM, 1996, p. VIII)

Também não podemos esquecer é a evolução do conceito de universidade. Com origem no latim, “universitas”, seu significado originariamente não foi uma construção fácil. Podia referir-se à universalidade, conjunto ou universo. Também poderia significar apenas o agrupamento de professores e estudantes, sem necessariamente denotar uma instituição (MONTEJANO, 1979). Era comum, portanto, referir-se a “universitas” para expressar significados distintos, sem caracterizar um conceito específico. Foi só na Idade Média que isto começou a ocorrer:

Es em el medioevo cuando la palabra se singulariza. La Universidad será la unidad totalizadora de un conjunto, una pluralidad ordenada mediante un criterio ordenado, pero restringida a hombres, a maestros y discipulos que se reunen en forma estable para conseguir un fin específico: el saber. (MONTEJANO, 1997, p. 54)

A beleza desta palavra, Universidade, está aí, no seu não conflitante paradoxalismo: a unidade de saberes e pensadores para depois a sua universalização. Este é um processo constante, o de concentrar e distribuir, alimentando a si e ao mundo. Não obstante, ainda hoje apresenta conflitos, mas sua significação permanece vinculada a valores bem próximos aos de sua origem.

O próprio nome *universitas*, que na Idade Média era usado para designar as mais diversas corporações e, em consequência, foi aplicado à corporação de professores e estudantes, tem recebido, com o decorrer dos séculos, uma conotação mais específica: a universidade, como uma *universitas litterarum*, tem sido, a partir do século XVIII, a instituição cultural que cultiva e transmite todo o *corpus* das disciplinas intelectuais metodicamente estudadas. (RÜEGG, 1996, p. XVII)

Para definir a origem da universidade, é preciso definir a própria universidade. Então, podemos entender que esta definição se dá por meio de sua função social, sua relação com o meio e com o conhecimento, seu comprometimento em, dialogicamente, apreender o máximo possível os saberes ao mesmo tempo que os torna públicos.

## 2.1- As origens

Quando terá nascido a primeira universidade? Esta é uma questão que faz surgir outra: o que é uma universidade? Ainda sim, responder qualquer uma das duas se caracteriza um desafio mas que não o desafio proposto por essa investigação. O conflito apresentado pelos autores, os documentos ou fontes imprecisos, ou o escasso material encontrado, traduzido e legitimado, nos põe em prova constantemente. Esse conflito deve sim caracterizar a estrutura de uma pesquisa específica, como as muitas que já existem e algumas delas apontadas nesta pesquisa, porém não trataremos repetidamente do tema. Apenas citaremos algumas setas que marcam este caminho.

O significado ou sentido da universidade não resulta numa frase simples. Muitas pesquisas foram e são desenvolvidas em vistas a obterem um resultado para esta questão, o que sabemos é que a universidade, seu significado, envolve uma rede de conceitos e

funções complexas, que estão associadas ao momento histórico e ao local no qual a instituição se encontra e que há uma base que a mantém, não imutável, mas relacionada com sua origem.

Enquanto instituição social, ela [universidade] é fruto e reflete um determinado grau de desenvolvimento de uma sociedade histórica. Qualquer universidade concreta sintetiza as múltiplas determinações de um desenvolvimento da comunidade nacional onde tem origem. Por mais que aspire a superar as limitações da sua sociedade, não vai além dos limites estabelecidos por seus condicionamentos sociais, econômicos, políticos e históricos. (FRAGOSO FILHO, 1984, p. 14 e 15)

Los numerosos hombres de letras extranjeros se agruparon en “naciones”, término que se utilizaba para designar ciertas asociaciones protectoras, con una connotación geográfica mucho más vaga que la actual. La misma palabra “universitas”, base de la española “universidad”, en un comienzo designaba sólo a las instituciones cuyos estudiantes provenían de diversas regiones geograficas. (SPEAKMAN JR, 1968, P.22)

Em meio a muitas incertezas, há uma ampla concordância entre os autores de que a universidade tenha surgido na Europa durante a Idade Média, a partir do processo comentado acima. “*Como comunidade de professores e alunos, mediante a concessão de certos direitos, (...) a universidade é uma criação da Europa medieval, que era a Europa da cristandade papal*” (RÜEGG, 1996, p. XVII). Sua principal intenção era a de compilar os conhecimentos espalhados pelo mundo, Ocidental e Oriental, que durante muitos séculos permaneceram fragmentados em culturas e idiomas distintos.

...en forma espontánea, como resultado de una maduración lenta y progresiva, aparecen, en los arbores del siglo XIII, las primeras Universidades.

En el mismo sentido, aunque exagerando la nota de ‘espontaneidad’ escribe Cortes Plá com referencia a la Universidad de Bolonia: ‘es imposible precisar la fecha exacta del nacimiento de esa Universidad (...) No debe extrañar tal circunstancialidad. La Universidad no apareció por arte del magia o por voluntad de una persona. Es la resultante de un lento cristalizar de una serie de factores educativos, sociales, políticos, económicos y religioso’” (MONTEJANO, 1979, p. 76)

E é sobre este contexto que falaremos agora. A universidade é uma instituição européia, do medievo e que mantém, até a atualidade, características de identidade e funcionalidade. Surgiu como uma comunidade de professores e alunos, a fim de estabelecerem uma confluência dos saberes distribuídos pelo mundo.

A universidade, não obstante a multiplicidade e profundidade de mutações determinadas por vicissitudes históricas, guardou intato um núcleo íntimo em que pode reconhecer a si mesma. Esse núcleo, que constitui a alma humana da instituição, reúne grupos de pessoas em idades diferentes (...) todos porém motivados pela vontade persistente de saber, unidos pela palavra, textos, pelo diálogo fecundante em torno de temas e objetos cujos segredos vão pacientemente desvendando. (BARBIERI, 1999, p. 9)

A universidade é então uma instituição onde o conhecimento é gerado, aprimorado e de onde os resultados devem ser divulgados, neste processo profissionaliza o universitário, formando-o para o mercado de trabalho, atende às demandas da sociedade, porém deve reivindicar mudanças constantes nesta relação, afim de atender ao caráter inovador que uma universidade deve compreender, e por fim, contribuir ativamente para a formação e estruturação das redes sociais, em âmbito econômico, político e cultural evidentemente (TEIXEIRA, 2008).

Se entendemos que a universidade mantém uma relação dialógica com seu tempo e espaço, não podemos estudá-la a partir de sua estrutura apartada do meio, é preciso compreendê-la em todo o seu contexto. E isso não diz respeito somente às estruturas formais que compõem a instituição, perpassa todo o aparato de que se serve para *ser* uma universidade. Claro que trote e formatura fazem parte deste aparato. São rituais que se originam com a universidade, implicam nos laços mais estreitos entre mundo acadêmico e sociedade e, portanto, incorrem fortemente nas adaptações que o tempo e o local praticam sob as ações humanas.

Assim, em funcionamento ainda nos dias de hoje, a universidade nasceu e sobreviveu às mais profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais pelas quais as diversas nações ocidentais passaram ao longo destes quase mil anos de sua existência. Seu segredo? Talvez esteja no próprio conflito de sua existência: o equilíbrio entre o saber pelo saber e o saber para a prática. Isto é, a universidade, desde o seu surgimento, esteve dividida entre o castelo de mármore dos intelectuais e as necessidades impostas pela sociedade, e esta, mais que a outra, manteve esta instituição vinculada a sua época e lugar. Por isso, falar em universidade como uma instituição única por esses mais de oito séculos, compreende-se todas as modificações físicas e abstratas pelas quais passou ao se deslocar pela Europa, entrar na Idade Moderna, chegar às Américas e poder ser apreciada na contemporaneidade.

Na Idade Média, tanto alunos como professores eram itinerantes, o que dificultava a documentação do histórico de cada aluno numa mesma instituição. O estudante seguia o mestre e este procurava a instituição de maior prestígio ou que lhe concedesse melhor posição. Como então definir que jovem poderia ingressar, que aluno poderia se formar e qual ainda necessitava mais estudo? Os critérios variavam. E aqui mais uma curiosidade medieval: nas universidades européias, dos séculos XII e XIII e até o Renascimento, não havia a necessidade de cotas ou reservas de vagas a nenhum elemento da sociedade, todos podiam freqüentá-las.

Nada influenciava a aceitação: nem a origem nem o estatuto, nem a distância nem a proximidade da residência, nem a pobreza nem a riqueza, nem a robustez nem a deficiência física (...) desde que essa pessoa possuísse os recursos necessários. Esta premissa aplicava-se, antes de mais, às faculdades de Artes, mas em princípio aplicava-se também às outras faculdades mais importantes. (SCHWINGES, 1996, p.172)

Essa facilidade de ingresso era balizada futuramente, por meio da dificuldade em se formar. Custos altos, fortes exigências de conhecimento, estudos e domínio, e exames exaustivos provocavam freqüentes desistências, que acabavam por caracterizar a verdadeira seleção.

O texto é muito mais breve para as escolas de Teologia. Ele fixava simplesmente em trinta e cinco anos a idade de acesso ao mestrado. Definidas em 1213, as modalidades do exame de licenciatura, feito diante de uma banca de mestres cujo veredicto o chanceler deveria obedecer, não eram nem mesmo lembrados ali. (VERGER, 2001, p.196)

Mais adiante, o mesmo autor, deixará mais claro que foram as próprias universidades que instauraram as normas necessárias para declarar capacitado este ou aquele estudante, por meio de exames aos quais participavam os discípulos indicados por um de seus mestres. *“Na semana precedente ao exame, um dos mestres o apresentava ao arcediogo, respondendo pela sua capacidade de enfrentar a prova”* (LE GOFF, 1988, p. 68). Composta por três fases, a conclusão dos estudos implicava primeiro no julgamento sobre o comportamento moral do aluno e de seu histórico de estudos. Vencida esta etapa, seguia-se um exame denominado como “privado” ou “rigoroso”, em que o estudante era avaliado na sua capacidade de discussão sobre tema sorteado. Este era o verdadeiro momento da definição de aprovação, quando o estudante passava, caso aprovado, a usar o título de *licenciatus* (licenciado). A terceira e última fase não comprometia a conquista do



grau de estudos anterior, mas era importante, pois tornava público o resultado do “exame privado”. O *inceptio* (inauguração) era uma representação aberta da prova anterior, onde o procedimento dava-se de forma ritualística e encenava-se a transição do aluno a mestre.

*Mutatis mutandis*, quase poderia ser a descrição das formaturas a quais freqüentamos atualmente! Um rito cerimonial de anunciação da passagem conquistada por um indivíduo após comprovado seu merecimento. Encenação na qual a sociedade participa, garantindo o registro dos movimentos realizados na cerimônia.

Das mudanças ocorridas com a modernidade, o que resulta para a universidade é uma modificação extremamente relevante. Primeiro, o crescimento do número de estabelecimentos na Europa. A regionalização provocou uma queda violenta na mobilidade acadêmica que associada ao uso das línguas nacionais em detrimento ao latim, ocasionou o fechamento de algumas instituições universitárias ou a sua conversão em centros locais de estudos avançados. Esse crescimento extrapolou os limites da Europa e pela primeira vez a universidade se instalava em outros cantos do mundo, começando por Istambul, em 1453 (ROSSATO, 1998, p. 35).

Segundo, em consequência à regionalização, o profissional acadêmico muda de atitude perante o saber e a sociedade. Não sendo mais um intelectual itinerante, o mestre passa mais tempo dentro da estrutura universitária que fora dela, desenvolvendo um perfil de fechamento do mundo dos saberes. É o humanismo que regulará os processos de pesquisa e transmissão do conhecimento.

O Humanismo é um fenômeno de transição da Idade Média para os tempos modernos. O Humanismo, especialmente nas universidades, foi construído sobre alicerces medievais (...) À medida que colocaram no centro dos seus interesses intelectuais a compreensão que os seres humanos têm de si próprios e do mundo e as atividades sociais dos seres humanos como fontes potenciais de conflito, abriram uma nova época na história das universidades. Nesta nova época, a experiência humana e a sua tradução em forma matemática e verbal transformaram-se na tarefa da “revolução científica” – ou, expresso de forma mais precisa, a extensão substantiva, o aprofundamento empírico, a reforma metodológica e a sistematização conceptual dos resultados da pesquisa científica e erudita e a sua comunicação através do ensino. (RÜEGG, 1996, p. 468)

A universidade da Idade Moderna é transformada, em parte, para o uso dos poderes locais em formação, fornecendo os profissionais para esse fim (VERGER, 1996). Com isso, perde autonomia, vinculando-se ao Estado ao passo que se afasta da sociedade. Sua

produção fica cada vez mais encerrada no meio acadêmico, criando um curioso processo em que a produção intelectual das universidades é apreciada quase que exclusivamente pelos intelectuais das universidades.

A principal causa do aumento das exigências educacionais nas sociedades modernas está ligada à crescente expansão de ocupações especializadas, exigidas pela sofisticada industrialização atual, e pelas necessidades terciárias de uma sociedade altamente complexa. (FRAGOSO FILHO, 1984, p. 43)

Com a proliferação da universidade, seus costumes, ritos e tradições a acompanharam. O trote e a formatura continuavam consolidando as respectivas mudanças de status, acolhendo ou glorificando o calouro e o formando. Com o fim das *nações* a partir da regionalização da universidade, o trote passa a compor um quadro mais geral, de aceite ao meio acadêmico como um todo. “*Nos colégios e liceus, o “trote” obedece as regras tácitas fixadas pelo chefe ou chefes de clãs, espécie de testes da resistência física e psicológica do recém-chegado*” (CARON, n/d, p. 173). O mesmo autor esclarece ainda:

A ausência de resistência das vítimas, prova de sua submissão, leva os autores desses tormentos a abandoná-los gradualmente: a integração ao grupo é considerada feita. Nenhuma queixa, nenhuma intervenção externa, tais são as condições exigidas para essa integração. (p. 174)

A formatura, por sua vez, vai aos poucos perdendo seu caráter individual, se transformando num ritual coletivo. A titulação de mestre ou doutor mantém a elevação social, mas agora implicam numa nova dimensão, relacionada ao aspecto acadêmico e científico. A obtenção de tais títulos significa pertencer ao seletivo grupo de pessoas que compreendem a linguagem científica.

Novamente, no século XX, a universidade apresenta novo salto, expandindo-se mais ainda. Ainda caracterizava um campo de distinção, onde seus componentes, discentes e docentes, eram vistos como uma elite intelectual. Isso não se restringia à Europa, mas acompanhou a universidade para onde esta fosse. Do século XIX até a metade do seguinte, a universidade na América Latina estava reservada às elites locais, na formação de profissionais para a manutenção desta centralização.

O final do século XX e o início XXI começa uma aceleração no processo de expansão, que se aproxima cada vez mais da massificação da universidade. O perigo volta a ser a desqualificação e o esvaziamento. O motor mais visível nesta situação é o impacto da empregabilidade, que por um lado alimenta o desenvolvimento de cursos específicos ao

momento e contexto social, por outro, acaba por contribuir para a sobrecarga de profissionais ingressos no mercado em cursos determinados.

As conseqüências vão desde o achatamento salarial até a desqualificação profissional mediante criação de faculdades sem controle. Esse processo acaba por romper com a idéia de formação universitária, transformando o universitário em consumidor do produto final da universidade: o diploma. Assim, quanto menor o valor atribuído à conquista do diploma, maior é a dedicação com a cerimônia de colação de grau e a festa de formatura.

Atualmente, a universidade está voltando-se cada vez mais para além de seus limites acadêmicos e, mais ainda, para além de suas fronteiras territoriais. Isso ficou evidente com o resultado da última Conferência Mundial sobre Ensino Superior, realizada pela UNESCO, de 5 a 8 de julho de 2009, em Paris, onde vários pontos foram deliberados na busca de qualificação e atualização da instituição. A grande preocupação é o acesso e o desenvolvimento da cultura acadêmica, como produtora de bens sociais.

A agitação do mundo na atualidade resulta num momento muito delicado para vários setores, no caso da universidade em uma crise, no mínimo, de identidade:

Las universidades, instituciones surgidas em el apogeu del orden medieval y que, como asegura Boaventura de Sousa Santos, conservan hasta el día de hoy algunos de los rasgos que las acompañaron desde sus orígenes, se enfrentan hoy a una crisis de tal magnitud que, para ser resuelta, más que una reforma requiere una verdadera revolución. (BORON, 2006, p. 10)

Crescer sem perder qualidade, aumentar o acesso sem desvalorizar o mérito, produzir profissionais e preocupar-se com o desemprego, são muitas as preocupações que envolvem a universidade na atualidade. A crise que a envolve pode, uma vez mais, transformar a universidade, o importante é saber no que.

## 2.2 - Os rituais de passagem no mundo acadêmico;



Figura 29: Revista da PUCRS, em destaque o título “Ritos de passagem”  
Fonte: Arquivo pessoal

Ao contrário do padrão desta dissertação, no lugar de uma epígrafe decidi colocar a reprodução da capa da Revista Informação, da PUCRS, que constatou o valor e a atualidade dos ritos de passagem, apresentando em sua capa este tema, associado a uma ampulheta.

Se analisarmos com maior atenção, os anos de estudo numa universidade, são por si só, um processo de transformação, uma trajetória por um território fronteiriço, onde aos poucos o tempo e as experiências vão forjando um novo indivíduo. Característica inicial, básica, da universidade: não sair dela igual a como se entrou. É então um grande ciclo de ritos de passagem.

Matrículas, classes, exames, trabalhos, práticas, estágios, congressos, são inúmeros rituais que preenchem os anos de estudos acadêmicos, alguns de passagem, outros de

repetição, mas todos acabam por complementarem-se. Esse agrupamento de rituais, muitas vezes despercebidos, é balizado pelo trote, em seu começo, e pela formatura, em seu final. E são estes dois rituais que mais estão diretamente associados à própria universidade.

Voltemos aos nossos universitários e esclareçamos que os ritos que aqui nos interessam são menos as cerimônias sujeitas a um calendário mais ou menos regular, vestibulares e formaturas, do que outros mais sutis, interessando segmentos especializados da academia, que se configuram em defesas de tese de mestrado e doutorado, congressos, conferência e assemelhados. (MOTTA, 1996, p. 19)

Então estou também a realizar um ritual acadêmico ao escrever esta dissertação e depois em defendê-la. Assim, verificamos que ser universitário é saber concretizar ritos em diferentes circunstâncias e com distintos graus de profundidade. É por meio destas realizações que os estudantes constroem-se estudantes.

Si los comportamientos por que el observador reconoce comúnmente al estudiante son en principio comportamientos simbólicos, es decir actos por medios de los cuales el estudiante muestra ante los demás y ante sí mismo su aptitud para ser autor de una imagen original de estudiante, es porque está condenado por la condición transitoria y preparatoria en la que está ubicado para ser sólo lo que proyecta ser o incluso para ser puro proyecto de ser. (BOURDIEU, 2009, p.61)

É por meio destes rituais que o universitário desenvolve sua identidade com o grupo. Apesar de toda evolução da estrutura e da sociedade, ao largo desses oitocentos anos, as relações no mundo acadêmico ainda são estruturadas pelo poder. Este poder inicia como simbólico, elegendo àqueles que serão aceitos por este ou aquele grupo dentro da universidade, mas acabam por serem bem reais quanto à conquista do diploma e depois do emprego. Estes dois últimos estão relacionados ao reconhecimento da dedicação aos estudos, investimento considerado real por quase todos os estudantes, mesmo que atualmente esteja transfigurado.

Acerca desta transfiguração, podemos dizer que ao cumprir com os rituais acadêmicos e demonstrando sua capacidade para tanto, o graduando, que deseja tornar-se profissional, receberá em ritual solene sua titulação, encerrando seu tempo de estudos com a formatura. Porém, o que se passa hoje é não mais uma compreensão dos conteúdos apresentados ao longo da graduação, mas uma eliminação de disciplinas.

A preocupação é assim: “e agora, eu terminei o curso e como é que vou me manter? Como é que o mercado de trabalho agora me recebe se eu não sou mais uma estagiária?” porque agora elas precisam entrar no mercado de trabalho efetivamente como profissionais (...) também existe uma ansiedade muito grande “e agora, tem vaga pra todo mundo?” é a pergunta que fica. (PROFESSORA, Pedagogia)

O sentido do diploma está se esvaziando na transformação da universidade em produto e o universitário em consumidor. Esta relação acaba por fazer do acadêmico um ser do desejo e da universidade o local da realização deste.

### 2.2.1- 1º Ato: o trote;

Os séculos XII e XIII foram os fundamentais para a formação da educação em nível universitário. Com o crescimento comercial e conseqüentemente o desenvolvimento urbano, escolas foram sendo criadas pelas cidades européias e, aos poucos, se transformando em centros de formação de mestres e doutores, berços das universidades. E é desta época que encontramos uma explicação para a origem do trote universitário:

Os candidatos (palavra de que deriva do latim *candidus*, ou seja, “puro”, “branco”) aos cursos das primeiras universidades européias não podiam freqüentar as mesmas salas que os veteranos e, portanto, ficavam nas ante-salas, os chamados vestibulos, que continham as roupas dos alunos mais antigos da instituição. As roupas dos novatos, ou calouros, eram retiradas e queimadas. Já seus cabelos eram raspados. Mas essas atividades eram justificadas, sobretudo pela necessidade de aplicação de medidas profiláticas contra a propagação de doenças. (ZUIN, 2002, p. 29)

Ao que tudo indica, o trote nasceu junto com a universidade, encarnando o espírito de distinção entre aqueles que pertencem e caracterizam o meio universitário daqueles que ambicionam e conquistaram este direito, mas que ainda aparecem como intrusos num ambiente que lhes foi permitido o ingresso, mas do qual ainda não fazem parte. Ainda assim, o trote é um evento festivo, comemorado pelos calouros e seus familiares como a celebração de uma conquista, e pelos discentes e docentes como a certeza da continuidade e do reconhecimento da importância que a universidade tem na vida social para além dela, como definiu Rosa (2002), toda festa é também um espetáculo, com suas manifestações e seus elementos simbólicos.

...o sentido da festa, e portanto da identidade que propõe e produz, depende sempre dos participantes, eventuais ou desejados, cuja presença e envolvimento determinam o sucesso e o significado último de qualquer festa. (GUARINELLO, 2001, p. 974)

O trote, como ritual de passagem, tem uma dupla função: a de elevar o jovem novato ao status de calouro e a de extrapolar o campus universitário para fazer está anunciação. São dois limites rompidos, o social e o espacial. Este duplo do trote ocorre simultaneamente e de forma a completarem-se. É anunciando à sociedade o acesso de novos membros à comunidade acadêmica que esses novos membros passam também a serem reconhecidos dentro da universidade.

### 2.2.1.1- A ESTREIA NA IDADE MÉDIA (SUAS ORIGENS)

Saber ao certo quando começaram ou como eram aplicados, é um desafio que esta pesquisa não se propõe. Mas, a saber, os trotes no mundo das academias medievais estavam mais associados às condições dos ingressantes que uma festa comemorativa, mesmo que esta houvesse. O trote aplicado nos noviços do medievo tinha um caráter de purificação, acima da brincadeira que poderia implicar.

Uma ocasião bem-vinda para festas, em qualquer dia, era fornecida com frequência pela admissão de calouros – *bejauni, beani* – na comunidade dos estudantes mais velhos, um acto que envolvia as mais variadas travessuras, até mesmo alguns maus tratos e, claro, uma retemperadora sessão de copos à custa do calouro. (SCHWINGES, 1996, p. 229)

Porém, este ato de purificação não se restringia a banhos, raspagem do cabelo e até corte de unhas, coisas que eram praticadas, visto que a maioria dos estudantes recém ingressos nas universidades medievais vinham dos campos, com conceitos de higiene muito distintos daqueles já acostumados com a vida nas urbes. O ato de purificar poderia ser aplicado com pancadas ou em uma espécie de julgamento humilhante, com a função de fazer o calouro servir aos veteranos (Idem). Essas ações masoquistas acabaram por dominar o ritual, associando-o invariavelmente à violência.

O próprio nome *bicho* teve um processo paralelo. Originou-se na imagem com que os calouros apresentavam-se, com seus cabelos e barbas compridas e sujas, roupas

rasgadas e com uma postura mais simplória, distante da segurança apresentada pelos veteranos. Pareciam-se com bichos!

Enfim o próprio termo, *trote*, sugere muitas possibilidades em sua origem e simbologia.

Com efeito, a palavra *trote* pode ser observada em vários idiomas, tais como o espanhol *trote*, o italiano *trotto*, o francês *trot*, o inglês *trot* e o alemão *totten*, ou seja, o termo alude à forma como os cavalos se movimentam (...) Pela análise desses termos, poderia ser feita uma analogia entre o cavalo que trota e o comportamento do calouro (...) Mas talvez fosse mais pertinente o raciocínio de que, tal como o cavalo que precisa “aprender” que deve manter o ritmo fixo e ordenado (o chamado trotar) durante as suas passadas, aprendizado esse muitas vezes feito à base de chicotadas e esporadas aplicadas pelo seu adestrador, o calouro também tem que ser “domesticado” pelo veterano pelo emprego de práticas vexatórias e dolorosas, as quais têm a função de esclarecer e demarcar quais são as características das respectivas identidades dos novatos e dos veteranos. (ZUIN, 2002, p. 29 e 30)

O trote como ritual, tem origem controversa. Se por um lado começou com uma função profilática e purificadora, por outro se fortificou como agressão e humilhação. Em ambos serve para marcar uma passagem, determinar uma cadeia hierárquica e preparar, de forma exageradamente violenta, o calouro para a difícil vida de universitária.

Conquanto a questão de humilhação e até mesmo violência, durante a Idade Média, não podem ser analisadas com os critérios contemporâneos, visto que o desenvolvimento de uma identidade individual, com direitos e deveres, ainda estava em processo, o pouco registro que ficou dos trotes, demonstram que para eles já era uma violência. O que diferencia, portanto, a violência medieval? Não era uma ação de força individual de um sujeito sobre outro, era o processo de aceitação de um grupo de pessoas por outro, hierarquicamente superior. Victor Turner, ao analisar um ritual de iniciação dentro de uma tribo primitiva, nos apresenta uma visão que muito pode se aproximar do processo pelo qual os calouros eram e são submetidos:

...a significação social de rebaixá-los a uma espécie de “prima matéria” humana, despojada de forma específica e reduzida a uma condição que, apesar de ainda ser social, não possui nenhuma das formas admitidas de condição social, ou está abaixo de todas elas a explicação destes ritos é que para um indivíduo subir na escala social, deve descer às posições mais baixas. (1974, p. 205)



Na figura 30, observamos uma gravura medieval onde o ritual do corte de cabelo como representação da promoção do novato a membro da comunidade acadêmica. Esta imagem apresenta em que alto grau se dava tal solenidade, registrando a importância do ritual.



Figura 30: Gravura representando ato solene do corte de cabelos em um calouro  
Fonte:<[www.virtualmemories.blogspot.com](http://www.virtualmemories.blogspot.com)>

### 2.2.1.2- SÉCULO XXI E AINDA EM CARTAZ (ATUALMENTE)

Não há quem não identifique um calouro no seu dia de trote. Roupa manchada e rasgada, rosto pintado, por vezes cabelos raspados. (figuras 32, 33 e 34) Alguns nos ônibus, outros nas esquinas pedindo dinheiro provavelmente para pagar umas cervejas no bar freqüentado pelos veteranos. Ultimamente, lemos nos jornais, extremos da prática deste ritual: alguns grupos se solidarizam e organizam doação de sangue nos centros de coleta da cidade, outros se descontrolam e agridem violentamente os calouros, chegando em alguns casos à morte do jovem. Ainda, formaturas cinematográficas, que valem milhões, transfiguram a causa em cenário, uma desculpa para estampar-se a face em uma tela de TV ou numa foto de jornal.

Já há alguns anos, o trote vem sendo assunto discutido entre os setores administrativos das universidades, ocupando manchetes de jornal no caderno policial e virando projeto de lei, tudo em vista da violência que vem sendo associada a ele. Porém, não é o trote que em si carrega essa carga de violência, ela está na relação interpessoal existente nas sociedades contemporâneas.

Tendo em vista que o desenvolvimento de identidade, autonomia e intelectualidade caracterizam o processo de maturidade pelo qual o universitário deveria passar ao longo de sua trajetória acadêmica, a aplicação de trotes violentos pelos veteranos indicaria uma falha neste processo, que podemos entender como uma falta de entendimento por parte desses universitários acerca do que é ser universitário e do que representa o trote neste contexto. Agir como se estivessem num estádio de futebol, onde a violência, ainda que também equivocadamente, é comum dentro da universidade faz parecer que estes universitários não realizaram a transposição da vida de colegiais á de acadêmicos.

Mas ainda há o desejo pelo trote, um entendimento de que não é ele em si violento e que sua realização é a concretização do ritual que indica a vitória e comemora uma conquista. Este é o depoimento que alguns calouros deram ao caderno Vestibular, quando questionados sobre o fim do ritual, tema do concurso de redação proposto pelo jornal junto a um curso de pré-vestibular. (figura 31) E é também o que declara a professora da PRAC, ao argumentar que os bichos desejam o trote e reconhece nele um ritual festivo.

Antes era uma vitória, aquela coisa assim de sair na rua todos pintados e em fila e uma série de coisas e agora é diferente, não é mais assim. Em alguns cursos sim, os tradicionais: medicina, odonto (...) eu acho que mais que uma vitória, o trote é um rito de passagem: eu deixei de ser um aluno de colégio e sou um aluno da universidade, da faculdade, da graduação, eu acho que é isso. Por que se fosse só pela vitória, alguns cursos, aqui mesmo na universidade, não fariam trote, por que de repente tu tens um candidato por vaga ou em algumas situações menos que um candidato por vaga. E eles fazem às vezes o trote mais festivo do que cursos que tu tinhas cinco ou seis candidatos por vaga. O trote não é só pela questão da vitória e mais pela simbologia de estar numa universidade e deixar uma fase mais de adolescente lá pra traz. (PROFESSORA, PRAC)

Dos cinco depoimentos, apenas Guilherme declara ser contra o trote, inclusive sugerindo que este seja extinto. O trote solidário também é lembrado como forma de recepção para os calouros, mas o que predomina é o desejo pelo ritual. Sugerindo maiores punições para os que praticam a violência, quatro vestibulandos anseiam por serem mais um calouro a comemorar a vitória no vestibular.



Figura 31: Depoimentos controversos sobre a aplicação do trote  
Fonte: Zero Hora, Caderno Vestibular, 8 de abril 2009

A maioria entende que o trote está sofrendo com os problemas que distorcem as relações sócias. Mas a comemoração, apresentando-se à sociedade como um novo membro deste seletivo grupo de universitários, cumprindo com todos os elementos do processo ritualístico, ainda faz parte do ideário do calouro e podemos vê-los nas ruas das cidades, seja na década de 1960 (figuras 32 e 33) ou na de 2000 (figura 34).



Figura 32: *Bichos* em 1966



Figura 33: Os bichos da Medicina, no Rio. Cabelos raspados e corpos pintados  
Fonte: <<http://www.medicosfmm66.com/>>



Figura 34: Calouros fazem festa pelas ruas da cidade

Fonte: <www.g1.globo.com>

Na fala dos entrevistados, o trote perdeu força e espaço, dando lugar a atividades paralelas, como o trote solidário ou o Stand de Calouros, no caso da PUCRS.

Na verdade o trote é um ato solidário, não é?. Foi trocado até em função da situação em que anda a sociedade, daí em vez de ??? nós arrecadamos todo o material: tinta, tesoura... no dia do trote e doamos para alguma entidade. Eu acho que é melhor assim né?, ta bem atualizado, ta bem dentro da realidade do que é a situação da sociedade hoje. (FORMANDA 1, pedagogia)

Na verdade nós não tivemos nenhum tipo de recepção por parte dos veteranos, a recepção que nós tivemos foi por parte da universidade, então a gente não conheceu esse movimento do trote. [...] esse contato entre calouros e veteranos não existiu, pelo menos na minha... nos semestres que eu estive aqui... eram só pequenos casos isolados de pessoas conhecidas que nós sabíamos que estavam ingressando na universidade. (FORMANDA 3, arquitetura)

A instituição como um todo orienta que se acontecer o trote que seja o trote solidário, essa é a orientação da Pró Reitoria de Assuntos Comunitários. Na nossa faculdade, especificamente por ser um curso de formação de professores, nós não entendemos que haja uma necessidade de se fazer um trote. Em alguns momentos se fez algumas atividades com os alunos como por exemplo: cada aluno calouro tinha que trazer um

alimento não perecível que seria doado, um material escolar que pudesse ser também doado para crianças carentes, enfim. Como existe hoje, por parte da universidade o stand de calouros que faz uma recepção para os recém chegados, a faculdade de educação entende que no curso de pedagogia a gente possa adotar o momento lá do stand de calouros como um momento de recepção aos alunos e a faculdade de educação não investe na questão do trote. (PROFESSORA, Pedagogia)

Por um lado, a idéia de agir solidariamente atendendo uma demanda da mídia, agrada a alguns calouros, que vêem neste gesto uma contribuição à sociedade. Por outro, a falta de contato com os veteranos deixa um vazio identitário, a unidade se dá na turma, não mais no curso.

A idéia de que o trote como brincadeira é uma tradição vazia e que leva a violência quase naturalmente corrobora com a imagem de que no ato solidário há um engajamento social muito mais útil que o banho de tinta e ovos (figura 36). Ainda há espaço para o ritual tradicional do trote, porém o jornal apresenta o trote solidário em destaque, não só como demonstração de uma ação social, como também um convite a praticá-la, claramente visível na manchete da página.

A PUCRS vem nos últimos anos estimulando o trote solidário entre suas unidades, além do já comentado Stand de calouros. Alguns desses trotes acabaram por ganhar destaque devido à originalidade de seus feitos (figura 35).

Assim, associar ao trote a violência dolosa da sociedade exerce função prática quanto à supressão de ações originariamente de cunho governamental ou até social, deslocando-os para o meio acadêmico, no qual se alimenta deste processo por meio da divulgação que ele possibilita.





Figura 35: Site com notícia de trote solidário da PUCRS

Fonte: [http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/Noticias?p\\_itemid=1509456](http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/Noticias?p_itemid=1509456)

Há realmente muita originalidade nesta atitude dos veteranos do curso de Direito da PUCRS. Não abrem mão do uso de tintas e da pintura, porém a executam a fim de recuperarem a fachada de alguma instituição carente. É claro, a tradicional imagem do calouro pintado se perde em meio à ação solidária.



# ZERO HORA

# Vestibular

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2009 - Nº 649

### Fim das tintas?

Os famosos banhos de tinta, farinha e ovos ainda fazem parte da recepção dos calouros. Mas, em algumas faculdades, eles só ocorreram este ano porque foram reivindicadas pelas bancas. Muitos estudantes fizeram questão de curtir a brincadeira "suja."



**Bruna Nogueira, 24 anos,** caloura de Engenharia de Alimentos da UFRGS

No campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os blocos da Engenharia de Alimentos ficaram cheios de enfrentar o banho de tinta e pedir dinheiro, e não recusaram nem dos ovos.

—Acho a lei importante, mas dá até um monte para estar aqui e estou feliz por participar do trote — disse a caloura Brunna Nogueira, 24 anos.

### Passado pelo campus

Veteranos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) receberam os calouros de 2009. No curso de Fonoaudiologia, os novatos foram confraternalizados em um jantar.



**Daniela Nos, 17 anos,** caloura de Fonoaudiologia da UFSM

Vinda da cidade de Mondai, no oeste de Santa Catarina, Daniela participou da recepção na Fonoaudiologia. O curso optou por mostrar a universidade aos novos alunos. Quem era bem recebido, ela não se incomodou.

—Sou contra o trote agressivo, mas o nosso está legal. O pessoal aqui é simpático e divertido, estão nos mostrando a UFSM. Estou tendo uma boa impressão do curso e da universidade — afirmou Daniela.

## Trote solidário: pratique esta ideia



> Atividade de calouros de Administração da UFRGS foi levar um pouco de alegria a idosos em um lar de Porto Alegre

### Ações sociais já superam as tradicionais brincadeiras aplicadas pelos veteranos

#### LÚCIA PIRES

Março de 2009. Tempo de trote nas universidades gaúchas. Mateus Akim, 18 anos, calouro da Faculdade de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pôde fazer a sua opção.

— Nunca tinha feito nada parecido, mas sempre quis participar do trote e ajudar alguém — disse o estudante, na quinta-feira, arrumando salgadinhos, refrigerantes e balões para a festa dos idosos, na Lomba do Pinheiro, zona sul de Porto Alegre.

— Ao lado de Mateus, a veterana Clarissa Ávila, 27 anos, integrante da comissão de um dos trotes solidários mais engajados do Estado, comenta: — No meu tempo, o trote sujo era obrigatório. Os veteranos nem avisavam. A gente passava um mês com uma muda de roupa limpa na mochila tentando escapar. Isso não tem graça.

Tradicional brincadeira de integração entre calouros e veteranos, o trote está virando coisa séria no Estado. Na semana passada, além de entregar doações e promover uma tarde de festa para 80 idosos abandonados do Lar da Humildade, os colegas de Mateus estiveram na Escola Estadual Santos Dumont, no bairro Assunção, onde deram lições ambientais e distribuíram lixeiras pagas pelos calouros.

As ações sociais se espalham nas universidades e estão superando os trotes tradicionais. E, quando o assunto é solidariedade, até calouros se encarregam de mobilizar veteranos.

— Aprendermos a nos tornar seres humanos de verdade. É uma oportunidade para a gente se dar conta de que não teve tantas chances quanto nós. Isso ajuda a nos tornarmos futuros médicos mais comprometidos — diz Aline Dal Pozzo Artunes, 27 anos,

caloura de Medicina da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e integrante da comissão do trote.

A percepção de Aline é comum a grande parte dos alunos de Medicina, curso em que brincadeiras perigosas já tomaram grandes proporções como a morte de um estudante, em São Paulo. A ideia foi reforçada em fevereiro, com a lei federal (aprovada na Câmara) que impõe punições por trotes violentos.

Este ano, as faculdades de Medicina de Porto Alegre (UFRGS, PUCRS e UFCSPA) promoveram um inédito trote unificado, com doação de sangue e de alimentos. O trabalho ocorreu no fim de semana e contagiou estudantes de outras cinco cidades. Com apoio do Núcleo Acadêmico do Sindicato Médico do RS (Simers), a arrecadação chegou a 20 toneladas de alimentos que serão distribuídos a entidades da Capital, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul e Passo Fundo.

lucia.pires@zerohora.com.br

> Leia mais na página 2

### Medicina em ação

Começou os acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2008. Este ano, sete dos 11 cursos de Medicina do Estado promoveram o trote solidário, simultaneamente, em cinco municípios, e fizeram a diferença com o recolhimento de alimentos.



**Larissa Prujá, 18 anos,** caloura de Medicina da UFRGS

Ela precisou vencer a timidez. Mas conseguiu passar pelo trote solidário da Medicina. Como caloura da UFRGS, Larissa Prujá teve de passar dois dias em supermercados abordando pessoas que nunca tinha visto antes para falar de doação, de solidariedade e de participação.

— Fiquei embaraçada nas primeiras abordagens, depois me soltei. Resolvi usar o jeitinho e deu certo. O trote me ajudou a ter mais desenvoltura. Foi bom porque vou viver isso quando tiver de atuar como médica. A comunicação com os pacientes é fundamental — disse a caloura.

### Ajuda para o hospital

A banca funcionou por duas semanas. Na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), os alunos promoveram campanha para arrecadar material de higiene para pacientes internados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no Hospital Santa Cruz. Os estudantes receberam produtos como shampoo, condicionador, pasta de dente, fraldas, toalha e desodorante.



**Milena Talita Reuter (E), 21 anos,** caloura do curso de Enfermagem

— Foi uma campanha diferente. Poucos pensam nos pacientes de um hospital público. Os produtos são caros, mas são importantes e ajudam na autoestima — disse Milena Talita Reuter, 21 anos, caloura do curso de Enfermagem.

Figura 36: Página de jornal inteiramente dedicada ao tema do trote  
Fonte: Zero Hora, quarta-feira, 18 de março de 2009.

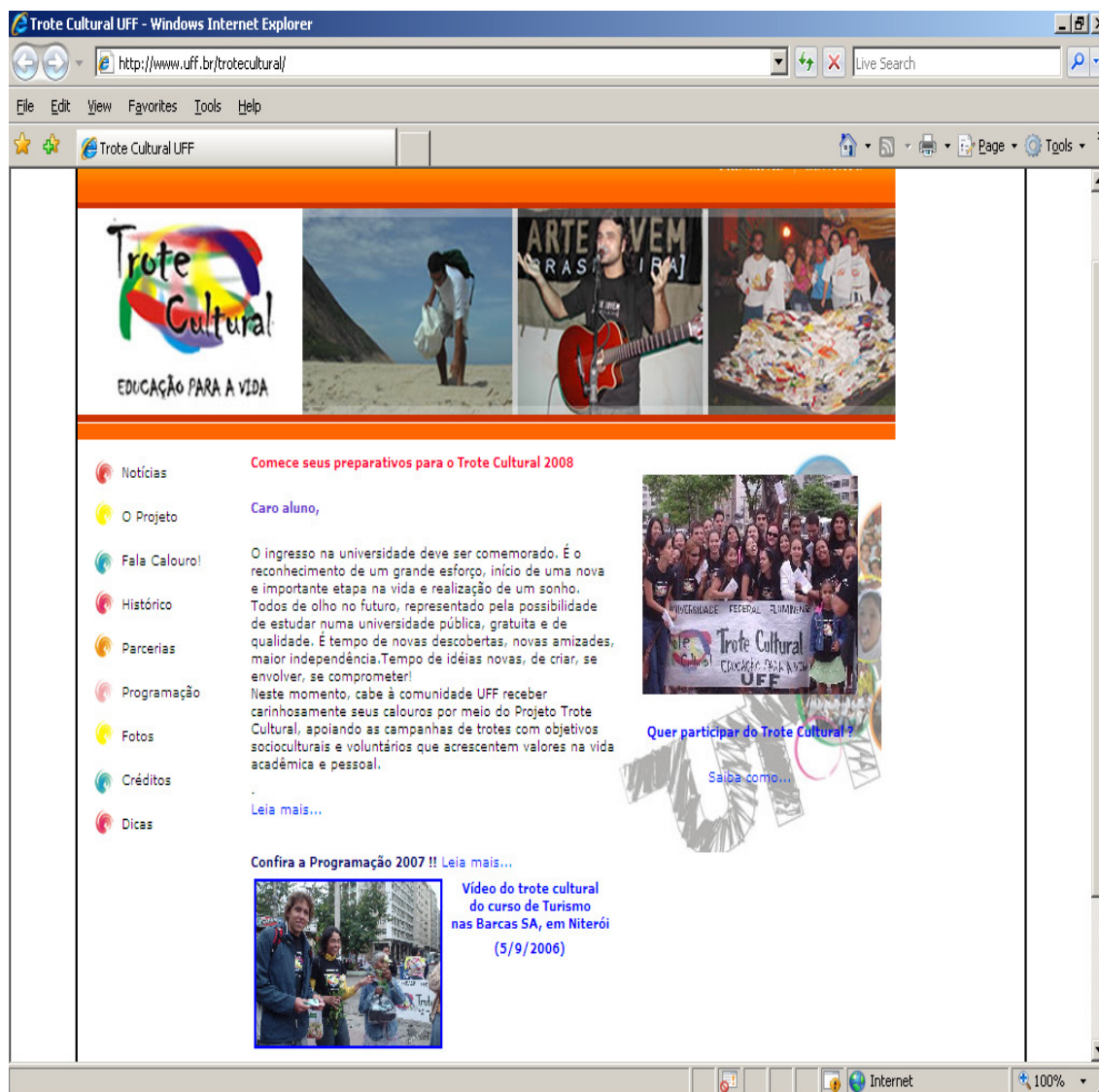


Figura 37: Divulgação em rede de trote cultural

Fonte: <<http://www.uff.br/trotecultural/>>

Outra idéia atual sobre uma nova prática para o trote é o trote cultural, organizado para comemorar a chegada do calouro com festa, show, palestras e atividades solidárias, evitando o ritual tradicional e espontâneo.

A perda de identidade do trote, a adaptação de seu significado, são reflexos das mesmas características no âmbito maior da sociedade. Voltando a Hobsbawn, a mudança do “costume” que compunha o processo ritualístico de ingresso na universidade, acabou por mudar também a “tradição” do mesmo (HOBSBAWN, 1997), passando de tinta e ovos a ácido e pedras e, como fuga disto, a doações e boas ações.

### 2.2.2- 2º Ato: a formatura

Quando olhamos aqueles recém graduados profissionais, ocupando seus papéis na encenação ritualística da formatura, vemos jovens locupletarem-se pela honra de serem os formandos. Pensamos então: *Aproveitaram realmente os anos de estudo? Terão maturidade suficiente para assumirem a tarefa a qual sua qualificação exige? Eles realmente entendem a razão de todo investimento (tempo, emocional, econômico)?* Não saberemos, pelo menos não na cerimônia de colação de grau nem no baile que a segue. Estes momentos são curtos e simbólicos, representam o ritual de passagem entre a vida acadêmica e profissional, não garantem o sucesso apenas indicam uma transição.

Das origens da universidade aos cursos à distância, a formatura ainda sela os anos de estudos e registra a superação do jovem universitário aos exames que lhe comprovam a dotação de conhecimento específico, o que lhe qualifica e profissionaliza. É na formatura que as portas da universidade se abrem novamente (primeiro é no ingresso) à apreciação pública das estruturas, propostas e símbolos que fundamentam o mundo privado da academia.

Muito menos reguladas, dificultando a padronização de processos e títulos, as universidades medievais dos seus primeiros tempos já se caracterizavam pela distinção entre público e privado, mantendo os dois momentos extremos, o do ingresso e o da conclusão, como os principais canais de comunicação com a comunidade não-universitária.

Por isso mesmo a importância à formatura como símbolo do reconhecimento verdadeiro da capacidade profissional, da aquisição e construção de conhecimento e de maturidade pessoal e intelectual do universitário deve superar a expectativa festiva, pois a função social da universidade não é divertir.

### 2.2.2.1- A ESTREIA NA IDADE MÉDIA (SUAS ORIGENS)

É junto com a formação das universidades, no final do século XII, que datam os primeiros registros sobre as formaturas, assim como é também o início da universidade. Ainda em formação, o que se deu em rápido processo, a universidade medieval necessitava de regras que a estabelecesse e permitisse aos seus freqüentadores, fossem alunos ou professores, uma organização de seus estudos, projetados nas exigências de cada curso e cada universidade. Para isso foram elaborados vários estatutos, no intuito de darem crédito aos estudos, constituindo-os necessários à formação e tornando esta uma condição admirada pela sociedade. Por meio de bulas, quase sempre eram os Papas que ditavam as normas a serem seguidas. Igreja e universidade se somavam, muitas vezes se confundiam, e isso contribuiu para a construção da função da universidade: transmitir e edificar a cultura, preservar e exigir uma conduta moral e religiosa, e contribuir inequivocamente na formação e crescimento profissionais.

Verger (2001) deixa claro que foram as próprias universidades que instauraram as normas necessárias para declarar capacitado este ou aquele estudante, por meio de exames aos quais participavam os discípulos indicados por um de seus mestres. “Na semana precedente ao exame, um dos mestres o apresentava ao arcediogo, respondendo pela sua capacidade de enfrentar a prova” (LE GOFF, 1988, p. 68). Os próprios exames eram um desafio a parte. Permanecer por oito, dez ou quinze anos estudando, o que dependia do curso e universidade a que freqüentava, caracterizava-se um repto incalculável: custo de vida, dedicação ao curso, obediência aos mestres e às normas, tudo isso levava constantemente jovens a desistirem ou mesmo não serem mais aceitos nos centros universitários. “Porque é que muitos alunos não ficavam até ao fim do curso? Além da dificuldade intrínseca dos estudos em causa, do tempo necessário e dos altos custos, deve-se considerar o preço do grau propriamente dito” (VERGER, 1996, P. 145). Os exames serviam para comprovarem a capacidade e qualidade daqueles que receberiam o título ou de licenciado ou de bacharel<sup>20</sup>. Além de extenuantes, esses exames implicavam no pagamento de propina aos mestres, ficando cada vez mais caro receber o grau ambicionado.

---

<sup>20</sup> Ainda havia o de mestre para os estudos nas Artes e o de doutoramento em Direito. As denominações proferidas pelo grau recebido variavam conforme a universidade, devido à grande autonomia que estas ainda exerciam sobre seus estatutos (Verger, 1996).

Composta por três fases, a conclusão dos estudos implicava primeiro no julgamento sobre o comportamento moral do aluno e de seu histórico de estudos. Vencida esta etapa, seguia-se um exame denominado como “privado” ou “rigoroso”, em que o estudante era avaliado na sua capacidade de discussão sobre tema sorteado. Este era o verdadeiro momento da definição de aprovação, quando o estudante passava, caso aprovado, a usar o título de *licenciatus* (licenciado). A terceira e última fase não comprometia a conquista do grau de estudos anterior, mas era importante, pois tornava público o resultado do “exame privado”. O *inceptio* (inauguração) era uma representação aberta da prova anterior, onde o procedimento dava-se de forma ritualística e encenava-se a transição do aluno a mestre.

Tratava-se, de fato, de uma cerimônia que, frequentemente, se realizava numa igreja e que incluía orações, discursos solenes e a outorga ao candidato dos emblemas próprios dos mestres, a *biretta*, as luvas e o livro. Em seguida, o candidato realizava seu primeiro ato magistral, normalmente uma disputa com os estudantes, sobre um tema de sua escolha. O significado deste ‘exame público’ era perfeitamente claro (...) era um ato de significado coletivo, que demonstrava que o graduado tinha qualidades para o ensino e marcava a sua entrada solene no corpo dos doutores e o reconhecimento e aceitação pelos seus pares. (VERGER, 1996, p. 145)

As semelhanças no ritual de colação de grau entre os tempos ficam evidente na observação das figuras 38 e 39. Com elementos simbólicos ainda presentes nos nossos rituais, a formatura percorre séculos com a mesma essência, no tocante à representação cerimonial.

*Mutatis mutandis*, quase poderia ser a descrição das formaturas a quais freqüentamos atualmente! Um rito cerimonial de anunciação da passagem conquistada por um indivíduo após comprovado seu merecimento. Encenação na qual a sociedade participa, garantindo o registro dos movimentos realizados na cerimônia.





Figura 38: Representação de colação de grau na Idade Moderna  
Fonte: < [www.virtualmemories.blogspot.com](http://www.virtualmemories.blogspot.com) >



Figura 39: Colação de grau em 2007, na PUCRS  
Fonte: < <http://www.pucrs.br/diplomados/> >

### 2.2.2.2- SÉCULO XXI E AINDA EM CARTAZ (ATUALMENTE)

As formaturas na contemporaneidade estão mais e mais próximas a um espetáculo, com direito a fogos de artifício e shows em diferentes veios artísticos. Elas tornaram-se o evento ao qual quase todo universitário anseia por participar, rebaixando à mera formalidade questões como titulação profissional e retorno qualificado à comunidade social. Ao sonho da formatura uniu-se a exposição midiática: os “quinze minutos de fama” que nos dizem serem reais. Nas entrevistas coletadas para a pesquisa, duas em particular são destacadas quanto ao conteúdo abordado neste momento, em que declaram que seu ingresso na universidade já vinha acompanhado pela idéia de formatura:

“Eu pensei na formatura desde que eu ingressei [na universidade]. Tanto é que eu cursei todas as cadeiras e graças a Deus eu não repeti nenhuma, e ao meu esforço também. Então desde o momento que eu entrei, eu entrei disposta a encarar, a enfrentar, a estudar, me desafiar, já pensando nisso, já pensando em me formar.” (FORMANDA 1, Pedagogia)

Na formatura eu pensava já desde que eu entrei, mas sempre ficou assim em segundo plano. Eu ficava mais preocupada com a aprendizagem né, com os conteúdos da disciplina. Mas me preocupara a sério (riso) foi a partir do sétimo semestre. (FORMANDA 2, Pedagogia)

Evidente que a necessidade de esforço não é negada, assim como seu prêmio: a formatura. Por tanto, o que deve ser observado é o peso que cada elemento ocupa nos valores atribuídos a eles pelos formandos. Os anos de formação, o grau recebido e a festa que o celebra. Quanto mais estes elementos forem observados melhor serão os seus entendimentos:

“...Agora é o início de uma outra caminhada, é o fim da graduação e o início de uma outra caminhada (...) O diploma, a gente sabe, não garante um emprego, é uma vaga no mercado de trabalho, mas a gente faz o curso como uma realização pessoal e também como uma realização profissional, visando atuar nesta área logo que concluir o curso.” (FORMANDA 1, Pedagogia)

O estudo nunca é demais. É a única coisa que ninguém te rouba, ninguém te leva é o conhecimento. Eu diria, hoje em dia o que que a PUC representa hoje pra mim depois desses cinco anos? É o conhecimento, mas as poucas amizades de verdade que a gente faz. A gente tem muitos colegas, mas poucos amigos (...) com quem tu podes trocar experiências

pessoais e profissionais. É uma família, a gente faz uma família aqui dentro. (FORMANDA 7, Direito)

Não há como ter certeza do futuro, diferente da Idade Média onde as oscilações sociais eram mais raras, na atualidade nada está definido ou garantido e a formatura não foge a esta regra. Enquanto aquela sociedade era organizada em estamentos e dificilmente um servo passaria a senhor, ou mesmo o inverso, hoje, por meio de políticas e práticas educacionais, o acesso à universidade foi ampliado, mesmo que ainda não atinja nem 10% da população brasileira, houve uma massificação no acesso ao ensino superior, que ainda está em processo e que gera muita discussão acerca de desqualificação do ensino e da crise de empregos, mas que ainda assim gerou um aumento na flexibilização social. A formatura hoje simboliza muito mais o fim da vida como estudante universitário do que o início da vida profissional. Este início está muitas vezes adiado para depois de uma especialização ou da aprovação em concurso público. Talvez isto contribua para enfatizar o caráter espetacular da cerimônia. Não garantindo mais o futuro, é um ritual que simboliza também a passagem de um momento de segurança para um de incertezas.

A PUC, cenário de desenvolvimento desta pesquisa, a partir do setor responsável pela organização e realização deste ritual, a PRAC, já comentada nesta pesquisa, apresenta a seguinte explicação para a formatura:

O que é uma formatura?

A colação de grau, popularmente chamada de formatura, é o momento em que, após cumprir certas exigências curriculares de seu curso de graduação, o aluno recebe o grau acadêmico de bacharel ou de licenciado, o qual lhe outorga os direitos e deveres profissionais, sendo imprescindível para o exercício das profissões regulamentadas por lei. Este grau é conferido pelo Reitor da Universidade ou, por sua delegação, pelo Diretor da Faculdade.

Com raízes nas antigas universidades da Idade Média, o ritual de formatura configura-se, ainda hoje, como um evento de grande tradição e pompa. O traje *alar* usado pelos formandos constitui-se em uma releitura da indumentária das pessoas que, naquele tempo, obtivessem algum título acadêmico. Atualmente, este traje inclui: a *beca* ou *toga* – veste negra longa até os pés, cingida por uma faixa à cintura, barrete - cobertura para a cabeça- e o *jabô* - peça de renda ou musselina levada em torno do pescoço. Os professores usam, ainda, o *capelo*, pequena capa posta sobre os ombros. Tanto a borla, quanto o capelo e a faixa à cintura obedecem às cores atribuídas às diferentes áreas do saber. (In: <[http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas/pracFormaturas\\_Oque](http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas/pracFormaturas_Oque)>)





Figura 40: Formandos do curso de Pedagogia, PUCRS, 2007  
Fonte: <<http://www.pucrs.br/diplomados/>>

Além de apresentar rapidamente o caráter histórico do ritual, o texto enumera os elementos que caracterizam o rito, comprovando o seu valor simbólico, a comunicação que estes elementos fazem ao dizer quem é formando e que é professor, e ao curso que pertence, por meio das cores. (Figura 40)

Ultimamente revistas e jornais têm publicado reportagens abordando o tema; discursos acadêmicos alertam para esta visão híbrida dada hoje ao ritual; pais se preocupam com o valor atribuído por seus filhos à formatura em detrimento ao estudo anterior a ela. Devemos então questionar que rumo a formação superior está tomando, como chegou a isso e se, desde sua origem, carrega em si essa tendência á extravagância e exposição.

Apesar de uma aparência mais espetacular, a formatura sempre foi uma cerimônia cara, pois sua existência devia-se a apreciação pública da capacitação do jovem ao mundo profissional, dotado de plenas condições intelectuais e conhecimento prático suficiente para exercer o cargo ao qual seus estudos preparam. Era então preciso oferecer um banquete às pessoas ali presentes, não cheio de efeitos pirotécnicos ou visuais, contudo

contava-se com uma boa variedade de alimentos, bebidas e apresentação de música. Nisso, a formatura manteve-se muito parecida, as mudanças estão nos recursos modernos, nos valores consumista e midiático atribuídos a ela. Enquanto vimos como era difícil passar pelo “exame privado” para então realizar o *inception*, hoje vemos que mais e mais jovens correm para **eliminar** as disciplinas e não superá-las, a fim de chegar o momento de subirem ao palco, serem exaustivamente fotografados e filmados, e depois desfilarem seus trajes de festa, beberem e dançarem por horas.



Figura 41: Imagem de salão preparado luxuosamente para a festada de formatura  
Fonte: Isto E, 21/01/2009, p.51



Figura 42: Imagem de um baile de formatura  
 Fonte: Isto É, 21/01/2009, p.51

Neste baile (figura 42) nada nos permite identificar ser ele um baile de formatura, podendo parecer uma festa de final de ano, um casamento ou um baile de debutantes. A supressão dos símbolos associados ao ritual compromete a imagem transmitida. Assim se dá com a imagem do salão (figura 41), que apresenta um visual cinematográfico.

Nesta reportagem da revista *Isto É*, intitulada “Formaturas Milionárias”, o argumento é que a formatura “deixou de ser uma coadjuvante no rito de passagem que é completar o ensino superior e entrar no mercado de trabalho para se tornar o protagonista deste momento.” (ISTO É, 21/01/2009, p.50) Assim, os calouros já ingressam em seus cursos com a obrigação de contribuírem mensalmente para custear o megaevento ou arcarem com seu alto custo no momento da conclusão do curso.

A formatura exige compromisso, ensaio, seriedade. Não precisa se gastar para se formar. Como a formatura é um evento obrigatório, quem conclui um curso com aprovação tem o direito a se formar e é obrigação da universidade, seja em cerimônia pública ou em gabinete, a PUC oferece toda a estrutura gratuitamente, os formandos que escolhem gastar (FUNCIONÁRIA, PRAC)

Quando se fala em economizar na formatura, usando o material oferecido pela instituição, como foi comentado pela funcionária, os alunos repudiam a idéia, pois não lhes

parece a mesma coisa. Gastar e escolher o tipo de cerimônia e depois de festa que vão querer são elementos agregados contemporaneamente ao ritual. Aos universitários, não poder fazer suas intervenções no processo, parece-lhes transformar o ritual em algo simplesmente conservador, como declarou esta formanda:

A sensação da cerimônia que eu tenho é que é algo assim muito tradicional, e eu já participei de várias formaturas e é sempre a mesma coisa. Daí é claro, tu vai participar daquele rito ali, mas tu tens a tuas características, a escolha da música, mas... sei lá, deveria mudar um pouco também, não ficar tão tradicional. (FORMANDA 1, pedagogia)

Algumas faculdades vêm adotando medidas para coibir os excessos nas comemorações de formatura, criando setores responsáveis por conduzir, junto à comissão de formatura eleita pelos próprios formandos, todo o processo que constitui a cerimônia de colação de grau. Estes setores elaboram as normas que devem ser seguidas por alunos e demais participantes do evento, evitando assim arroubos e surpresas desagradáveis no momento da formatura. E sua existência mostra-se fundamental, visto as dúvidas apresentadas pelas alunas, relatadas na fala de Adriana, que compõe a equipe de formatura dentro da faculdade de educação:

A maior parte delas quer saber o que pode e o que não pode no momento da formatura. Na verdade o maior medo delas é esse: o que pode e o que não pode. Por que elas sabem já de um histórico de muito tempo de restrições que estão sendo feitas a cada nova formatura, em virtude de coisas que já aconteceram, de fatos que já aconteceram, que acabaram prejudicando toda a solenidade (...) então têm dúvidas quanto ao convite, quanto a roupa que vai usar, o sapato que vai usar... (SECRETÁRIA ADRIANA)

Dentro da perspectiva ritualística, a formatura passa por um desdobramento. Inicia na cerimônia de colação de grau, muito mais formal e com menor intervenção individual, e completa-se na festa, onde impera a improvisação e espontaneidade individual. Porém, a atuação do EU está presente nos dois momentos, afinal de contas, a formatura, mesmo que um ritual grupal, tem a função de reconhecer e apresentar o novo status de cada um dos indivíduos que compõem a encenação (GOFFMAN, 2007; SIBILA, 2009)

Os graus de diferenciação entre um momento e outro serão apresentados por um conjunto de elementos que envolvem a instituição que concede o grau, por meio da formalidade ou liberdade oferecida por ela, passa pelo perfil do curso concluído e do grupo envolvido (aqui podem ser citadas características como faixa etária, origem social e o tipo de profissão que o curso forma), abrange questões pessoais, como família, cultura e

condição econômica. Este último é fundamental quando se trata da festa após a cerimônia. Nem todos poderão fazê-la e há aqueles que farão um mega evento.

Ainda assim, a formatura em si dá-se na cerimônia de colação de grau. É ali que o jovem entre ocupando o papel de universitário e sai com a responsabilidade de um profissional. Tudo em termos simbólicos, pois esse processo, já vimos, se dá ao longo do curso e não termina com a colação de grau. É um momento, como declaram alguns formandos, de reconhecimento e de internalização dos anos de estudo e do futuro que os aguarda.

Por isso, não podemos ignorar que o momento da formatura, mesmo ensaiado e planejado exaustivamente, envolve o jovem participante numa situação de muita emoção, em que vários sentimentos se misturam, deixando o formando um tanto quanto desorientado, eufórico ou perplexo. É um momento de festa, mas também de questionamento:

“Na verdade dá um pouquinho de medo, por que agora a gente é estudante e na semana que vem, na segunda-feira eu não sei o que vou ser, vou ser provavelmente uma desempregada por que eu ainda não procurei emprego, então nesse ponto dá um pouquinho de medo, mas é muito legal saber que eu sou uma profissional agora.” (FORMANDA 3, pedagogia)

Pensando bem, quando a formatura estimula o questionamento sobre si e tudo que aquele ritual envolve, podemos entender que isto é também a função da formatura: teatralizar a conclusão dos anos de estudos de forma a deixar bem claro que esta etapa acabou e que uma nova, mais comprometida ainda, começou. Sobre isso, a mesma formanda declara:

“...Tem que corresponder a expectativa daqueles cinco anos de estudo, daquilo que tu aprendeu na universidade, tem que mostrar que tu não tava aqui a passeio.” (FORMANDA 5, Arquitetura)

O bombardeio de informação no qual as sociedades contemporâneas estão submersas interfere na qualidade do ensino em todos os níveis, inclusive no universitário. Baladas, jogos, filmes, internet, infindáveis recursos estão competindo espaço nas mentes e nas vidas dos jovens acadêmicos, e por enquanto a teoria vem perdendo território.

Agora o que devemos nos perguntar é se o esvaziamento midiático do presente é elemento a compor o quadro histórico do processo ritualístico ou conseqüência equivocada



resultante de um acelerado processo de desenvolvimento tecnológico que nos fugiu ao controle.

Por isso, a formatura exerce função ritualística, pois serve como símbolo da passagem do indivíduo de um estrato social a outro, em encenações que revelam os *lugares* que cabe a cada um neste processo, marca um limite, um fim (a formatura), mas que ao mesmo tempo anuncia um início, o da vida profissional, e é este o principal interesse público às formaturas: os futuros profissionais que caracterizam o futuro da nação. A vida faz-se espetáculo, não necessariamente consumível, mas carregada de imagens e sinais que constroem a ponte de ligação entre os diferentes canais que compõem a sociedade.

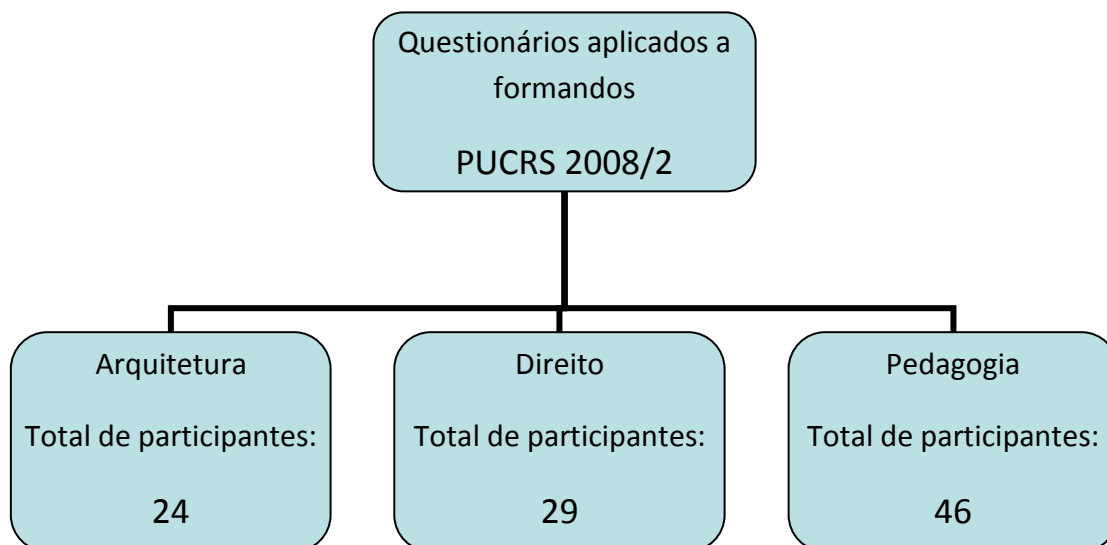
### 2.2.3- As representações e relações sociais no trote e na formatura

A princípio, estes dois rituais trabalhados aqui são os principais canais de ligação entre a universidade e a sociedade na qual está inserida. É no trote que os transeuntes, sem vínculos com a academia, tomam conhecimento da iniciação de alguns de seus membros. A formatura é então o momento em que a academia abre suas portas para que os membros da sociedade verifiquem o resultado dos anos de estudos universitários. São dois pontos de comunicação, que representam a transitoriedade de cada um deles.

Para o trote, são os futuros acadêmicos e seus veteranos que saem às ruas, já a formatura, com seus universitários prestes e receberem a titulação de profissionais, passa a convidar esta parte da sociedade não pertencente à instituição universitária, a comporem o quadro da representação ritualística.

As relações encontradas ao longo desta pesquisa, entre estes rituais e a sociedade, além da imagem que eles transmitem ou com a qual são observados, é de uma variedade impossível de elencar. Vimos isso nos questionários aplicados aos formandos (gráfico 1) e que são analisados nas tabelas 1, 2 e 3, nos inúmeros meios de comunicação e informação e pela própria fala dos universitários.

Gráfico 1



Sobre a questão do trabalho, a maioria dos formandos dos três cursos analisados declaram trabalhar na área em que estão para se formar. Porém, a maioria tem um vínculo como estagiário, o que a formatura implica no encerramento deste contrato. No caso específico da Pedagogia, o que se destaca é a relação com a educação antes de iniciarem o curso. A maioria declara ter iniciado a graduação após uma primeira experiência profissional envolvendo a educação.

A escolha do curso apresentou maior dúvida no curso de Direito, em que 38% dos formandos participaram de concursos vestibulares ou começaram a cursar outras carreiras. Em suas declarações, argumentaram que o Direito apresenta-se com uma imagem de um curso mais rígido e que talvez pela imaturidade com que saíram do ensino médio, não se identificaram com este perfil. Para a Arquitetura e a Pedagogia, a escolha da maioria dos universitários foi apresentada como a primeira. Nas entrevistas abaixo verificamos as descrições:

Bom, eu sempre tive um bom envolvimento com as crianças e mais ou menos como aconteceu com a Simone, eu trabalhava numa creche, daí tive influência da minha chefe, daí eu optei pelo curso de pedagogia. (FORMANDA 2, Pedagogia)

Eu lembro sim, desde pequena eu já gostava de desenhar, gostava de ... em geral de arquitetura e engenharia civil, então eu sempre soube que queria fazer arquitetura, que eu ia fazer. (FORMANDA 4, Arquitetura)

Também, sempre soube desde pequeno, muita influência da família e é, sem dúvida. (FORMANDO 5, Arquitetura)

Eu fiz dois anos de arquitetura antes e eu achava ... eu não, o direito era minha segunda opção. Eu não queria direito por que a minha mãe é advogada e eu não queria aquela rotina de trabalho pra mim. Então eu fiz arquitetura dois anos, vi que eu não tinha o perfil do profissional e na época eu conversei com a minha mãe e meu namorado fazia direito, eu conseguia conversar sobre o assunto com os amigos dele e eu acabei optando. Tranquei a faculdade de arquitetura num dia e no outro dia já decidi que ia fazer vestibular para direito e passei no vestibular, e no segundo mês de aula no primeiro semestre comecei um estágio na defensoria, daí me encantei pelo curso. (FORMANDA 7, Direito)

Sobre o sentido do trote apontado na tabela 1, o item que indica ser uma tradição é referido pela maioria dos formandos do curso de arquitetura, sendo interpretado como uma brincadeira pelos formandos em direito e pedagogia. Porque os futuros arquitetos tiveram essa visão distinta? Talvez esteja no contraste entre o perfil dos cursos. Mas todos entendem o trote como um evento relacionado com festa e brincadeira, seja uma tradição ou um ritual de boas vindas. A violência ou humilhação não obtiveram destaque, mesmo no curso de pedagogia onde o trote, quando aplicado, é o solidário.



**Tabela 1**

O TROTE É PARA VOCÊ... (múltipla escolha)	Arquitetura	Direito	Pedagogia
Alternativas:	VA	VA	VA
Uma brincadeira	15	16	25
Um rito	5	8	11
O exercício de poder pelos veteranos	5	7	6
Uma festa	6	6	12
Uma violência	0	8	2
O início da vida acadêmica	6	7	16
Uma mudança de status social	0	0	0
Um momento de aproximação entre os universitários	12	10	15
Uma paródia sobre a vida dentro da universidade	1	2	20
A apresentação do calouro	8	3	1
Uma forma de humilhação	1	8	8
Uma tradição	16	7	3
Um ritual de boas vindas	9	9	20

Quanto aos anos de estudo dentro da universidade, as análises feitas pelos formandos dos três cursos envolve destacadamente a formação profissional e o amadurecimento pessoal (Tabela 2). Portanto, é um período de transição, onde se deve amadurecer e desenvolver uma habilidade que possibilitará ao jovem o exercício de uma profissão.

**Tabela 2**

O QUE SIGNIFICA PARA TI OS ANOS DE FACULDADE? (múltipla escolha)	Arquitetura	Direito	Pedagogia
Alternativas:	VA	VA	VA
A formação profissional	20	27	43
O amadurecimento pessoal	18	18	34
Momentos de convívio social	11	19	16
O desenvolvimento de pesquisas	6	10	14
Muito estudo	15	14	29
Momentos de convívio familiar	0	1	2
Engajamento político	1	2	1
Muitas festas	7	8	4
Uma perda de tempo	0	0	0
Descobertas pessoais	12	11	27
Uma obrigação familiar	0	1	0
Um dever social	1	5	2
A realização de um sonho	13	9	34
Mais uma etapa na vida	15	19	34

A FORMATURA É PARA VOCÊ... (múltipla escolha)	Arquitetura	Direito	Pedagogia
--	-------------	---------	-----------

E a formatura, qual idéia estes jovens colam à palavra? (Tabela 3) Direito e arquitetura declaram, em sua maioria, ser a formatura uma conquista. É também uma festa para os três cursos, mas o destaque na pedagogia foi o entendimento que a formatura é o começo da vida profissional. Intrigante é que são os formandos que mais se declararam atuantes na área de estudos, ou seja, na educação. Talvez a diferença esteja na apresentação do diploma, que mudaria o status de atuação deste, agora, profissional.

	VA	VA	VA
O encerramento dos estudos acadêmicos	9	12	15
Uma festa	16	15	25
Um rito	6	11	19
Uma futilidade	0	4	0
Uma obrigação	1	3	0
Uma tradição	11	12	14
Uma conquista	19	20	14
Um direito	3	9	9
O significado da graduação	3	8	7
Uma satisfação à família e sociedade	10	9	12
O anúncio da sua formação profissional	13	9	14
O fim dos anos de estudos	6	4	3
Uma consequência da graduação	5	4	8
Uma ostentação	0	3	0
Uma despedida	8	7	5
O começo da vida profissional	14	15	33

**Tabela 3**

As tabelas a seguir foram organizadas pela PRAC, a partir de questionários aplicados a jovens vestibulandos de diversas escolas de Porto Alegre.

A primeira análise que se faz, ao observar a tabela 4, é o evidente desejo de participar do trote, expressado pela maioria dos jovens entrevistados. Os estudantes ainda associam o rito com a entrada na universidade e isso demonstra o quanto a imagem do jovem pintado comunica o seu ingresso no ensino superior.

**TABELA 4 – ATIVIDADE(S) COM A(S) QUAL(IS) IMAGINA SERÁ RECEPCIONADO PELA UNIVERSIDADE**

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
a) com trote dado pelos veteranos	126	55,0	65	48,1	61	64,2
b) com uma apresentação formal da Direção da Faculdade/Universidade	56	24,5	29	21,3	27	28,2
c) Não sei/Não imagino	56	24,5	37	27,6	19	20,0
d) com visita a salas/ laboratórios? "tour" pelo campus	29	12,7	16	11,9	13	13,7
f) shows	12	5,2	5	3,7	7	7,4
g) Brindes	3	1,3	2	1,5	1	1,1
d) Outros	23	10,0	15	11,2	8	8,4
BASE	229		134		95	

Base: Total de entrevistados.

Respostas múltiplas

As tabelas 5,7,8 reforçam a questão do uso de tintas no trote como representação do próprio rito, pois quando questionados acerca do que lhes vem à cabeça quando ouvem a palavra “trote”, muitos responderam tinta ou pintura. Apesar da violência praticada em alguns trotes e constantemente veiculada pelos meios de comunicação, os adolescentes entrevistados creditam festa, comemoração, brincadeiras e diversão ao evento, reconhecendo o trote como um ritual tradicional (tabela 6).

**TABELA 5 – PRIMEIRA IDÉIA QUE VEM À CABEÇA QUANDO ‘TROTE’ É REFERIDO**

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
1. Tinta / Pintura	55	24,0	38	28,4	17	17,9
2. Festa/ Comemoração/ Brincadeira/ Diversão/ Alegria/ Arreganho/ Farra	46	20,1	27	20,1	19	20,0
3. Sujeira	33	14,4	18	13,4	15	15,8
4. Sacanagem	19	8,3	14	10,4	5	5,3
5. Humilhação / Vergonha / ‘Pagar mico’	9	3,9	4	3,0	5	5,3
6. Bagunça	8	3,5	3	2,2	5	5,3
7. Telefone	6	2,6	4	3,0	2	2,1
8. Ovo	5	2,2	3	2,2	2	2,1
9. Aluno que morreu na piscina	4	1,7	1	0,7	3	3,2
10. Avacalhação	3	1,3	1	0,7	2	2,1
11. Falcatrua/Enganar/Violação	4	1,7	2	1,5	2	2,1
12. Pedir dinheiro	3	1,3	2	1,5	1	1,1
13. Palhaçada	4	1,7	2	1,5	2	2,1
14. Nada	3	1,3	1	0,7	2	2,1
15. Loucura	2	0,9	2	1,5	-	-
16. Início de Faculdade	2	0,9	1	0,7	1	1,1
17. Integração	2	0,9	1	0,7	1	1,2
18. Vestibular	2	0,9	-	-	2	2,4
19. Bixo	2	0,9	-	-	2	2,4
20. Sexo	2	0,9	-	-	2	2,4
21. Tradição/Passagem	2	0,9	2	1,5	-	-
22. Outros(*)	13	5,7	8	6,0	5	5,3
BASE / TOTAL	229		134		95	

Base: Total de Entrevistados

Respostas simples

(\*) Outros: Verbalizações com uma citação: Eu passei; Cheiro ruim; Coisas ruins; Recepção; Barulho;

Cortar cabelo; Trotes da UFRGS; Água; Correr pelas ruas; Roubar objetos; Ódio; Nojo; Faculdade.

Quando se faz esse tipo de pergunta “o que primeiro vem à mente quando falamos em...” estamos provocando no entrevistado um exercício de associação de idéias. Assim, se o tema é o trote, o jovem inquirido recorre à imagem gravada em sua memória e que, por meio de sua cultura, seu contexto social, está colada ao termo *trote*. Pintura, festa, brincadeira, sujeira... são as primeiras representações que os entrevistados fizeram e que a tabela 5 nos apresenta. Ainda que tradição seja o último item e que ritual nem tenha sido elencado, violência também não está entre as principais imagens relacionadas ao trote.

Em uma leitura cruzada entre as tabelas 5 e 6, tendo em vista que a 5 tem respostas espontâneas e a 6 é induzida, é sempre a festa ou a comemoração que apresentam destaque nas escolhas ou elaboração das respostas. Não vamos com isso ignorar que há o medo em sofrer algum tipo de violência, física ou emocional, mas o que devemos destacar é que essa violência é apresentada como uma atitude atravessada à idéia essencial do trote, como uma brincadeira. A violência não é um atravessamento da nossa sociedade atual, é uma característica, como o consumo e a necessidade de exposição, e por serem características são também construções culturais, portanto sociais. E os rituais são reflexos destas construções, refletem o momento histórico e a região em que ocorrem.



**TABELA 6 – PALAVRAS QUE MELHOR TRADUZEM OS SENTIMENTOS SOBRE O ‘TROTE’.  
(INDUZIDA)**

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
Diversão / festa / brincadeiras	158	69,0	90	67,2	68	71,6
Comemoração / parabenização	122	53,3	70	52,2	52	54,7
Ritual / tradição	116	50,7	62	46,3	54	56,8
Integração / união	96	41,9	45	33,6	51	53,7
Nojo / sujeira	94	41,0	66	49,2	28	29,5
Medo / pavor	43	18,8	30	22,4	13	13,7
Humilhação / vergonha	41	17,9	27	20,1	14	14,7
Rivalidade / desunião	13	5,7	09	6,7	04	4,2
Indiferença	04	1,7	03	2,2	01	1,1
BASE	229		134		95	

Base: Total de entrevistados.

Respostas múltiplas

As tabelas 7 e 8 traduzem um pouco esta análise, do que é essência e o que é atravessamento, não implicando com isso em uma anulação do ritual ou um desvio, mas dando-lhe as pinceladas de contemporaneidade inerentes a esses eventos sociais.

TABELA 7 – ATITUDES CONSIDERADAS ESSENCIAIS NO ‘TROTE’.

(INDUZIDA)

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
Pintar com tinta lavável	173	75,5	111	82,8	62	65,3
Promover uma festa	141	61,6	75	56,0	66	69,5
Participar de campanhas comunitárias: doação de sangue, de roupas e alimentos	79	34,5	49	36,6	30	31,6
Jogar ovo e farinha (alimentos)	72	31,4	34	24,4	38	40,0
Arrecadar dinheiro para recuperar objetos	56	24,5	30	22,4	26	27,4
Passear amarrado pelo campus	45	19,7	29	21,6	16	16,8
Brincadeiras com conotação sexual	25	10,9	10	7,5	15	15,8
Passar bala de boca em boca	23	10	11	8,2	12	12,6
Cortar o cabelo	20	8,7	2	1,5	18	18,9
Não acho que deva existir trote	14	6,1	11	8,2	3	3,2
Pintar com tinta não lavável	14	6,1	3	2,2	11	11,6
Outros	7	3	5	3,7	2	2,1
BASE	229		134		95	

Base: Total de entrevistados

Respostas múltiplas

Outros: Brincadeiras surpresas (2); Ser apresentado aos veteranos (1); tomar cachaça (1);

água (1); suruba (1); viagem (1).

**TABELA 8 – ATITUDES CONSIDERADAS INADMISSÍVEIS NO TROTE. (INDUZIDA)**

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
Cortar o cabelo	160	74,4	108	87,8	52	56,5
Pintar com tinta não lavável	107	49,8	66	53,6	41	44,5
Brincadeiras com conotação sexual	97	45,1	70	56,9	27	29,3
Passar bala de boca em boca	94	43,7	61	49,6	33	35,9
Jogar ovo e farinha (alimentos)	45	20,9	28	22,8	17	18,5
Arrecadar dinheiro para recuperar objetos	29	13,5	18	14,6	11	12
Passear amarrado pelo campus	27	12,5	14	11,4	13	14,1
Machucar/Bater/Violência/Morte	8	3,7	5	4,1	3	3,7
Pintar com tinta lavável	6	2,8	1	0,8	5	5,4
Participar de campanhas comunitárias: doação de sangue, de roupas e alimentos	4	1,8	-	-	4	4,3
Promover uma festa	3	1,4	3	2,4	-	-
Outros (*)	7	3,3	3	2,4	4	4,3
<b>BASE</b>	<b>215</b>		<b>123</b>		<b>92</b>	

Base: total de entrevistados que não respondeu “Não acho que deveria existir trote” na questão número 9.

Respostas múltiplas

(\*) Outros: “Humilhar” (02); “Obrigar a beber álcool” (02), “Obrigar a tirar sapatos”, “Não devolver objetos” e “Nada é inadmissível”.

A violência é pouco apontada pelos entrevistados, não caracterizando a principal preocupação deles. Voltamos à questão da subjetividade da violência e como exemplo observamos que, na tabela 8, a maioria dos jovens considerou o corte de cabelo como a atitude mais inadmissível para o trote, porém, a tabela 7 mostra que 20 entrevistados entendem o corte de cabelo como uma atitude necessário no trote. Assim, algumas ações devem ser pensadas a partir do desejo do calouro. Raspar a cabeça é uma violência caso praticada em desacordo, mas se há o desejo, transforma-se em brincadeira e comemoração. Esse também é o entendimento da professora da PRAC, que declara em entrevista o quanto é perigoso taxar uma ação como violenta a partir da subjetividade das opiniões pessoais.

Acontece, não vou dizer que não, esse ano mesmo a gente teve o raspar o cabelo na medicina, mas é uma coisa muito da tradição da medicina. Então a gente sente, “meu Deus, se raspassem o meu cabelo, eu acho que surtava”, pensando no menino, não é. Mas eles, de certa forma, acham aquilo um trunfo. “Ah, agora vão olhar e vão ver que eu passei”. Então é muito questionável o que é o agressivo. Se eu não me sinto agredida, eu estou sendo agredida? Ou isso é uma marca que eu quero ter?  
(PROFESSORA, PRAC)

Por fim, a tabela 9 apresenta que a maioria dos vestibulandos gostaria de participar de alguma forma de trote, com atividades tradicionais como pintura e brincadeiras. Festa também é uma ideia que perpassa grande parte da interpretação de trote. O trote solidário é citado, mas apresenta-se como uma atividade agregada ao movimento tradicional, não como ação principal, senão como uma forma de, junto à festa, contribuir para questões sociais emergentes.

TABELA 9 – TIPO DE TROTE QUE GOSTARIA DE RECEBER

RESPOSTAS	TOTAL		FEMININO		MASCULINO	
	VA	%	VA	%	VA	%
Ser pintado com tinta	63	29,3	43	35,0	20	21,7
Participar de uma festa	38	17,7	17	13,8	21	22,8
Participar de brincadeiras	25	11,6	18	14,6	07	7,6
Não gostaria de receber	23	10,7	12	9,8	11	11,9
Participar de um trote social/ campanhas comunitárias	15	7,0	08	6,5	07	7,6
Receber um banho de ovo e farinha	10	4,7	07	5,7	03	3,3
Vale tudo, menos violência	08	3,7	05	4,1	03	3,3
Algo amigável	08	3,7	04	3,2	04	4,3
Não sabe	08	3,7	04	3,3	04	4,3
Receber o trote tradicional	08	3,7	05	4,1	03	3,3
Ser obrigado a arrecadar dinheiro no sinal	07	3,3	04	3,2	03	3,3
Participar de algo que integre a todos	06	2,8	03	2,4	03	3,3
Sem sujeira	05	2,3	04	3,3	01	1,1
Sem humilhação	05	2,3	04	3,3	01	1,1
Algo engraçado	05	2,3	04	3,2	01	1,1
Com sujeira	04	1,9	03	2,4	01	1,1
Sem malícia	04	1,9	02	1,6	02	2,2
Receber um banho de água	03	1,4	02	1,6	01	1,1
Participar de uma festa à fantasia	03	1,4	-	-	03	3,3
Tanto faz	03	1,4	01	0,8	02	2,2
Pode ter sacanagem	03	1,4	01	0,8	02	2,2
Recepção formal da Universidade	03	1,4	03	2,4	-	-
Outros (*)	24	11,2	14	11,4	10	10,9
BASE	215		123		92	

Base: total de entrevistados que não responderam “Não acho que deveria existir trote” na questão número 9.

Respostas múltiplas

(\*) Outros: Avacalhação (1), Gincana (1), De maneira inesperada (1), Provas feitas (1), Beijo na boca (1), Música (1), Bebida alcoólica (1), Bem arreganhado(1), Jogos (1), Festa do cabide (1), Show (1), Gritaria (1), Café da manhã (1), Pintar o cabelo(1), Cortar o cabelo (1), Uma recepção calorosa (1),

Se vestir de palhaço e assustar as crianças (1), O melhor possível (1), Fazer um *bongue* (2), Passar bala de boca em boca (2), Receber dicas sobre o curso (2)

Brincadeiras com conotação sexual, atitudes de humilhação ou que provoquem asco são as principais preocupação destes jovens. Serem pintados e se divertirem os maiores desejos. Então, a imagem de calouro no dia do trote que os entrevistados construíram por meio de suas respostas, é de um jovem feliz, pintado e participando de brincadeiras, entrando em contato com os veteranos e se declarando universitário à sociedade (figura 43).



Figura 43: Calouros em dia de trote  
Fonte: <[www.ciesc.org.br](http://www.ciesc.org.br)>

Enquanto o trote, a partir dos questionários, caracteriza-se por “brincadeira”, “aproximação entre universitários” e “tradição”, a mídia tende a apresentá-lo ou como uma atitude violenta e irresponsável ou um momento de exercício cidadão e solidário, enfim os universitários manifestam desejo em participar deste ritual. São imagens bem distintas, com razões de ser-las. Essa conclusão também pode ser observada na análise das tabelas de 1 a 6 que demonstram como o jovem calouro ainda deseja participar do trote, não ignorando algumas distorções violentas agregadas a ele e admirando o ato solidário em algumas iniciativas.

Fica evidente, ao analisarmos tanto os questionários aplicados aos formandos para esta pesquisa quanto os executados para a Pesquisa de Opinião com futuros calouros, que o desejo em ver-se pintado, num momento de descontração após o empenho reconhecido com a conquista da vaga, é maior que o medo por sofrerem algum tipo de agressão ou humilhação por parte dos veteranos. Diferente da formatura, os jovens calouros ainda entendem que o trote é uma tradição e por isso carrega em si um simbolismo que está associado a este momento específico, que não poderá ser aplicado em nenhum outro mais.

No caso dos formandos, somente o curso de Arquitetura ainda praticava o trote tradicional, com o uso de tintas e brincadeiras pelo campus. Direito e Pedagogia aboliram a prática ou substituíram-na pelo trote solidário. Nestes dois casos, não houve muita demonstração de sentimento de perda ou de desejo que o trote tivesse sido aplicado da forma clássica, apenas o apontamento da situação apresentada pelo curso quanto ao evento.

Nós aplicamos também, mais ou menos igual ao que foi o nosso assim. Foi um pouco diferente por que nós levamos mais na brincadeira do que os nossos bichos no caso não e é, eles não levaram tão na esportiva assim. Foi o que mais ou menos normalmente acontece: tinta, farinha, ovo, algumas brincadeiras um pouco mais chatas... (FORMANDA 4, Arquitetura)

Com a formatura, a observação mais evidente feita pelos universitários nos questionários foi a de “uma conquista”, seguida pelo “começo da vida profissional” e por “uma festa”. O que estes itens nos demonstram? Poderíamos traduzir na seguinte frase: o diploma reconhece os anos de estudo, abre as portas para um mercado de trabalho profissionalizado e o emblema deste processo dá-se em uma festa, na forma de comemoração. Corroborar para esta análise o fato de que a maioria destes mesmos formandos classificou os anos de estudos universitários como, principalmente, a “formação profissional”, o “amadurecimento pessoal” e um tempo de “muito estudo, sucessivamente.

Reconhecer estes elementos acima citados dentro da universidade é decisivo para o fortalecimento da identidade desta instituição. Mas ela, como já vimos, não está isolada do mundo ao seu redor, pelo contrário, está em constante diálogo com ele. Assim, se há uma crise de empregos e uma desqualificação da educação o sentido final da vida acadêmica, durante a formatura, também evidenciará estes elementos da realidade social, procurando esquivar-se por meio de rituais e festas mais marcantes, mais performáticos, mais

espetaculares. Com esse recurso, o momento não escapará, não ficará como registro fugidio de algo pouco prático<sup>21</sup>, mas sim como uma grande festa comentada por toda família e amigos por um longo período.

Descrições que pareceriam inicialmente naturais à cerimônia de formatura não foram tão apontadas pelos formandos, o que é o caso do “rito” e da “tradição”, que ficaram com menos da metade dos apontamentos, a formatura então é lembrada mais como a festa, onde está a mensagem do evento? Os símbolos que ornamentam a cerimônia, o processo de transição pelo qual os universitários passam, entrando com o barrete em mãos e saindo, após a colação do grau, com ele na cabeça, os discursos e solenidades, tudo é ofuscado pela imagem da festa. Não necessariamente do baile, que esse sim é pura festa, mas a própria formatura, pela emoção que imprime em seus participantes, é sentida como festa e pouco reconhecida como ritual.

Os questionários ainda demonstraram que o acesso à universidade e a obtenção do título acadêmico representa um ganho na condição social e por isso é trado como “a realização de um sonho”. Quando sonhamos com algo é porque o desejamos muito, assim que a concretização deste desejo implica, indiretamente, numa conquista, com mais ou menos empenho pessoal.

Interessante observar como, nos três cursos, os universitários identificam com seus anos de estudos superior mais um período de “muitas festas” que de “engajamento político”. Com uma história marcada por movimentos estudantis, os universitários no Brasil, a partir da década de 1930, começam a lutar por espaço político, conquistando agremiações fundando associações como a UNE (União Nacional dos Estudantes), que vigora até hoje (FRAGOSO FILHO, 1984). O esvaziamento deste ideário político apresentado pelos questionários demonstra um distanciamento deste jovem universitário das questões públicas, o que reflete em sua postura, tanto como universitário ou como o profissional que irá se tornar.

Por fim, quanto à formatura, os questionários, como demonstram as tabelas 7, 8 e 9, apresentaram uma visão bastante homogênea do entendimento e significação que os universitários vêm apresentando nesta última década e que acompanham a análise do

---

<sup>21</sup> A falta de empregos e, portanto, o não uso prático do diploma conferido na formatura.



contexto social, em que o resgate à ritualização e às cerimônias tradicionais está a serviço do uso comercial e midiático que esses eventos vêm assumindo.

Mas a formatura sempre teve mais possibilidades de divulgação que o trote. Mensagem em jornais, como participações sociais, já foi prática comum, nas décadas de 1950 até 1980, sendo substituídas hoje, ainda que ocorram algumas (figura 44) por uma espécie de *coluna social* de formaturas (figura 45). Ainda, as já comentadas agências especializadas em organizar, promover e realizar tanto cerimônias como festas e que, para sua própria divulgação, utilizam-se da mídia, transmitindo mais a imagem da formatura (figura 46). Os modistas, que também utilizam os meios de comunicação (figura 47), para ditarem regras em venderem seus estilos quanto ao como e o que vestir para tais eventos. Bufês, DJs, salões de beleza, fotógrafos, o mundo de profissões e funções que uma formatura envolve é imenso. Em pensar que a formatura emprega mais pessoal técnico que garante emprego para seus formandos!

Ainda, existem outros rituais distintos que incorporam o ritual maior que é a formatura. A PUCRS, entre outras instituições, compreende a Missa de Formatura, solenidade religiosa que ocorre um ou dois dias antes da cerimônia de colação de grau e que tem a função de sagrar o evento. Não recebe a mesma distinção da colação, mesmo porque não fornece o grau e ainda carrega em si o caráter religioso, que hoje em dia está fora de moda, principalmente entre a maioria dos jovens. E mais, a PUCRS oferece, durante a formatura, um prêmio ao formando eleito por seus colegas como o mais solidário (anexo 3), o Troféu São Marcelino Champagnat.

**PARTICIPAÇÃO SOCIAL**



**José Cesar Boeira**  
**Direito/PUCRS**

*Parabéns 22.04.09*

Sabemos o quanto você lutou para concretizar essa meta.  
Não foi fácil, mas valeu o esforço. *Tua mulher Marli*  
Estamos muito orgulhosos de você. *Tua mãe Celso*  
*Parabéns e te desejamos muito sucesso. Tuu filho Glauber*

Figura 44: Um dos atuais anúncios de participação de formatura

Fonte: Zero Hora, segunda-feira, 13 de abril de 2009.

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2009

**Blog das Formaturas**

Confira relatos de quem já passou por esta experiência e envie a sua para o Blog das Formaturas em **ZERO HORA.COM**

# Estilo anos 80

*"No último dia 12, ocorreu a formatura da Comunicação Social da Ubra. A comissão de formatura iniciou os trabalhos ainda no ano passado para que tudo saísse perfeito. A festa foi temática com estilo anos 80, a começar pelo convite, com diversas imagens de itens que lembram os anos 80 (brinquedos, desenhos, personagens, como Chaves, Sérgio Malandro, Bozo etc), que é uma década marcante na vida de muita gente. A galera toda logo recebeu o convite e comentou que era um dos mais bonitos que já tinham visto. A comissão de formatura foi formada por Adriana Pereira (Relações Públicas), Aline Faber (Publicidade e Propaganda), Cleiton Michelin (Publicidade e Propaganda) e Fernanda Chacon (Publicidade e Propaganda). O patronage foi o professor Davison Campos. Ele ficou extremamente feliz e foi fantasiado de vampiro até chegar em casa."*



**Cleiton Michelin**, publicitário, de Porto Alegre



*"Nessas fotos está minha família querida. Minha mãe, Fani, meu pai Amauri e minha filha Eduarda. A formatura foi no dia 31 de julho deste ano. Agradeço a vocês por todo o apoio que me deram nestes oito anos de curso."*



**Clarissa Dornelles**, formada em Administração de Empresas pela PUCRS

*"Gostaria homenagear meus amigos Eric Serafini, Diego Lacerda, Falciano David e Marcio Carvalho, que se formaram comigo, no dia 15 de agosto, na Faculdade de Tecnologia do Senac. Depois de três anos batalhando juntos vai ficar a saudade."*



**Marisla Basso Bruat**, analista de sistemas, de Porto Alegre

*"Ananda e Bruno nos proporcionaram imensa alegria em sua formatura em Administração pela Faculdade Integrada São Judas Tadeu em agosto. Em seu discurso, Bruno anunciou seu casamento, que ocorreu no dia seguinte, para completar a felicidade. Parabéns aos dois, sucesso, compaixão e amor!"*




**Glauê Macali**, de Porto Alegre

Se você quer enviar uma foto ou contar a emoção no momento da conquista do diploma de Ensino Médio e Superior mande seu relato em um texto de até 20 linhas para [www.zerohora.com/blogdasformaturas](http://www.zerohora.com/blogdasformaturas). Não esqueça de mencionar o curso e a data da cerimônia.

Figura 45: Coluna jornalística especializada em formaturas  
 Fonte: Zero Hora, quarta-feira, 16 de setembro de 2009.





*Formando*

*Festa de Formatura não é só uma festa, mas uma passagem para um novo ciclo de vida.*

*O Di Basi é uma casa preparada para promover, organizar e produzir eventos em seu espaço próprio.*

*Com uma equipe de profissionais, cada detalhe é planejado passo a passo, escolhemos seus parceiros e fornecedores, a fim de atingir o seu objetivo, com qualidade e segurança para que este dia seja marcante, como a data merece ser!*

*Antes de escolher o local do seu evento, venha conhecer o Di Basi Espaço Gastronômico, agende um horário pelo fone: 51 3362.4040.*

Av. Calrú, 1487 - Bairro São João  
Porto Alegre/RS - Fone/Fax: (51) 3062.4040  
[www.dibasi.com.br](http://www.dibasi.com.br)

**DI BASI**  
ESPAÇO GASTRONÔMICO

Figura 46: Cartaz divulgando local de evento para formatura  
Fonte: Arquivo particular.



# Look formatura

**Xico Gonçalves**  
xicoli@terra.com.br

Muitos leitores escreveram com dúvidas sobre o que vestir nas inúmeras festas de formaturas que acontecem no final de ano. O "look formatura" é sempre preocupação. Afinal, é um evento solene, mas que envolve uma galera jovem em uma festa com características pouco ortodoxas, diferente de um casamento ou baile onde todos vestem roupas formais.

## Colação de grau

- Escolha roupas sem volume ou babados, para não amontour embaixo da beca, e sandálias ou sapatos confortáveis.

## Missa

- Vista roupas discretas, sem decotes ou comprimentos ousados, respeitando o ritual. O look pode ser sofisticado, mas sem afetação ou brilhos inteiros.

## Coquetel

- Se a colação e o coquetel rolarem no mesmo dia, escolha uma roupa sem detalhes que avolumem embaixo da beca.

## Baile

- É permitido mais sofisticação e luxo na escolha do vestido de comprimento longo ou vestido coquetel (curto e sofisticado).

## Visual dos Formandos

### Homens

- Para qualquer graduação, não dispense o tradicional traje e gravata. Os formandos de áreas mais criativas, como arquitetura, publicidade etc., podem expressar ousadia nas combinações de gravatas e modelagem das roupas. Quem for comprar roupa nova deve lembrar que o abotoamento atual é de dois botões, com corte ajustado e gravatas fininhas (slim).
- O tipo de trabalho acaba influenciando na formação do estilo pessoal das roupas. Um advogado, por exemplo, seguindo um código profissional de aparência, vai sempre vestir rou-

### Mulheres

- O tipo de festa após a formatura ajuda a definir o estilo das roupas. Se após o diploma, rolar jantar em casa ou restaurante, nada de superprodução.
- Roupas simples, chiques e com acessórios modernos fazem sempre bom efeito, independente do local da comemoração.
- Quem está organizando uma festa especial para depois da formatura deve vestir de acordo.

Figura 47: Matéria de moda voltada exclusivamente para a formatura  
Fonte: Zero Hora, Caderno Donna, domingo, 22 de novembro de 2009.

Atualmente a sociedade, principalmente os jovens, vem manifestando desejo em realizarem rituais e cerimônias que andaram em vias de extinção devido ao seu *demodismo* crescente nas três últimas décadas do século XX, quando se pregava a simplicidade e a objetividade, na idéia de que assim se deixava espaço para os verdadeiros sentimentos e mensagens. Casamentos, festas de debutantes, formaturas, todas cerimônias ricamente ritualizadas e performaticamente representadas. Não há garantia de duração do casamento mais caro do ano, nem a jovem de quinze anos está sendo apresentada à sociedade, tampouco o show de fogos é garantia de sucesso futuro ou qualidade de estudos.

A tônica é a tendência à simplificação. Muitas regras caíram sem desuso, outras são simplesmente ignoradas, mesmo na área diplomática profissional. De um lado a massificação de maneiras características da

elite contribuem também para criar uma certa confusão a respeito do assunto. O bom desempenho no emprego da etiqueta, do protocolo e do cerimonial exige educação, discrição e bom gosto (...) Deste panorama se excluem, pois, o exibicionismo em lugar inadequado e a ostentação que agride a sociedade. (LINS, 1991, p. 13)

Sou exatamente da transição destes dois momentos. Quando adolescente, pelos finais dos anos 1980, dentro do grupo de amigos ao qual pertencia, era questionável fazer ou mesmo ir a uma festa de quinze anos! Acreditávamos, baseados apenas no senso comum, que casamento era morar junto e que nada era para sempre. Passados dez anos, tive meu próprio ritual de formatura, com direito a festa, fui a inúmeras cerimônias de casamento e recebi convites de parentes para festas de quinze anos. Mais ainda, formaturas do ensino médio, básico e até pré-escola! Realmente, os rituais voltaram à moda. Ou será que a moda se apropriou de mais esse espaço para se lançar?

Acontece na vida real, acontece na televisão: o casamento é um ritual cada vez mais complexo, cheio de detalhes tão insignificantes quanto significativos. Na televisão a cabo, há programas, do tipo reality show, onde uma noiva estressada é acompanhada nos preparativos do seu dia de princesa (...) Na vida real, a preparação da cerimônia leva no mínimo meses: todo detalhe é importante, flores, roupas, champagne, comidas, luzes, devem se combinar numa apoteose em que cada item deve traduzir o amor dos noivos, selar a união. (CORSO, Zero Hora, quarta-feira, 14 de maio de 2008)

Podíamos certamente modificar o ritual para a formatura. Com as fotos apresentadas nesta dissertação observamos que a *apoteose* está em voga para eventos ritualísticos de diferentes naturezas.

Então, das páginas de livros escritos a partir de pesquisas acerca de conceitos e práticas, a fim de definir o que é um ritual e qual o seu valor social, às ruas e palcos, televisores e páginas de jornais, o que ocorre é uma transfiguração de seu uso. Por mais que se leia ou pronuncie que tanto o trote quanto a formatura são rituais, não há, necessariamente, uma reflexão sobre o que isso quer dizer. O conceito se popularizou e é pouco mais que um apelido associado à brincadeira ou festa, detentores da maior carga significativa relacionada ao trote e à formatura, respectivamente.



## 5 - *Grand finale*: O fechar das cortinas não encerra a atuação

*... uma grande quantidade de conhecimentos, quando não foi elaborada por um pensamento próprio, tem muito menos valor do que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada. Pois é apenas por meio da combinação ampla do que se sabe, por meio da comparação de cada verdade com todas as outras, que uma pessoa se apropria do próprio saber e o domina. Só é possível pensar com profundidade sobre o que se sabe, por isso se deve aprender algo; mas também só se sabe aquilo sobre o que se pensou com profundidade.*

*Schopenhauer (2008, p. 39)*

Como numa peça de teatral, quando fecham as cortinas e o público começa a deixar seus acentos, o espetáculo ainda existe, ainda tem mais que ser feito, o trote e a formatura não terminam no processo de transformação do jovem. Enquanto o trote marca a passagem, a mudança, no grau de estudos e dedicação, distanciando o adolescente do ensino médio do jovem universitário, a formatura o faz transformando este jovem em profissional. Mas esses rituais, como vimos, são simbólicos, presentificam eventos que os precede ou sucedem. Não garantem conhecimento total nem asseguram estabilidade profissional, por isso muitos recém formados regressam à universidade e continuam seus estudos.

Saem muito jovens. Se tu olhares os cursos de especialização é a mesma coisa, eles não saem da faculdade, vamos dizer assim. Eles terminam uma graduação e estão na especialização, alguns até em mestrado, dependendo. Se foi um bom aluno que se que o projeto de monografia tem condições de passar... tem alunos que fazem a seleção para o mestrado quando estão terminando a graduação, nesse ritmo. Por quê? Porque são muito jovens, não conseguiram... cada vez mais difícil o mercado de trabalho, hoje em dia a gente sabe, então eles já ficam na faculdade. (PROFESSORA, PRAC)

Na constatação da professora, a imaturidade e a dificuldade de colocação no mercado de trabalho dificultam a saída destes jovens da universidade. Por um lado ela representa um ambiente seguro, já conhecido, por outro, cada vez mais a universidade passa a absorver seus egressos, senão com contratos, com bolsas de estudos em pós-graduação.

A exigência de qualificação por parte do mercado de trabalho, a dificuldade de conseguir um emprego ou mesmo o amor pelos estudos estão provocando um crescimento

pela procura por cursos de pós-graduação. Mas o que fica evidente a partir das entrevistas é que isso ocorre principalmente no curso de pedagogia. Enquanto os formandos em direito e arquitetura tinham sua atenção mais concentrada na busca pelo emprego, as formandas em pedagogia garantiam o retorno à universidade. A relação direta com a formação é o que se pode observar. Sendo uma formação voltada para o estudo, o ensinar e aprender, o prazer e a necessidade de mais conhecimento apresentam-se quase naturalmente.

Não podemos ignorar que, ainda hoje, o exercício profissional do direito e da arquitetura não está voltado para as questões de titulação, enquanto que carreiras nas áreas da educação sim. A competitividade imposta pelo mercado de trabalho às duas primeiras carreiras está muito mais relacionada em âmbito prático, enquanto a terceira relaciona-se ao intelectual. Em outras palavras, executar um projeto ou defender uma causa, nestes casos, dizem mais que um título de mestre ou doutor.

Eu gostaria de dizer assim ó: mudei, mudei pra melhor, aprendi muita coisa, não só efetivamente, mas pessoalmente, assim de afetivamente, que tu conhece as pessoas. Que antigamente eu julgava, dava um pré-julgamento né, num primeiro impacto, num primeiro encontro com a pessoa. Agora não, agora eu aceito cada um do seu jeito e assim eu consigo convive melhor, mais social. (FORMANDA 1, Pedagogia)

Tu tens que corresponder à expectativa daqueles cinco anos de estudo, daquilo que tu aprendeste na faculdade. Tens que mostrar que tu não estavas aqui a passeio. (FORMANDA 8, Direito)

Eu tenho que mostrar que tenho capacidade de seguir sozinha.  
(FORMANDA 7, Direito)

...Eu acho que são as amigas, a turma que acaba convivendo mais até do que a própria família. E eu acho que também a época de maior amadurecimento. Eu sou uma pessoa absolutamente diferente do que de quando entrei aqui. Mais responsabilidades, muito mais adulta assim.  
(FORMANDA 4, Arquitetura)

5 – com certeza é a época do amadurecimento. Até no primeiro ano da faculdade a gente tá com a cabeça muito ligada no colégio assim. Então, além do ambiente novo e tudo, a nossa cabeça muda muito, a gente aprende muitas coisas. Eu acho que é um período de estudo dentro de um período de mudança de pessoa também. Então é uma mudança enorme.  
(FORMANDO 5, Direito)

O período de estudos universitários é um momento de amadurecimento e formação pessoal. É doloroso do ponto de vista do esforço e dedicação, muitas vezes pela própria verificação do fracasso e o empenho em superar-se. Nos depoimentos vemos o



reconhecimento do desafio, o desejo em superar os obstáculos e o regozijo com a conquista do diploma.

A universidade é um mundo privado, onde seu início e fim são marcados por rituais que lhes abrem as portas, em festas públicas. O trote marca seu começo, mas é com a formatura que a instituição e seus componentes dão à sociedade a satisfação necessária para que esta continue acreditando na necessidade de existência da universidade.

A formatura, como observado, é uma festa performática, que extravasa sentimentos, comunica conquistas e anuncia futuros profissionais. É neste ritual que o jovem se despede da vida de estudante para encarar a de profissional. Mas nos últimos anos houve um processo de contextualização desta festa e até mesmo do próprio significado do diploma. Atualmente, com a mercantilização, estes rituais tomaram rumos muito mais midiáticos do que expressões da significação pessoal/coletivo, são agora *megaeventos* (figura 48). A festa, a roupa, a banda, as fotos são mais relevantes que os anos de estudo, a conquista do diploma e a preparação para a vida profissional. Questões como dificuldade de colocação no mercado de trabalho acabam por infiltrarem-se no valor agregado à festa.

Outros elementos unem-se para alterar o significado destes rituais: a violência que vem sendo progressivamente banalizada pela sociedade; a vanguarda dos meios de comunicação, que vendem a idéia de sucesso a partir da exposição midiática; a crise na educação, que mais e mais mantém o conhecimento na sua superficialidade; a falta de ofertas de emprego, não garantindo ao formando sua colocação profissional no mercado de trabalho; e a proliferação de centros universitários, fazendo com que a formatura seja usada pela própria instituição como jogada de marketing, transformando a educação superior num bem de consumo a ser vendido e não conquistado.

# A era das megaformaturas

## O espetáculo do grand finale

As cerimônias de conclusão de curso deixaram de ser tímidas formalidades para assumirem ares de superprodução



Os locais onde as festas são realizadas sofrem uma radical transformação, com espaço para paisagismo exclusivo, iluminação especial, serviço de bufê e área VIP reservada apenas aos formandos

EDUARDO GARBI •  
PRISCILA CARVALHO

Esqueça tudo o que você sabe sobre festas de formatura. Agora, pense em piscina de bolinhas, fliperama e videogames. Foi-se o tempo em que essas cerimônias se resumiam a meras formalidades em que as famílias confraternizavam com os "pimpolhos" o final de mais uma etapa da vida.

Hoje, o foco é outro. Se antes o grande alvo eram os pais, tios e avós, atualmente são os formandos que ditam as regras. As festas de formatura se transformaram em megaeventos para comemorar a trajetória vitoriosa de quem ralou muito durante o ano. E essa galera que suou a camisa não quer nada menos do que uma festa inesquecível e de proporções gigantescas.

— A formatura é uma data única. A

maior justificativa do pessoal que termina o Ensino Médio é que se trata da última oportunidade para reunir os amigos de longa data e, juntos, fazer uma festa — observa Albert Kripka, diretor da Produtora Guadalajara, uma das mais solicitadas da Capital.

Por conta dessa demanda da galera e da profissionalização do mercado, surgiram algumas empresas especializadas nesse nicho. O que elas proporcionam de tão especial? Realizam a festa dos sonhos — e os pedidos mais inusitados — de jovens e adolescentes.

As formaturas de hoje têm como atração DJs famosos, como Fabrício Peçanha, que tocou até no palco principal do Planeta Atlântida. São realizadas em locais antes reservados apenas a eventos para até 6 mil pessoas, como o Pepsi On Stage. Sem falar em toda a ambientação da área VIP, espaço reservado apenas aos formandos.

Na lista dos pedidos mais inusitados figuram piscina de bolinhas, vide-

**KZUKA**  
NA ZERO

ogames (para jogar em telões), touro mecânico e bufê de café da manhã. Segundo Kripka, é na área VIP que todas as forças estão concentradas.

— Elas têm de ser impressionantes, brilhantes, interativas, cheia de atrações. A área VIP é uma festa à parte.

No caso das formaturas de cursos superiores, também há uma tendência de quebra de tradições. São cada vez mais comuns as turmas que optam por fazer um convite divertido ou uma festa temática. Sócio da POA Produções, uma das empresas que mais promovem formaturas no Estado, Paulo Rogério Garcia cita uma turma de Publicidade e Propaganda que teve como tema da celebração "desenhos animados dos anos 80".

A criatividade surge até na hora de

arrecadar fundos para a festa. Muitas rifas têm como prêmio uma noite em um motel. Teve até uma turma que sorteou uma noite completa em uma casa de strip-tease de Porto Alegre.

A rifa da turma da formanda em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Estado Bruna Caldeira da Silva tinha como prêmio uma máquina fotográfica, mas também serviu para ajudar na contratação de uma cantora e um saxofonista para um momento surpresa da colação de grau. A família de cada aluno gastou R\$ 372 na cerimônia. Os que optaram por participar de um baile coletivo desembolsaram mais R\$ 340. Sem contar as recepções individuais, como a que Bruna oferecerá para 50 amigos e familiares em um clube da Capital. Para tanto, desembolsará cerca de R\$ 1 mil.

— É nossa última festa. Quero marcar bem marcadinha esta formatura — brinca Bruna.

Apesar de abafados pela nova era

das megaformaturas, os defensores das cerimônias tradicionais ainda se fazem ouvir. É o caso de Vanderlei Stumpf, 53 anos, que vai acompanhar a colação de grau do filho Demoncei Stumpf. A turma da Engenharia Civil da Universidade de Passo Fundo escolheu o trio colação-jantar-baile para comemorar. A entrega dos diplomas será no salão nobre da universidade, e o baile, no Clube Juvenil.

— Tem de ser como manda o figurino — defende Vanderlei. — Todos engratados e com muita emoção.

• juda@kzuka.com.br  
• priscila@kzuka.com.br

**ZERO HORA.COM**

Os formandos Judy Suen e Otávio Chagas relatam a preparação para o dia da diplomação em [www.zerohora.com/blog/megaformaturas](http://www.zerohora.com/blog/megaformaturas)

Figura 48: A superprodução em que se transformou a formatura  
Fonte: Zero Hora, 27 dez. 2008, p. 4

Ainda sim, o trote e a formatura fazem parte dos meios que as sociedades desenvolveram ao longo dos séculos para reforçarem a identidade cultural as quais pertencem. São nas festas que os hábitos particulares de cada sociedade são reafirmados e seus valores transmitidos. A formatura e o trote, como o casamento ou a festa junina, nos dizem quem somos, onde estamos e nos dão alguma idéia de para onde estamos indo.

O que restou dos rituais medievais na atualidade? Em primeiro momento devemos levar em conta ainda existência deles, como herança destes processos que ocorrem há quase oitocentos anos. Não são mais os mesmos, mas mantém alguma sintonia com o passado.

Compreendemos, portanto, que esses rituais, assim como servem para manter vivo um *habitus*, capaz de gerar identidade social através da manutenção da memória, eles também passam a resultantes do processo pelo qual viveram, em relação à construção da sociedade na qual estão imersos. Mesmo que sua simbologia seja a de recorrer ao mito ancestral, onde a primeira vez o ritual teria sido executado e agregado àquele grupo social, ele não omite os elementos que foram incorporados durante os séculos de sua prática, assim como a supressão de elementos pertencentes ao evento original, mas que o tempo fez com que seu sentido ou utilidade fossem anulados.

Necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma, o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, Realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente das condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto das práticas de um agente – ou do conjunto dos agentes que são o produto de condições semelhantes – são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos – ou mutuamente convertíveis – e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida. (BOURDIEU, 2008, p. 163)

É esta capacidade do *habitus*, de transpor a si mesmo no tempo ou no espaço, que permitiu a conservação e adaptação destes rituais. Ao trote foram agregados elementos diretamente associados à época e lugar, principalmente ao que se refere às ações solidárias, por ser este conteúdo de campanhas políticas e institucionais brasileiras, já nos últimos quinze anos. À formatura observa-se a retomada do glamour do ritual, valorizando a festa e sua possibilidade de exposição.



Para a sociedade brasileira contemporânea, a universidade ainda é um mundo a parte, reservado para as elites e representando ascensão social, cultural e econômica, mais ou menos conforme o curso. Esta importância dada à conquista da vaga universitária e posteriormente ao diploma profissional, favoreceram a perpetuação dos rituais medievais apresentados nesta pesquisa. Todavia, as mesmas razões provocam uma espécie de esvaziamento, transformando o trote em violência refratária da sociedade, ou em ato solidário descolado de seu conceito fundamental, já apresentado nesta dissertação; enquanto a formatura, acima da legitimação cerimonial do grau acadêmico, converteu-se em espetáculo midiático e performático.

Neste contexto de *releitura* dos rituais de passagem da universidade a própria instituição vive, nos últimos vinte anos, a sua própria busca de identidade. Não que não se saiba o seu significado ou que o tenha perdido, mas que sua relação com a dinâmica social esteja rompida. A pergunta que fica é dialógica: que universidade, para qual sociedade? (ESCOTET, 199-?)

Vivimos en un período histórico de profundas transformaciones sociales sin que existan uno o varios horizontes utópicos hacia donde dirigir el esfuerzo transformador. La sociedad avanza a un ritmo muy superior al de sus propias estructuras. La universidad reacciona por detrás de los acontecimientos. La universidad contemporánea debe reconocer y actuar en consecuencia con la diversificación de las sociedades en el mundo, la composición cada vez más multicultural de éstas, las características de la masificación, las estructuras de comunicación e información, la incorporación de tecnologías en la vida cotidiana, la reducción de la distancia entre lo público y lo privado (...) la movilidad geográfica y cultural, la mutación sin pausa de la sociedad definida por la incertidumbre y la complejidad y la reducción del Estado-nación por superestructuras regionales, económicas y sociales. Todo ello conforma una globalidad epistemológica a la que se le ha venido llamando “explosión del conocimiento”.(Idem, p. 23)

O que se procura entender é, em essência, o quanto da crise sentida agora é um processo de esgotamento da função social da instituição ou de transformação em algo adaptado ao mundo atual. A transformação dos atores sociais que caracterizam a universidade, a partir de sua expansão ao final do século XX, provoca uma reorganização da estrutura universitária a qual estamos acostumados.

Tradicionalmente conhecida como local de transformação do indivíduo leigo em intelectual, o processo de expansão, que carrega consigo a massificação de seus meios,

provoca um conflito com a própria premissa da universidade: como aperfeiçoar com desqualificação? Este conflito ganha volume quando compreendemos que, mesmo tendo a função de profissionalizar, de transformar pessoas a partir do estudo e do conhecimento, a universidade não opera milagres.

Los Estudiantes son parcialmente irreductibles a su clase de origen, e incluso a su condición y su práctica (siempre estrechamente ligadas a su origen), porque, novicios de la inteligencia, se definen por *la relación* que mantienen con su clase de origen, su condición y su práctica y porque, aspirantes a intelectuales, se esfuerzan por vivir esa relación según los modelos de la clase intelectual, reinterpretados por la lógica de su condición. (BOURDIEU e PASSERON, 2009, p. 63)

Então, em termos de Brasil, a ampliação de vagas em nível universitário, questão necessária para o crescimento do número de profissionais com nível superior, entra em choque com questões de origem cultural, qualificação profissional de docentes e preparo pessoal de discentes.

Hoje tu querendo tu entra, pode não ser no que tu queria, mas tu entra, tu é uma aluna universitária por um custo razoável (...) no geral tu tens uma vaga pra ti em algum lugar. Isso também faz com que mude o perfil do aluno. Ele não tem tanta aquela preocupação, ele termina o segundo grau e agora, o que eu vou fazer? Qualquer coisa eu entro numa faculdade qualquer aí. Eu acho que uma série de coisas colaboram, e aí a gente entra até na estrutura familiar mesmo, é muita coisa que colabora, não é só a idade. (PROFESSORA, PRAC)

No Brasil há outra situação na atualidade que envolve a expansão universitária. Em censo realizado em 2008 pelo Ministério da Educação (MEC) e divulgado ao final de novembro de 2009 (ZERO HORA, 28 de novembro de 2009, p. 46), o aumento de vagas para o ensino superior não garante a formação universitária. O baixo índice de conclusão dos cursos, pouco mais de 40%, indica que não basta ingressar em uma universidade, conseguir manter-se estudando até a formatura é outro desafio. Necessidade de trabalhar durante o período de estudos, dificuldade no pagamento de mensalidades, de locomoção, de aquisição de material, desestímulo em enfrentar dificuldades na aquisição do conhecimento, as causas da desistência são muitas e o difícil é saber como superá-las. A expansão deve também compreender a permanência do jovem acadêmico e a conclusão no curso escolhido, senão as universidades acabarão com salas cheias de cadeiras vazias, como já vem acontecendo.

Para o povo brasileiro, mudar sua condição de vida depende do grau de instrução. Em matéria jornalística (CORREIO DO POVO, 06 de dezembro de 2009, p. 19), onde apresenta o Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional 2009/2010, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a maioria dos cidadãos brasileiros acredita que é por meio da educação que a vida poderia melhorar. Somando esta visão ao quadro apresentado anteriormente de desistências, encontramos uma situação muito delicada: se por um lado é a educação capaz de garantir uma melhor qualidade de vida, por outro para se conseguir concluir a jornada de estudos acadêmicos necessita-se que haja uma melhora nas condições de vida. Qual o cenário onde este conflito ocorre? Na universidade. Mais uma tarefa para a já tão assoberbada instituição. Mas é essa distinção, a de proporcionar uma elevação dentro da sociedade, que ainda garante ao universitário um melhor status.

Entramos na idéia de esvaziamento do trote como indicador de distinção<sup>22</sup> ou da transformação do diploma em mercadoria. Aumento de vagas, diversificação de cursos e criação de universidades em quantidades consideráveis não significam a expansão do direito à formação acadêmica, se não a massificação de sua estrutura. Não que a expansão seja inviável, mas questões como qualidade e desenvolvimento devem ser respeitadas. É uma ilusão acreditar que produzindo mais profissionais estaremos desenvolvendo o país. O processo não pode estar separado da pesquisa, do desenvolvimento tecnológico e da relação da produção acadêmica com o meio social.

Por fim, é saber que não há um fim, que desta pesquisa muitas outras se desdobram, que a ela mesma pode dar-se continuidade. Do medievo poderíamos concentrar atenção no processo de formação das *nações*; na mobilidade acadêmica; na diversificação das universidades, cursos ou currículos; ou ainda, quanto à contemporaneidade, pesquisar sobre a extensão acadêmica; a massificação da universidade; da mobilidade docente e discente; a universidade nos meios de comunicação; as festas de reencontro de formandos. Possibilita analisar questões apenas apontadas nesta pesquisa como as transformações dos intelectuais acadêmicos na Idade Moderna; o perfil de estudantes universitários durante a

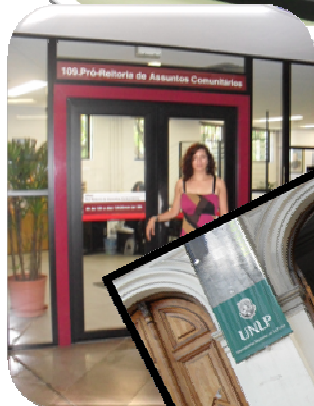
---

<sup>22</sup> Bourdieu, em sua obra intitulada *A distinção*, argumenta que ao longo da história sempre houve uma diferenciação entre os indivíduos letrados, pertencentes ao grupo de cultura privilegiada, e os não letrados, desvinculados da escola e de espaços de cultura entendida como superior, que é o caso de museus, teatros e universidades. (BOURDIEU, 2008).

universidade humanista ou napoleônica; por fim, impossível elencar todas as possibilidades de outras pesquisas que uma dissertação, que *esta* dissertação sugere.

Antes de encerrar, como em toda grande produção, há um *making off*. O que coube a esta dissertação são as fotos dispostas na próxima página, em que registram alguns dos *sets* utilizados na elaboração da pesquisa. As faculdades dos três cursos pesquisados, a estada em La Plata, os setores responsáveis pelo ingresso dos calouros ou pela formatura, a biblioteca que forneceu inúmeras obras utilizadas aqui, enfim, um pequeno registro do imenso e prazeroso trabalho que é a construção e fundamentação de uma pesquisa.

Na relação dialógica entre pesquisa e mundo, este é o resultado desejado: a construção de uma porta que dará acesso a diferentes objetos para análise em tantos outros ângulos. Apropriar-se do conhecimento investigado é construir seu próprio conhecimento, como argumentou Schopenhauer ao início deste bloco, sendo, portanto, um processo contínuo. Porém, chegar ao ponto determinado como sendo o final de uma pesquisa, é indescritivelmente gratificante, mesmo que venha envolto numa certa sensação de perda, de término. Não há como não desejar atirar para o alto o barrete ou sair pelas ruas com a cara pintada e a roupa rasgada, a superação de uma etapa é uma catarse de emoções que só a experiência pode testemunhar. Ainda assim sabemos que esta superação implica no começo de outra fase, de uma nova empreitada, que então me provoca a idéia de não usar um ponto final e sim reticências...





**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2001.

AUSTEN, Jane. *Razão e sensibilidade*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

\_\_\_\_\_. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

AZEVEDO, Thales de. *Ciclo da vida: ritos e ritmos*. São Paulo: Ática, 1987.

BARBIERI, Ivo. “Apresentação”. In: LÁZARO, André (org). *Visão e ação: a universidade no século XXI*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 7 – 13.

BARCA, Pedro Calderón de la. *O grande teatro do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BASTOS, Maria Helena Camara. “Pense globalmente, pesquisa localmente? Em busca de uma mediação para a escrita da história da educação”. In: MENDONÇA, Ana Waleska Campos Pollo; ALVES, Claudia; GONDRA, José Gonçalves; XAVIER, Libânia Nacif; BONATO, Nailda Marinho da Costa (orgs). *História da educação: desafios teóricos e empíricos*. Niterói: EdUFF, 2009.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BIXOS pedem para levar trote. **Zero Hora**. Porto Alegre, 7 mar. 2009.

BOAVENTURA, Edivaldo M. *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese*. São Paulo: Atlas, 2004.

BORGES, Jorge Luis. *El reloj de arena*. In: BERIAIN, Josetxo e LANCEROS, Patxi (comps). *Identidades Culturales*. Bilbao: Universidade de Deusto, 1996.

BORON, Atilio A. “Prólogo”. In: SEGRERA, Francisco López. *Escenarios mundiales de la educación superior: análisis global y estudios de caso*. Buenos Aires: CLACSO, 2006, P. 9 – 12.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Cosas dichas*. Barcelona: Gedisa, 1988.

\_\_\_\_\_. *El sentido práctico*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007a.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

\_\_\_\_\_. *A Distinção: crítica social do julgamento*, Porto Alegre, Editora Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. *Intelectuales, política y poder*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Los Herederos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Vulgaridade*. Zero Hora, Porto Alegre, 23 nov. 2009, Segundo Caderno, p. 5.

CARON, Jean-Claude. “Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc. XVII – fim do séc. XIX)”. In: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 137 – 194.

CHARLE, Christophe e VERGER, Jacques. *História das universidades*. São Paulo : Editora UNESP, 1996.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COBRA, Rubem. *Boas-maneiras, etiqueta e cerimonial: suas definições e seu lugar na filosofia*. Brasília: Editora Valci, 2002.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta, 1993.

COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 6 dez. 2009.

CORSO, Diana. *Noivos nervosos*. Zero Hora, Porto Alegre, 14 maio 2009, Segundo Caderno, p. 6.

CROSBY, Alfred W. *A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental – 1250-1600*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CUNHA, Eduardo Leal. *Indivíduo singular plural: a identidade em questão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

\_\_\_\_\_. “As regras do método sociológico”. In: GIANNOTTI, José Arthur (org). *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ELIADE, Micea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELSTER, Jon. *Peças e engrenagens das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Relme Dumará, 1994.

ÉPOCA, São Paulo, 16 FEV. 2009.

ESCOTET, Miguel Ángel. *Universidad y devenir: entre la certeza y la incertidumbre*. Buenos Aires: Lugar, 199-?.

ESPECIAL FORMATURAS. Informa comercial. Porto Alegre, 9 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Informa comercial. Porto Alegre, 10 nov. 2009.

ESTILO anos 80. **Zero Hora**. Porto Alegre, 16 set. 2009.

FRAGOSO FILHO, Carlos. *Universidade e sociedade*. Campinas Grande: GRAFSET, 1984.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GARAGALZA, Luis. “El simbolismo em la actualidad”. In: BERIAIN, Josetxo e LANCEROS, Patxi (comps). *Identidades Culturales*. Bilbao: Universidade de Deusto, 1996.

GARBI, Eduardo e CARVALHO, Priscila. A era das megaformaturas: o espetáculo do grand finale. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28 nov. 2009.

GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GAUER, Ruth M. Chittó. “Conhecimento e aceleração (mito, verdade e tempo)”. In: GAUER, Ruth M. Chittó (org). *A qualidade do tempo: para além das aparências históricas*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004, p. 1 – 16.

GOFFMAN, Erving. *Estigm: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GOLDMAN, Simão. *A civilização do consumo em massa (entre a flor e o parafuso)*. Brasil: Artes & Letras, 1970.

GONÇALVES, Chico. Look formatura. **Zero Hora**. Porto Alegre, 22 nov. 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. “Festa, trabalho e cotidiano”. In: JANCÓS, István e KANTOR, Iris. *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. Volume II. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ISTO É, São Paulo, 21 jan. 2009.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE GOFF, Jacque e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Tomo II, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Bauru: EDUSC, 2002.

LINS, Augusto Estellita. *Etiquete, protocolo e cerimonial*. Brasília: Linha Gráfica, 1991.

MACLAREN, P. *La escuela como una performance ritual*. México: Siglo XXI, 1995.

MARTINS, Rui Cunha. *O método da fronteira: radiografia histórica de um dispositivo contemporâneo (matrizes ibéricas e americanas)*. Coimbra: Edições Almeida, 2008.

MATTA, Roberto Augusto da. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAUGHAM, William Somerset. *O fio da navalha*. Porto Alegre: Globo, 1945.

\_\_\_\_\_. *Servidão humana*. Volumes I e II. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MENESES, María Piedad Rangel. *Redes sociais – pessoais: conceitos, práticas e metodologia*. 2007, 136 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. PUCRS, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Maity, 2004.

MONTEJNO, Bernardino. *La universidad*. Buenos Aires: Gherzi, 1997.

MORAW. Peter (s/d). “Carreiras profissionais dos diplomados pelas universidades”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 243-278.

MOTTA, Roberto. “Prefácio à edição brasileira”. In: RIVIÈRE, Claude. *Os rituais profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 7 – 23.

OLIVEN, Arabela Campos. *A marca de origem: comparando colleges norte-americanos e faculdades brasileiras*. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, nº 125, maio/ago 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttextpid=S0100-15742005000200007&lng=em&nrm=isso&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextpid=S0100-15742005000200007&lng=em&nrm=isso&tlng=PT)

OLORÓN, Cecilia. “Imágenes de unos rituales escolares”. In: GVIRTZ, Silvina (comp.). *Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuarios, espacios, lenguajes, ritos y modos de convivencia en nuestra escuela*. Buenos Aires: Santillana S. A., 2005.

PARTICIPAÇÃO social. **Zero Hora**. Porto Alegre, 13 abril 2009.

PINTO, Álvaro Vieira. *A questão da universidade*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

PRANDI, Reginaldo. *Os favoritos degradados: ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil de hoje*. São Paulo: Loyola, 1982.

PRIGOGINE, Ilya. *O nascimento do tempo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

PUCRS INFORMAÇÃO. Assessoria de Comunicação Social, Porto Alegre, ano XXXII, nº 144, maio-junho de 2009.

QUAL o seu jeito de comemorar? **Zero Hora**. Porto Alegre, 18 mar. 2009.

RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Europa do princípio da Idade Moderna (1500 – 1800)*. Vol. II, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

RIVIÈRE, Claude. *Os rituais profanos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROSA, Maria Cristina; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis e QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. *Festa, lazer e cultura*. Campinas: Papirus, 2002.

ROSSATO, Ricardo. *Universidade: nove séculos de história*. Passo Fundo: Edupf, 1998.

RÜEGG, Walter (s/d). “Prólogo”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. XVII – XXIV.

\_\_\_\_\_. “Temas”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 3-31.

\_\_\_\_\_. “O alvorecer do humanismo”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 445 – 470.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

SAVIANI, Dermeval. “Breves considerações sobre fontes para a história da educação”. In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: PUCPR; Palmas: UNICS; Ponta Grossa: UEPG, 2004, p. 3-12.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever* Porto Alegre: LP&M, 2008.

SCHWINGES, Rainer Christoph. “A admissão”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996 pp. 171-193.

\_\_\_\_\_. “Formação dos estudantes e vida estudantil”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 195-242.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SIBILA, Paula. *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

SILVA, Carmem Silvia Bissolli. *Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SPEAKMAN JR, Cummins E. *Intercambio educativo internacional*. Buenos Aires: Troquel, 1968.

STEINER, George. *Lições dos mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2005

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Evilázio. *Tradição e inovação: um desafio para a universidade do século XXI*. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 65-70, jan./abr. 2009.

TROTE solidário: pratique essa idéia. **Zero Hora**. Porto Alegre, 18 mar. 2009.

TROTE violento pode dar multa. **Zero Hora**. Porto Alegre, 25 fev. 2009.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAIN, Pablo. *Los rituales escolares y las prácticas educativas*. POSADAS: Universidad Nacional de Mision, 1997.



VELLOSO, Ana. *Cerimonial universitário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

VERGER, Jacques. “Modelos”. In: RIDDER-SYMOENS, Hilde de. *As universidades na Idade Média*. Vol. I, série Uma história da universidade na Europa. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 34 – 71.

\_\_\_\_\_. *Cultura, ensino e sociedade no ocidente nos séculos XII e XIII*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. “Universidade”. In: LEGOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Tomo II. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Bauru: EDUSC, 2002, p. 573 – 588.

VILLARROYA, Antonio Ariño. *Sociologia de la cultura: la constitución simbólica de la sociedad*. Barcelona: Aril, 1997

WALLERSTEIN, Immanuel. *Las incertidumbres del saber*. Barcelona: Gedisa, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. *Ancorando quadros de formatura na história institucional*. ANPED, Caxambu, 2005. Disponível em: <http://anped.org.br/reunioes/28/textos/gt02/gt02-322--int.rtf>

\_\_\_\_\_. *Histórias das instituições escolares: de que se fala?* In: LOMBARDI, José Claudinei & NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: PUCPR; Palmas: UNICS; Ponta Grossa: UEPG, 2004, p. 13 – 35.

**Zero Hora**. Porto Alegre, 27 dez. 2008.

**Zero Hora**. Porto Alegre, 8 abril 2009.

ZUIN, Antônio Á. S. *O trote universitário: passagens de um rito de iniciação*. São Paulo: Cortez, 2002.

## APÊNDICES:

### APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo “OS RITOS DE PASSAGEM NA UNIVERSIDADE: CANAIS DE LIGAÇÃO ENTRE A SOCIEDADE E O MUNDO ACADÊMICO” tem como um de seus objetos de pesquisa as cerimônias de formatura dos cursos de arquitetura, direito e pedagogia, todos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Para que seja desenvolvido, contamos com sua colaboração em uma entrevista individual, e/ou na forma de imagem por meio de doação ou permissão de coleta de fotografia.

Eu, \_\_\_\_\_, recebi informação de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a forma como eu participarei dessa pesquisa, sem ser obrigado a responder eventuais questões que considero sem importância ou invasivas. Sei que o uso das informações ou imagens fornecidas por mim para este estudo serão utilizadas como fonte de pesquisa, podendo ser anexadas integral ou parcialmente no trabalho de conclusão, definido como dissertação, ou em qualquer outro meio que dela possam derivar (artigo – acadêmico ou jornalístico, livro, revista, entre outros).

A pesquisadora RENATA LERINA FERREIRA RIOS, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, assegura que eu, como entrevistado, não terei a minha imagem ou nome vinculados ao meu depoimento, ou serei de qualquer forma prejudicado pela pesquisa.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento e que este formulário foi lido pelo pesquisador, enquanto eu estava presente.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Assinatura do colaborador \_\_\_\_\_

Renata Lerina Ferreira Rios \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FORMANDOS

Idade: Sexo: Curso:

A. Trabalha? ( ) Não ( ) Sim: Qual área ou função?

B. Sempre quiseste fazer este curso? ( ) Sim ( ) Não: qual outro:

C. Participaste do trote? ( ) Sim ( ) Não: Por que?

D. O trote é para você... (marque quantas alternativas quiseres)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Uma brincadeira;                      | <input type="checkbox"/> Um momento de aproximação entre os universitários; |
| <input type="checkbox"/> Um rito;                              | <input type="checkbox"/> Uma paródia sobre a vida dentro da universidade;   |
| <input type="checkbox"/> O exercício de poder pelos veteranos; | <input type="checkbox"/> A apresentação do calouro;                         |
| <input type="checkbox"/> Uma festa;                            | <input type="checkbox"/> Uma forma de humilhação;                           |
| <input type="checkbox"/> Uma violência;                        | <input type="checkbox"/> Um ritual de boas vindas;                          |
| <input type="checkbox"/> O início da vida acadêmica;           |   |
| <input type="checkbox"/> Uma mudança de status social;         |   |

E. O que significa para ti os anos de faculdade? (marque quantas alternativas quiseres)

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> A formação profissional;        | <input type="checkbox"/> Muitas festas;            |
| <input type="checkbox"/> O amadurecimento pessoal;       | <input type="checkbox"/> Uma perda de tempo;       |
| <input type="checkbox"/> Momentos de convívio social;    | <input type="checkbox"/> Descobertas pessoais;     |
| <input type="checkbox"/> O desenvolvimento de pesquisas; | <input type="checkbox"/> Uma obrigação familiar;   |
| <input type="checkbox"/> Muito estudo;                   | <input type="checkbox"/> Um dever social;          |
| <input type="checkbox"/> Momentos de convívio familiar;  | <input type="checkbox"/> A realização de um sonho; |
| <input type="checkbox"/> Engajamento político;           | <input type="checkbox"/> Mais uma etapa na vida;   |

F. A formatura é para você... (marque quantas alternativas quiseres)

- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> O encerramento dos estudos acadêmicos; | <input type="checkbox"/> Uma satisfação à família e sociedade;   |
| <input type="checkbox"/> Uma festa;                             | <input type="checkbox"/> O anúncio de sua formação profissional; |
| <input type="checkbox"/> Um rito;                               | <input type="checkbox"/> O fim dos anos de estudo;               |
| <input type="checkbox"/> Uma futilidade;                        | <input type="checkbox"/> Uma consequência da graduação;          |
| <input type="checkbox"/> Uma obrigação;                         | <input type="checkbox"/> Uma ostentação vulgar;                  |
| <input type="checkbox"/> Uma conquista;                         | <input type="checkbox"/> Uma despedida;                          |
| <input type="checkbox"/> Um direito;                            | <input type="checkbox"/> O começo da vida profissional;          |
| <input type="checkbox"/> O significado da graduação;            |  |

## APÊNDICE 3 – LISTA DE ENTREVISTAS

- I. Data: 13/01/2009  
Local: Salão de Eventos da PUCRS  
Entrevista com as formandas 1 e 2
- II. Data: 13/01/2009  
Local: Salão de Eventos da PUCRS  
Entrevista com a formanda 3
- III. Data: 14/01/2009  
Local: Salão de Atos da PUCRS  
Entrevista com os formandos 4, 5 e 6
- IV. Data: 19/01/2009  
Local: Salão de Eventos  
Entrevista com as formandas 7 e 8
- V. Data: 05/05/2009  
Local: PRAC  
Entrevista com a funcionária
- VI. Data: 07/05/2009  
Local: PRAC  
Entrevista com a professora
- VII. Data: 19/05/2009  
Local: Faculdade de Direito  
Entrevista com o professor
- VIII. Data: 28/05/2009  
Local: Faculdade de Educação  
Entrevista com a professora e a secretária

**ANEXOS:****ANEXO 1 – LISTA DE PRODUTORAS CADASTRADAS PELA PUCRS 2009/2010**

<p><b>Di Foccus – Produções</b></p> <p>Tel: 3333-7810/3333-7553</p> <p>R. Santa Teresinha, 177</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.difoccus.com.br">www.difoccus.com.br</a></p>	<p><b>Imagem Produtora</b></p> <p>Tel: 51 3029 6555</p> <p>Av. Cristovão Colombo, 881 Sala 303</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.imagemprodutoraformaturas.com.br">www.imagemprodutoraformaturas.com.br</a></p>
<p><b>Office Marketing</b></p> <p>Tel: 2108 3111</p> <p>Rua 17 de junho, 436</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.officemarketing.com.br">www.officemarketing.com.br</a></p>	<p><b>Yes Agência</b></p> <p>Tel: 3028 2722</p> <p>Rua Ernesto da Fontoura, 578</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.yesagencia.com.br">www.yesagencia.com.br</a></p>
<p><b>POA – Produções</b></p> <p>Tel: 3318 3501</p> <p>Rua Marcone, 565</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.poaproducoes.com.br">www.poaproducoes.com.br</a></p>	<p><b>TRI – Produções</b></p> <p>Tel: 3217 2028</p> <p>Rua José de Alencar, 1704 Sala 2</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.triproducoes.com.br">www.triproducoes.com.br</a></p>
<p><b>SP – Produções</b></p> <p>Tel: 3312 2400</p> <p>Rua João Telles, 542 Sala 403</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="http://www.sp-prod.com.br">www.sp-prod.com.br</a></p>	<p><b>Opinião College</b></p> <p>Tel: 3371 1348</p> <p>Rua: Lopo Gonçalves, 260</p> <p>Porto Alegre – RS</p> <p><a href="mailto:albano@opinião.com.br">albano@opinião.com.br</a></p>

## ANEXO 2 - ORGANIZAÇÃO DA CERIMÔNIA DE FORMATURA

### **Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários - PRAC**

#### **1) Paraninfo e homenageados**

A Comissão de Formatura deverá escolher, do quadro de professores e funcionários da Universidade:

um paraninfo;

um paraninfo espiritual;

dois professores homenageados;

e um funcionário homenageado.

Estes deverão compor a mesa oficial, com a Direção da Faculdade.

No caso de a Faculdade possuir mais de uma habilitação, os formandos devem escolher um paraninfo, um professor e um funcionário homenageados por habilitação para compor a mesa oficial com a Direção da Faculdade.

Oficiar através de Carta ao Diretor, indicando o nome do paraninfo, homenageados, orador e juramentista. Quando se tratar de convidados fora do corpo funcional da Universidade, o Colegiado da Unidade aprovará, ou não, a indicação dos nomes.

Encaminhar ao paraninfo e aos homenageados carta-convite para a solenidade.

Posteriormente, enviar o convite de formatura ao Diretor da Faculdade, ao paraninfo e aos homenageados.

#### **2) Entidades de classe relacionadas com a profissão**

A Comissão de Formatura deverá verificar com a Direção da Faculdade a necessidade de encaminhamento de documentação específica para as entidades convidadas. São consideradas entidades de classe: conselhos, sindicatos e associações.

#### **3) Troféu São Marcelino Champagnat**

Os formandos elegerão por voto secreto, no ensaio, o colega formando que entenderem ser o mais solidário, para receber o Troféu São Marcelino Champagnat. A divulgação do nome do indicado será feita durante a Cerimônia de Colação de Grau.

#### **4) Ensaio de formatura**

Caberá à PRAC marcar a data e horário do ensaio após a entrega da documentação pela Comissão de Formatura. Todos os formandos deverão comparecer ao ensaio, a fim de evitar constrangimentos na hora da cerimônia.

Também deverão comparecer ao ensaio: a Direção da Unidade Acadêmica, o secretário responsável pela cerimônia, o representante da empresa contratada e um representante da PRAC.

#### **5) Vestimenta de Formatura (*beca e barrete*)**

A PUCRS oferece o barrete e a beca aos alunos e professores homenageados. Além do(a) Diretor(a) da Faculdade, vestirão a beca o paraninfo e os homenageados, quando integrantes do quadro docente da Universidade. Esses serão identificados pelo uso do capelo, em cores distintas, de acordo com a área da primeira graduação.

## **6) Contratação de empresas de organização de eventos**

A Comissão de Formatura poderá ou não contratar empresa de organização de eventos, desde que seja empresa cadastrada na PRAC.

As turmas que não contratarem produtoras deverão contatar a PRAC, com três meses de antecedência, para as devidas providências.

Os alunos que optarem por colar grau sem os serviços da produtora contratada pela turma, deverão preencher formulário para colação de grau sem empresa produtora, na PRAC, dois meses antes da data da cerimônia.

A PUCRS não se responsabiliza pelos serviços prestados por empresas contratadas. Essas só poderão atuar no evento após cadastro, entrega dos documentos solicitados e participação em reunião coordenada pela PRAC.

A empresa, se contratada, deverá:

Participar do ensaio. No contrato deverá constar o compromisso de sua presença, bem como todos os recursos utilizados no mesmo.

Participar de reuniões junto à PRAC, para receber as orientações internas da Universidade.

## **7) Acesso ao espaço da cerimônia**

É proibido o uso de cornetas, apitos ou qualquer outro objeto sonoro, bem como faixas durante a sessão solene de formatura.

A entrada de garrafas/latas de bebidas com ou sem álcool não é permitida no ambiente da cerimônia.

Fonte: <[http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas/pracFormaturas\\_Organizacao](http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/AdministracaoSuperior/admsupPrac/pracFormaturas/pracFormaturas_Organizacao)>

## ANEXO 3 – TRÓFEU MARCELINO CHAMPAGNA

### Troféu São Marcelino Champagnat

Neste momento em que se comemora uma grande conquista na vida de cada aluno e de sua família, a PUCRS quer homenagear aquele aluno que, na opinião dos seus colegas de turma, destacou-se por ser:

- O mais amigo;
- Aquele que, nos momentos mais importantes, esteve presente na vida dos colegas, sendo atencioso e procurando ajudar de maneira humanitária;
- Enfim, o “amigo do peito” da turma.

A Universidade considera fundamental lembrar que não só o conhecimento construído é importante. Mais do que um lugar de estudo e aperfeiçoamento, a PUCRS procura garantir espaço para as relações de amizade e fraternidade entre aqueles que serão os agentes atuantes na comunidade. E por esse motivo, a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários criou o **TROFÉU SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT**, que será entregue ao aluno que, através de voto direto, foi escolhido como o símbolo da solidariedade da turma de **curso** de 2008, o colega\_\_\_\_\_.



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação ( CIP )**

R586q Rios, Renata Lerina Ferreira

Quando a universidade é uma festa : trote e formatura /  
Renata Lerina Ferreira. – Porto Alegre, 2010.

**176 f. : il.**

**Diss. (Mestrado em Educação) - PUCRS, Fac. de  
Educação, UNLP.**

**Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Camara Bastos .**

1. Educação. 2. Ensino superior. 3. Trote universitário.  
4. Formatura. I. Bastos, Maria Helena Camara. II. Título.

**CDD 378.1983**

**Ficha Catalográfica elaborada por**

**Sabrina Vicari**

**CRB 10/1593**